



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 14.º

SÁBADO, 26 DE DEZEMBRO DE 1970

AVENÇA

N.º 718

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO
LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 93156 AVULSO 2500

1971 - UM ANO DE ESPERANÇA E DE APELOS URGENTES

NESTA altura do ano, todos fazemos projectos, prevendo a realização dos nossos mais caros desejos no ano que principia. São mais 365 dias de esperança que vamos acalantar e que, provavelmente, fındarão sem ver realizados esses sonhos. No entanto, nunca

desistimos de pensar que alguma vez eles serão realidade.

Podemos transpor para os interesses provinciais esse tradicional hábito e perguntar: que desejaria o Algarve para 1971? Seria bom perguntar a cada presidente de Câmara de Barlavento a Sotavento e

decerto teríamos, no conjunto, a avalanche de necessidades de primeira grandeza de toda a Província.

Nessa impossibilidade, porém, podemos nós fazer previsões, prometendo não ser demasiado exigentes nem pessimistas. Desta vez, só nos referiremos aos problemas de primeira grandeza.

O Algarve aguarda ainda uma electrificação capaz em toda a sua extensão, convenientes abastecimentos de água e eficiente rede de esgotos. Sem isto, nada feito no que se refere ao turismo. Imediatamente a seguir, temos necessi-

(Conclui na 7.ª página)

NOTA da redacção

CHEGAMOS ao fim de mais um ano. Todos, nesta altura, fazemos o balanço dos acontecimentos e nem sempre ele se apresenta positivo.

Este ano de 1970, de esperança para muitos, acaba num grande clima de incerteza e de angústia. De um modo geral, as perspectivas não são encorajantes.

Há que enfrentar um futuro difícil, espinhoso e vencer numerosos obstáculos para poder subsistir. Não é fácil travar o combate do dia a dia perante a competição que em todos os sectores se desenha!

O jornalista, que acompanha os acontecimentos e assiste a esta autêntica luta pela sobrevivência sabe que a sua missão é de esperança, e não desespero, de fé e não de derrota.

Há que ressurgir de todas as intempéries e recobrar forças para

FIM DE ANO
BALANÇO DE VIDA

enfrentar novos destinos. Em todo o ser humano deve existir sempre um recanto de esperança e uma reserva de vigor que são chamados no momento preciso para evitar o naufrágio.

É certo que todos temos momentos de desânimo ou sentimentos a voragem de forças poderosas que não podemos controlar. Mas, passada a tempestade, surge mais intensamente a necessidade de continuar a lutar para sobreviver, acabando por vencer a crise, embora com algumas feridas.

Ao surgir um Novo Ano, julgamos ser este o caminho a apontar perante todas as dificuldades que possam aparecer. A confiança e a fé em nós próprios serão a melhor e mais corajosa vitória.

Janela do MUNDO

POUCAS SURPRESAS NO DOMÍNIO INTERNACIONAL

VARIAS interrogações no panorama internacional, algumas até muito próximas de se definirem, encerram este ano de 1970.

Talvez a mais urgente para obter uma resposta positiva seja o Médio Oriente, onde termina, dentro de um mês, o novo período de cessar-fogo. E depois? Haverá possibilidade de recomencem as negociações Jarring? Está a criar-se, efectivamente, uma atmosfera de entendimento entre as partes em conflito para surgir a paz árabo-israelita? Ou veremos, em 1971, renovar-se os tiroteios, as incursões e os atentados na margem do Jordão?

Outro problema premente que se vem arrastando de ano para ano é o do Vietname. Até quando? Ainda não serão os próximos meses que encontrarão uma solução. Podemos dizer que em 1970 nada se progre-

(Conclui na 7.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA



Actividade na praia de Quarteira
Oferta de 250 contos para construção de uma cantina escolar em Vila do Bispo

A DIRECÇÃO do Distrito Escolar de Faro foi entregue pelo oficial algarvio sr. comandante Correia Matoso, um cheque de 250 contos. Destina-se a dádiva à construção e manutenção de uma cantina para alunos do ensino primário, em Vila do Bispo.

QUARTEIRA CONFIA NO FUTURO

por Manuel Faria

SE o saber esperar, é uma virtude de há muito notada no povo algarvio, o merecer é uma regalia que deve ser reconhecida ao Algarve, resultando daí que qualquer aldeia, vila ou cidade deste paraíso se vê rodeada de justas aspirações, para poder dar o seu contributo à indústria de interesse nacional que é o turismo.

Envolvida nesta realidade está

Quarteira, uma das mais extensas e belas praias do Sul, que se sente com deveres importantes a cumprir, entre eles, agradar e servir os muitos milhares de turistas e contribuir com a sua parte para o progresso da mais cobiçada nesga turística da Europa.

Das suas ambições e necessidades nos vamos ocupar, certos de que o *Jornal do Algarve*, como é seu timbre, servirá de fiel portavoiz dos desejos de um povo, para as entidades competentes. Não vamos considerar Quarteira uma terra abandonada, não; porque isso seria falsear a verdade e ferir a consciência do leitor. Quarteira é uma terra irrequieta no labor expan-

(Conclui na 11.ª página)

deixam entontecer pelas novidades lançadas neste frígido Dezembro. Para o corpo, para a casa, para as prendas, muito se deseja e a muita guloseima se entregam os próprios doces, a quem as dietas saturam merecem férias, nestes dias festivos. Aliado a tudo isto o trânsito complica-se, os transportes rareiam a Baixa pombalina é um mar de gente acotovelando-se, ajoujada de embrulhos, gasta de atrasos e canseiras. Suaviza-lhes a tarefa, entretanto, a beleza das iluminações de algumas ruas e os acordos que enchem os ares, aqui e além, junto de discotecas ou noutros estabelecimentos. A música, segundo há anos confirmaram, aumenta a produtividade e colabora, por certo, na liberalidade dos gastos. E nesta quadra, mais acompanhada de vistosos arcos e de numerosas e polícromas lâmpadas, as melodias alusivas não podiam faltar ao encontro das multidões com o Natal.

Tantos requisitos e tradições, tantos desejos realizados alfim, tantos convívios, festas e banquetes lembram-nos, como sempre, a silenciosa e compacta massa humana para quem tudo isto é formalismo, exibição de proventos e de «broas» avantajadas, ansia de acertar o passo com os países estrangeiros, que para nós exportam artigos de sensação, a preços inacessíveis à maioria dos bolsos. Festa mundana, dir-se-ia, atentatória da humilde manjedoura onde aquele Menino veio ao mundo, em Belém, a mostrar que só as virtudes do coração salvam o mundo.

E quantos homens se ressentem desta incoerente atitude e aceitam, com revolta, minimizados, a ajuda material que alguns lhes vão entregar! E neste lamento daquele poeta que a Deus pedia 365 Natais

(Conclui na 4.ª página)

por Maria de Olhão



O Externato de S. Brás de Alportel

A FALTA DE UM LABORATÓRIO EM CONDIÇÕES PARA ANÁLISE DE LEITE PREOCUPA O MUNICÍPIO DE S. BRÁS DE ALPORTEL

NOTA pessimista oferece-nos o plano de actividade para 1971 da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, a qual se reflecte nas palavras que servem de prefácio ao documento e passamos a reproduzir:

«Crónica como é a difícil situação financeira dos municípios, com fases de agudização, por vezes, fazer um plano de actividade dum Câmara Municipal é tarefa deveras difícil e, vamos lá, um pouco desanimadora. Por um lado as necessidades aumentam em ritmo acelerado, à medida que a estrada chega ao povoado isolado e o fontanário ao deserto sedento e a es-

(Conclui na 11.ª página)

LIVROS NOVOS

«NUNO GONÇALVES CAVALEIRO DA CASA D'EL-REI

E SEU PINTOR» DE LITA SCARLATTI

por Guilherme d'Oliveira Martins

A IDENTIFICAÇÃO do pintor Nuno Gonçalves tem ocupado o espírito e as atenções de inúmeros investigadores da história que, através do estudo da época em que viveu, procuram decifrar enigmas que permitam descobrir a verdadeira personalidade de uma das glórias fulgurantes da pintura portuguesa do Renascimento e a quem se atribui a autoria do desenho e das pinceladas magistrais que produziram os discutidos painéis de São Vicente de Fora.

Entre os investigadores que têm dedicado preciosas horas de labor fecundo no desvendamento da autêntica identidade do pintor, destaca-se Lita Scarlatti que, sem desânimo e num trabalho gigantesco de paciência, examinando e decifrando documentos e livros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, levou a cabo um valioso ensaio, recentemente publicado, separata da Revista «Colóquio», da Fundação Gulbenkian, sob o título «Nuno Gonçalves — cavaleiro da casa d'el-rei e seu pintor», em que reúne os resultados das suas investigações sobre a vida do ilustre português.

(Conclui na 4.ª página)



Portmensor dos Painéis de Nuno Gonçalves

MERECEU APROVAÇÃO O PLANO DE ACTIVIDADE DE 1971 DA JUNTA DISTRITAL

REUNIU o conselho do distrito, que aprovou o Plano de Actividade e Bases do Orçamento para 1971 da Junta Distrital de Faro. Presidiu o sr. Raul de Bivar Weinholtz, presidente deste órgão administrativo e assistiram muitos procuradores.

Como principal empreendimento para o próximo ano, figura no plano a construção do edifício para o arquivo distrital, aproveitando um imóvel da Junta existente no Largo de S. Francisco. Este importará em 1 000 contos, sendo o projecto, que aguarda parecer da Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos do Ministério das Obras Públicas, do arq. Leone de Faria.

O orçamento da Junta, avaliado em 2 500 contos, não lhe permite

grandes iniciativas. Três sectores merecem-lhe porém especial atenção: o Museu Etnográfico Regional, Biblioteca Distrital e Serviços Técnicos de Fomento.

Em relação ao primeiro, que constitui obra notável e tem merecido as mais elogiosas referências de qualificados visitantes nacionais e estrangeiros, foi aumentado com

(Conclui na 8.ª página)

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

«saúde é a maior riqueza»

ALVO A ATINGIR

São raras as pessoas com saúde perfeita. A maior parte apresenta perturbações visíveis ou invisíveis. Descobertos a tempo os males ocultos, e, a tempo, combatidos, serão evitados prejuízos muitas vezes irremediáveis.

Submeta-se a exame médico de seis em seis meses. Inclua nos seus hábitos o exame periódico de saúde.

CRÓNICA DE FARO



por JOÃO LEAL

Natal na cidade

QUASE sem darmos por isso, chegámos ao Natal. Muito corre o tempo! De novo um Natal, que este ano para a capital algarvia trouxe um ar festivo e concordativo com a época.

Este «primeiro acto» será o acto primário oficial da Associação dos Antigos Alunos. A escola, ao grupo dos «costeletas» pertence a grande maioria dos que ao longo dos anos têm subscrito a «Crónica de Faro».

Outro pormenor, que bem desejaríamos tivesse a sua expressão em 1971: decorar também o aeroporto. Ele constitui uma das portas grandes (a maior no aspecto internacional) de penetração na capital sulina e no Algarve.

Encerramos este apontamento sobre «Natal na Cidade», com um convite, um bem hajam e uma saudação! O nosso convite é para que as gentes da terra grande e única que é o Algarve, venham até à Rua Maior, que é Faro apreciar e conviver ao calor da fraternidade humana, que ainda dá mais luz às fééricas iluminações.

O «bem hajam» é para a «malta estudante» que calcorreou a cidade, batendo de porta em porta para que os farenses mais pobres pudessem ter um Natal mais confortado. Obrigado, moças e moços pela lição de fraternidade que a juventude dos vossos corações a todos nos deu!

Para a «Malta da Escola» Logo à noite o sonho será realidade. Lutou-se, teimou-se, houve frustrações e desânimos, surgiram desenganos e barreiras, mas os esforços prosseguem.

A. Leite de Noronha MEDICO Consultas diárias a partir das 16 horas Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO

MORTO por atropelamento O sr. Vasco Macário dos Santos, de 41 anos, solteiro, trabalhador, residente em Faro, que seguia pela estrada do sítio do Arneiro, arredores de Monte-negro, foi colhido por um automóvel conduzido pelo sr. Mamede Nunes Coelho, residente em Loulé. Conduzido ao hospital da Misericórdia de Faro, o sr. Vasco Macário dos Santos faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

A sua opinião é que conta mas PERMITA QUE O ACONFLHEMOS Em loiças e vidros a CARAVELA vai à frente. Rua Teófilo Braga, 56— Vila Real de Santo António.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

ECOS

Fim de curso Concluiu o curso de Medicina com alta classificação o sr. dr. José Rocha Sienna, natural de Oitão, filho da sr.ª D. Maria Amália Rocha Afonso e do sr. José Sienna Afonso e neto do falecido farmacêutico em Oitão, Francisco de Almeida Rocha.

Partidas e chegadas Deslocaram-se a Faro, para observarem os trabalhos de construção das modernas instalações da Sumol, nos arredores daquela cidade, os srs. dr. António João Eusebio, A. Portela e Matos Marques, administradores da Refrigor, Lda., de Alges, associada da Círculo, Lda.

Casamentos Na igreja paroquial do Campo Grande, em Lisboa, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Teresa Veloso de Sousa Pontes, filha da sr.ª D. Maria Sofia Ferreira Veloso Pontes e do sr. António de Sousa provinciano sr. dr. Antero Alpoim, Resende de Sousa, filho da sr.ª D. Maria Isolina Soares e Sousa e do sr. dr. Alpoim de Resende Sousa, médico, natural e residente em Oufães do Douro.

Gente nova Na Maternidade de Setúbal teve o seu bom sucesso dando à luz um menino a quem foi posto o nome de Paulo Jorge Severino Mariano a sr.ª D. Lucília Bárbara Severino Mariano, esposa do nosso assinante sr. Sebastião Viegas Pacheco Mariano.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

NECROLOGIA FALECERAM: No sítio do MONTE NOVO (Vila Nova de Cacela) — a sr.ª D. Maria Mariana, de 86 anos, natural da Conceição de Tavira, viúva de Manuel António.

AGRADECIMENTO José Graciliano Vieira Carmo na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem por este meio, agradecer reconhecido, a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, durante a sua doença.

AGENDA

quinta, Central e sexta-feira, Franco. Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

CINEMAS Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, amanhã, «Os filhos do leopardo»; sexta-feira, «Tomasa e Julietta».

Em TORRE DA MARINHA — o sr. António Pereira, de 78 anos, natural de Cachopo (Tavira), casado com a sr.ª D. Mariana Martins, pai das sr.ªs D. Adélia Maria, D. Celeste Maria, D. Antónia e D. Guilhermina Maria Pereira.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

de Jesus Costa Constantino, pai do sr. Carlos Alberto Costa Constantino.

Na DAMAIA — o sr. Barão Joaquim Varela, de 82 anos, natural de Monchique, pai das sr.ªs D. Deolinda Pereira Varela Cruz, D. Maria do Carmo Pereira Varela de Almeida e D. Josélina Pereira Varela Lopes, e dos srs. Joaquim Barão Varela, Barão Joaquim Varela e Domingos Barão Pereira Varela.

Em TORRE DA MARINHA — o sr. António Pereira, de 78 anos, natural de Cachopo (Tavira), casado com a sr.ª D. Mariana Martins, pai das sr.ªs D. Adélia Maria, D. Celeste Maria, D. Antónia e D. Guilhermina Maria Pereira.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

ceição Santana Marcos, pai do sr. Vítor Manuel Santana Marcos.

Na DAMAIA — o sr. Barão Joaquim Varela, de 82 anos, natural de Monchique, pai das sr.ªs D. Deolinda Pereira Varela Cruz, D. Maria do Carmo Pereira Varela de Almeida e D. Josélina Pereira Varela Lopes, e dos srs. Joaquim Barão Varela, Barão Joaquim Varela e Domingos Barão Pereira Varela.

Em TORRE DA MARINHA — o sr. António Pereira, de 78 anos, natural de Cachopo (Tavira), casado com a sr.ª D. Mariana Martins, pai das sr.ªs D. Adélia Maria, D. Celeste Maria, D. Antónia e D. Guilhermina Maria Pereira.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

Em LISBOA — o sr. Faustino das Neves, de 86 anos, natural de Silves, viúvo, pai das sr.ªs D. Eduarda Maria Neves Ramalho, casada com o sr. Manuel da Costa Ramalho, D. Maria José e D. Graciete das Neves e dos srs. José da Palma, Hermínio das Neves, Manuel das Neves e Vitorino das Neves.

GRANDIOSO RÉVELLON NO HOTEL SANTA MARIA EM FARO PASSAGEM DO ANO COM MUITA ANIMAÇÃO, SURPRESAS E DISTINÇÃO NOITE INESQUECÍVEL COM MÚSICA E ALEGRIA COM O ANIMADO CONJUNTO «THE LAVY SELLOWS GROUP» AOS SEUS AMIGOS E CLIENTES O HOTEL SANTA MARIA DESEJA BOAS FESTAS E PRÓSPERO ANO NOVO

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO JOSÉ FERREIRA Sua esposa, filhos, genros, noras, cunhado, netos e sobrinhos vêm por este meio agradecer a todos os que, durante o seu período de doença se interessaram pelo seu estado, bem como aos que o acompanharam à sua última morada.

DR. DIAMANTINO D. BALTAZAR Médico Especialista Doenças e Cirurgia dos Rins e Vias Urinárias Consultas diárias a partir das 15 horas

BELLATRIX ESPECIAL Alimentação Transistorizada MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN EQUIPAMENTOS DE LABORATORIO, LDA. ACEITAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

LOTAS Table with columns for names and amounts, including Vila Real de Sto. António and Traineiras.

BOMBAS DE PEIXE MARCO Table with columns for names and amounts.

ALGÓZ AGRADECIMENTO GERMANA TOMAZ Table with columns for names and amounts.

ALADORES PURETIC Table with columns for names and amounts.

MOTORES INTERNATIONAL Table with columns for names and amounts.

PORTIMÃO TRAIINEIRAS Table with columns for names and amounts.

Table with columns for names and amounts, possibly related to the previous table.

QUERO VOAR

Deixa-me voar, imaginação,
Considerar-me qual pássaro livre,
Batendo as asas, sabendo que vive,
Deixa-me gritar por libertação.

Deixa-me desfrutar a vida errante
E pensar que ainda existe amor.
Afastar-me, por agora, da dor.
Deixa-me pensar que sou amante.

Deixa que os nossos olhos se encontrem,
Os meus braços seu corpo apertarem;
Deixa meus lábios os seus procurarem.

Unam-se eles em feroz beijo, ardente,
Deixa que dêem o que têm para dar.
Não me cortes as asas. Quero voar!

Bárbara Ramos

Drama nos bastidores

Chegou o dia, o grande dia!
Após luta feroz contra o tempo, ele
chegara, finalmente. As dores de ca-
beça, as depressões nervosas, o cansaço,
as insónias, iriam receber a sua com-
pensão num vivo aplauso.

Era o dia do espectáculo.
«Hoje não há ensaio.» — diz o enca-
nador, deixando dezenas de olhos per-
plexos por, nesse dia, precisamente nes-
se dia, não se saber o que fazer. Mas
há. Há sempre que fazer. Desde um
prego que falta num barrote, um adere-
ço esquecido, um projector meio milíme-
tro desviado do alvo, à limpeza de um
coco, tudo é trabalho para esse dia.

Unhas desaparecem, velozmente. Grit-
tos enrouquecem, mas aliviam. As per-
guntas bombardeiam a sala. O palco
observa, senhoril, todo aquele vai-vém
de pessoas e ferramentas. As luzes cor-
tam constantemente o ar, como se do
cimo do seu trono aguardassem impac-
ientemente as suas vítimas.

Num instante, faz-se silêncio na sala
morta. Um silêncio mais que absoluto;
arripante. Uma sala deserta. Ficará
assim até ser chegada a hora. Nos bas-
tidores, cheirando a ratos, as roupas
misturam-se e amontoam-se; os olhares
cruzam-se e repelem-se; as tintas, os
pós, os cremes-base, os «batons», vão
perfumando o ambiente enfumado; os
cigarros são ternamente beijados e, de
seguida, impiedosamente esmagados,
quantas vezes por pés descalços.

Na sala, o anúncio martelante da en-
trada dos espectadores. Uma azáfama
crescente. A voz calma do encenador,
em contraste com aquela outra, habitual
nos ensaios, incomoda tanto como o
zumbido do mosquito que, circularmen-
te, ronda os ouvidos, numa noite de
calor.

Uma espreitadela furtiva à assistên-
cia. Centenas de olhos que, embora des-
viados do pano, parecem esperar feli-
zmente a sua presa. Saberia aquela
gente o que se estava a passar por de-
trás do pano de cetim? A resposta que
nos vem é sempre negativa, provocando
irritação que culmina no desejo feroz
de abandonar o local. Mas um artista
não foge. Ele ama as tábuaes podres e
poeiretas.

E eis que a hora é chegada. Sem se
esperar, a derrubante pergunta. — «Tu-
do pronto?» Uma voz: «Tudo...»

«O. K. Vamos a isto. Pancadas! Aten-
ção... agora! Boa sorte!» — a voz do
encenador cala-se com um baque do co-
ração. Vai dar vida a um livro. Haverá
coisa mais nobre?... Pede desculpa
ao autor e, em seguida, acto final, ben-
ze-se, seja ou não crente.

Uuem-se as percursoras pancadas.
O pano move-se, preguiçosamente. As
pulsões estrangulam a respiração. Na
sala, tudo é breu. O palco é maior que
nos ensaios. E como se o mundo exis-
tisse apenas naquele rectângulo de ma-
deira.

O medo terrível das primeiras frases.
No corredor, atrás do palco, a espera
ansiosa. A respiração presa por um fio.

No palco, as cataratas de suor que in-
comodam mas encorajam a continuar, a
criar.

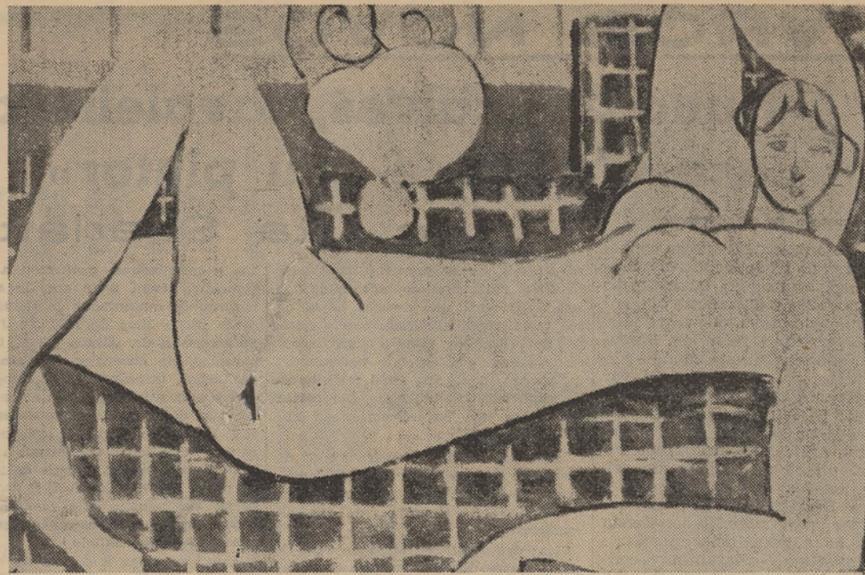
O entusiasmo. O riso. As lágrimas. Os
gritos. Nesse momento, vive-se outra
vida, noutra mundo. Já nada interessa.
Nem mesmo os aplausos finais. Esque-
ceu-se que existe gente fora do tablado.

A hipótese geral. Nos bastidores, roem-
-se as unhas, fuma-se, bebe-se água
em quantidades brutais. Mas os olhos,
os ouvidos... esses apenas apontam
um alvo: a cena.

Por fim... o fim! Aplausos, aplau-
sos, mais aplausos. Os corações mais
acelerados. O agradecimento. Abraços.
Beijos. Risos mais que francos. «Obrigado,
meus senhores. Não podeis calcu-
lar quanto vos devemos o quanto vos
amamos.»

A comção. E... as lágrimas. Sim,
quem quiser ver as lágrimas dum actor,
vá aos bastidores no fim de um espec-
táculo.

Dorilo Seruca



«Nu cor de rosa», um quadro de 1935 do pintor Matisse: uma obra-prima sem preço

TEATRO, DEPOIS...

por Manuel Guerreiro

POR TEATRO INFANTIL NO ALGARVE...

Imaginemos que se publicava
uma notícia assim: «em Faro, as
crianças das escolas puderam ver
durante o primeiro trimestre deste
ano escolar uma peça de teatro
escrita em sua intenção e represen-
tada na sala de espectáculos local.
Mais: que a representação foi se-
guida de discussões nas aulas se-
guintes e que se pensa que durante
as próximas férias de Natal uns
milhares de crianças deveriam vir
de Portimão, Loulé, Albufeira, La-
gos, Tavira, São Brás de Alportel
e Vila Real de Santo António para
assistirem a cerca de cinquenta re-
presentações ou que então numa
outra alternativa um grupo de tea-
tro infantil se deslocar a essas
mesmas terras na medida em que
a solução deste modo seria mais
viável economicamente».

Seria sonhar, seria andar nas
nuvens, seria andar no reino das
fadas e dos capuchinhos. Seria tudo
isto se em Faro, num dos seus
bairros não se tivesse feito já esta
mesma experiência.

Mas há uma grande diferença
entre os dirigentes das Escolas de
Paris e os do Algarve; entre os
professores de lá e os de cá; entre
os pais dessas crianças francesas
e os das algarvias de cá. Mas as
crianças, essas, é que tendo nasci-
do de igual modo mais ou menos,
se vão diferenciando, diferenciando,
até que algumas delas já adultas
ao terem verificado que o que acon-
teceu lá, nunca aconteceu no Al-
garve, terão vontade novamente de
sonhar com as coisas inatingíveis
de Paris.

Não é romagem que se pede, não
é coluna de batinhas brancas para
o álbum de fulano tal. Isto seria já
possível cá. Fala-se é de teatro in-
fantil. Fala-se é das responsabilida-
des das comissões culturais dos
Municípios algarvios nesta maté-

ria. Fala-se é do espírito de inicia-
tiva dos dirigentes escolares. Fala-
-se de humanização.
As crianças têm sido sacrificadas
por causa das pretensões dos
adultos (nós nós): a grande maioria
pensa só no electrodoméstico
que o paizinho consegue durante a
campanha de vendas, pensa nas ho-
ras de fazer pernas cruzadas e sa-
liva de renda. E as escolas? O que
poderão elas fazer sem o apoio das
autoridades locais? Sem o apoio dos
pais? Sem energia interior, inicia-
tiva, ida aos lugares da associa-
ção? O quê? O quê?

Almansil tem uma das melhores
casas de espectáculos do Algarve
e as crianças em redor podiam ir
lá; Estou o mesmo; Vila do Bispo,
a enorme pedra de amolar debaixo
dos pés o mesmo. Todas as crian-
ças algarvias precisam de teatro
feito por elas e feito para elas. O
teatro é tão importante para as
crianças como os hotéis para os tu-
ristas e as estradas para os do au-
tomóvel. E pouco há a acontecer.

Imaginemos por enquanto...

TROVAS MAIS FORTES

Cantares de andarilho,
Canções belas de amor,
Abrem novos caminhos,
Fazem nascer mais flores.
E trovas mais soltas,
Mais tristes e revoltas
Que estas não vi.

Sonhos de criança,
Vozes de poesia,
Abrem luz à esperança,
Do nascer de novo dia.
E trovas mais soltas,
Mais tristes e revoltas
Que estas não vi.

Cantos de amigo,
Sonetos ao vento,
Dão porto e abrigo
Ao poema, ao lamento.
E não mais triste sonhei
Estas trovas revoltas,
Tão leves, tão soltas.

Poemas de sempre,
Poesia de agora,
São passado presente,
Presente no outrora.
E mais triste fiquei,
Nestas trovas revoltas,
Tão leves, tão soltas.

António Mendes

Pontes Eusébio

Médico especialista

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diárias depois das
15 horas

Cons. — Rua de Santo António
n.º 68 — 1.º Dto.

Telef. { Cons. 23 133
Resid. 24 255

Res. — Av. de Olivença,
97-5.º Esq.

FARO

TAP-Transportes Aéreos Portugueses

Representação de Faro

PROCURA:

Motoristas e Bagageiros

REQUER:

- Exame de Instrução Primária
- Menos de 36 anos
- Serviço Militar cumprido ou dele isento
- Carta de condução profissional

OFERECE:

- Salários diferidos
- Benefícios de alcance social
- Estabilidade

Aceitam-se inscrições até 6 de Janeiro de 1971,
Rua D. Francisco Gomes, 8 — FARO

OLHAR PARA DENTRO

«Viver em poesia, não é remun-
ciar, é interpor-se entre o real e o
irreal, sabendo que nunca mais po-
deremos reconciliar com o vulgar,
nem entrar no círculo traumati-
zante do dia a dia.»

André Chedid

Assim começa o poeta egípcio numa
das suas melhores obras, «Terra e Poe-
sia». Mas não pretendo vir aqui falar
de poesia e de poetas quase desconhe-
cidos do público português e muito me-
nos em termos eruditos (aceitáveis num
mesa redonda de intelectuais) des-
propostados numa crónica de jovens
para jovens (entenda-se aqui o termo
jovem como vigor espiritual).

A citação, à guisa de intróito, serve
simplesmente para exprimir, mais ou
menos, a minha opinião sobre o assun-
to. Não é que ela tenha muito interesse
para o que pretendo focar, mas creio
conveniente expô-la, e o leitor enten-
derá porque, mais adiante.

Vivemos num tempo extraordinário,
frenético, publicista, de si próprio, em
que cada um pretende ser o porta-voz
dos outros, vencer, convencer e impor-
-se, utilizando todos os meios ao seu
alcance, embora quase sempre os me-
nos adequados; o que, aliás, nem é di-
fícil se verificarmos o grau de aliena-
ção a que o meio ambiente nos força e
a cada um de nós.

Todos conhecemos e reconhecemos
fracos os dotes de oratória dos «habi-
tués» da Rádio e da Televisão e nem
por isso desligamos a máquina, mes-
mo quando sabemos de antemão o que
vamos ver ou ouvir, conforme o caso.

Está o mundo cheio de técnicos, espe-
cialistas, coisas simples (porque fáceis
de manejar), complicadas (porque difí-
ceis de explicar).

Avolumam-se os problemas em série,
catalogados e muito bem alinhados em
pastas de cartão duro nas bibliotecas
ministeriais ou outras afins. Fazem-se
congressos e escrevem-se tratados a
propósito de tudo e de nada, aventam-
-se soluções que ninguém ousa pôr em
prática; o diálogo está na ordem do
dia e cada situação requer cada vez
mais uma explicação de factos que
obriga, sim, pois, obriga as pessoas a
reunirem-se, embora as mais das vezes
não seja só um pretexto para uma
comezaina bem regada, porque, assim
como assim, uma vez que não servem
para coisa nenhuma, ao menos sempre
se aproveita para tirar a barriga de
misérias; que a vida está uma carestia!
— todos sabem.

Mas suponhamos (sim porque, por
enquanto, a imaginação ainda não paga
imposto e até pode não ser contra a
moral social); suponhamos que um dia,
por acaso, essas mesmas pessoas que
viveram uma infelicidade que aceitaram
passivamente, se dão conta de que podem
muito bem desmistificar todas as menti-
ras conscientemente aceites, decompor
as estruturas sobejamente reconhecidas
como falsas, colocar no ponto exacto a
palavra multidimensional e precocemen-
te subvertida; suponhamos que conse-
guem resistir aos fundos sonoros, às
imagens impostas nos «crans» tão bem

pré-fabricadas como estes, e resolvem
ouvir o mais extraordinário silêncio ou
a mais bela melodia que sonhar se
possa.
A própria reflexão, a procura interio-
-r, livres dos jogos de oratória, fa-
riam do homem o lugar dos factos que
controla e dos que não controla, abri-
-lhe-iam o espírito para o que hoje não
é mais que intuição.

Quantos de vós, leitores, «perdeis»
dez minutos por dia a observar com
olhos de ver a poesia de cada porme-
-nor que vos rodeia? Quantos procuram
satisfação a sede de infinito que há em
cada um de nós? Não me refiro, natu-
-ralmente, à poesia dos literatos, oficial-
-mente reconhecidos poetas, ultrapassa-
-da, torturada, estéril, dita culta para
gosto dos sábios de academia, mas
aquele outra que está ao alcance de qual-
-quer, no perfume das castanhas assa-
-das, na leveza das manhãs deste outono
algarvio, na alegria das crianças que
folheiam cadernos pela primeira vez, e,
até, no caso daquela senhora que pas-
-sa tardes a fio tecendo beleza com a
agulha do «crochet».

Reconheço, voluntariamente, o que o
facto tem de utópico mas, mesmo assim,
nada me faz supor que, uma vez feito o
alvitre, não haja quem se sinta tenta-
-do. Bem haja!

Maria Helena

CONTRASTE

Lá...
Onde tu estás,
Faz sol, não chove.
Há uma rosa que desabrocha,
Um pássaro que canta.
Uns olhos que riem,
Uma vida que floresce!...
Mas aqui,
Dentro de mim...
Tudo é silêncio,
Tudo é sofrer,
Uma folha amarela que cai
E vai chorando...
Um cigarro que se apaga
Entre os meus dedos nervosamente
Uma viola que tange
Ao som das minhas lágrimas.
Uma vida que negreça!
Dois caminhos longos
Alheios,
Desiguais...
O teu onde o sol brilha...
O meu onde a chuva cai!...

Sarah

Emílio Campos Correa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ortópica (gimnástica ocular) - Lentes de Contacto

Consultas: Rua de Sto. António,
49-1.º Dto. — FARO

Dorilo Seruca

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.

Para assinalar a quadra festiva que se avizinha, coloca desde já à disposição da sua estimada clientela toda a gama dos seus categorizados produtos como CAMELOS E CHOCOLATES das duas mais afamadas casas inglesas da especialidade fornecidos em LATAS E CAIXAS DE FANTASIA de apresentação luxuosa, particularmente enriquecida por seus motivos e formatos originalíssimos, além de variados, assim como WISKIES, COGNACS, CHAMPAGNES, LICORES e outras BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS das mais reputadas marcas e procedências, estando apta a fornecer também todas estas bebidas em embalagens expressamente idealizadas e criadas para os habituais presentes do NATAL e FIM DO ANO, algumas a constituírem, por isso, rigoroso exclusivo seu, tais como ESTOJOS; SACOS UTILITÁRIOS; CAIXAS DESMONTÁVEIS EM CARTÃO FANTASIA; PASTAS DE MÃO TIPO DIRECTOR; ARCAS REVESTIDAS A PELO DE BOI CAMURÇA E PELE DE CROCODILO; CESTOS DOS MAIS DIVERSOS TIPOS E FORMATOS; CAIXAS DE FANTASIA DE LUXO COM MOTIVOS CITADINOS; CAIXAS DE LUXO REVESTIDAS A NAPA EM CORES VARIADAS e outras COMPOSIÇÕES DO MAIS VARIADO GOSTO, conjuntos que pela sua qualidade, originalidade e aspecto sugestivamente atraente, ficarão pelo tempo fora a assinalar, junto de quem recebe, o gesto daquele que oferece.

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.

A GARRAFEIRA MAIS BEM SORTIDA DE PORTUGAL

COIMBRA (Filial)

Rua dos Oleiros, 16 - 18
Telefone — 27489

FARO (Filial)

Largo do Mercado, 39 - 40
Telefs. — 24060 - 23664

PORTO

SEDE E ESCRITÓRIO

Rua do Bonjardim, 420
Telefs.: 26562 - 24943 - 35221 - 32228 - 37222

Armazém

Rua da Estação, 105 (a Campanhã)
Telefs.: 57396 - 57398

O pescador e o rio

A embarcação subia o rio, ao sa-
-bor da corrente fraca. A enchente
via o seu ocaso. Marulhava a água,
embandando o pescador com a can-
-ção sempre igual, renovada, ape-
-nas, em tonalidades diferentes, qual
música arranjada por diferentes
maestros. Era o canto outonal do
rio avaro. Que ironia lhe ia na voz.
Parecia trocar dele a cada momen-
-to, a cada gorjeio, a cada nota da
sua estranha melodia.

Oh, quão diferente ele estava!
Já cantara alegre, já cantara fu-
-rioso e também já o mimara com
doce canções de embalar. Já fora
mãos rotas, mas tornara-se pão
duro.

O pescador abandonara outros
rios, outras gentes, outros céus me-
-nos límpidos e a este senhor se en-
-tregara, braços abertos, encantado
pela dádiva pródiga de dezenas de
quilos de vistosos peixes. Ah, quan-
-tos peixes já ele lhe oferecera.

Agora, não. Relegava-os às pro-
-fundezas, afastava-os da linha pes-
-queira. O pescador não lhe fizera
mal. Supunha que não era exigente
pedindo-lhe o pão de cada dia, só
o pão de cada dia; mas até esse ele
lho negava. Não queria fortunas,
não. Até porque o rio não dá for-
-tuna a ninguém.

A âncora desce. Uma corda re-
-tesa-se; um ligeiro afundar de proá
dá o bote como pronto. Ai está ele,
parado. Linhas que descem. Olhos
erguendo-se ao céu incomensurável.
Olhos que se franzem face à lumi-
-nosidade. Pele curtida pelas longas
horas em contacto com o rio.

O pescador tem sempre esperan-
-ça. Tudo muda neste mundo, tudo
tem o seu fim. Até a avareza dum
rio. O momento miraculoso pode
surgir repentinamente. Que bom se-
-ria! Uma caixa de injeções para
as gripes, de vez em quando, sem-
-pre faz falta. Uma blusa para o fi-
-lho mais moço. Uma refeição mais
abundante, ao menos um dia ou
dois em cada semana. O estômago,
eterno insaciável, como ele grita
por alimento. O pescador já não so-
-fre por si. São os míudos que culpa
não têm do modo de vida do pai.
As bocas choronas que pedem mais
e mais, à medida que o corpo lhes
cresce.

Peixes pequenos, inatingíveis pelo
anzol, comem-lhe as iscas. Ah, prag-
-uinhas!

O pescador mantém-se estático,
horas e horas a fio, enquanto dura
a enchente, linhas na água, mãos
tensas segurando-as. Até o sol lhe
dizer adeus. Até a noite o saudar.
Até a lua o beijar. Firme como ro-
-cha milenária agarrada às entra-
-nhas da terra, assim ele se agarra
à promessa não feita do rio.

Peixe não tem, mas não desespe-
-ra. Amanhã será outro dia. Há que
recuperar forças, comer uma bucha
de pão, beber um pingo de líquido
preto, beijar as crianças e procura-
-r a cama. Ao menos têm cabana.
Uma cabana que o rio lhes ofere-
-ceu quando era mãos rotas.

Cigarro ao canto da boca, esten-
-dido sobre o leito, cheiro a petró-
-leo do candeeiro nas narinas, ele
pensa:

«E amanhã, sim. Amanhã...!»

Estêvão Cruz

Amendoieiras e oliveiras

Enxertadas em zambujeiro
«Maçanilha» tipo Elvas, prontas
a plantar.

Vende: João Afonso Madei-
-ra — Alte — Algarve.

Oferece-se

Pintor de construção civil, e co-
-locador de papel decorativo para
revestimento de paredes, para qual-
-quer ponto da Província.
Rua Dr. Manuel de Arriaga, 3
— Vila Real de Santo António.

LIVROS NOVOS

«Nuno Gonçalves, cavaleiro da casa d'el-rei e seu pintor»

de Lita Scarlatti

(Continuação da 1.ª página)

Partindo do pouco que se conhecia acerca de Nuno Gonçalves, concluiu sem sombra de dúvida, pois a documentação abundante que encontrou o comprova, que entre 1450 e 1471, existiu de facto, em Portugal um pintor com esse nome e tão bom pintor que manteve o favor real durante mais de vinte anos. Em 1450 já era considerado figura destacada na pintura, como o demonstra a eleição para pintor régio ou pintor da câmara do rei. Assim, em face destes e outros elementos, Scarlatti ordena o seu ensaio por perguntas, respondendo depois às dúvidas nelas postas.

As investigações levam-na a concluir que Nuno Gonçalves era filho de João Gonçalves e neto de Gonçalo Anes Trigueiro. O pai, também conhecido por João Gonçalves Trigueiro, exerceu, desde o reinado de D. João I (1424) até D. Afonso V (1443), as funções de tesoureiro-mor e contador em Lisboa e era casado com Mor Gonçalves que foi ama da infanta D. Isabel, duquesa de Borgonha. Por isso D. Duarte fez mercê a Mor Gonçalves, da portagem de Évora que, à sua morte, passaria para seu filho Lopo, o dr. Lopo Gonçalves, ao tempo da mercê corregedor em Lisboa, na idade de 37 anos, visto ser colação da duquesa, nascido em 1397.

Refere Scarlatti que por morte de D. Duarte, mas já em 1439, João Gonçalves requereu lhe fosse confirmado o cargo, voltando a pedir confirmação ao regente, em 1441. Na véspera, confirma D. Pedro, a Mor Gonçalves e a Lopo Gonçalves a mercê da portagem de Évora. Porém, João Gonçalves renuncia ao cargo, não verbalmente, como era usual, mas em documento lavrado por notário geral. E assim, diz-nos a autora, desapareceu ele, a mulher e o filho Lopo da chancelaria de D. Afonso V, deprendendo-se haverem saído de Portugal, onde João Gonçalves não mais regressou.

Quanto ao filho Lopo, casado com Mécia Costa e pai de João Lopes, segue-o a autora desde 1434 a 1441, e do final de 1448 (Dezembro) a 1479. Assim, em Dezembro de 1448, consta que foram concedidos a Lopo Gonçalves os 4 000 reais que seu pai tinha pela renda da barca de Salvaterra. Em 1450, do desembargo e juiz dos feitos d'el-rei. Em 1451, era alcaide do castelo de Montemor-o-Velho, cargo a que renunciou, em 1458, a troco da tença anual vitalícia de 12 000 reais.

Em 1464, era do conselho e escudeiro da casa d'el-rei. Em 1468, era cavaleiro. Lopo era o primogénito, como se conclui, por ter sido ele a suceder a seu pai na tença pela renda da barca de Salvaterra.

É o outro filho de João Gonçalves, Nuno Gonçalves? Este só aparece a exercer funções em 20 de Julho de 1450 (1) como pintor de D. Afonso V, e decorridos cinco dias, a 25 de Julho de 1450, havia sido feito moço da câmara de D. Afonso V, posto habitualmente atribuído aos pintores régios ou pintores da câmara nas cortes da Europa.

Em 1458, Nuno Gonçalves foi elevado a cavaleiro. Em 25 de Agosto de 1470, consta ter-lhe sido feito pagamento do retábulo que pintou para a capela de Sintra, sendo tratado por cavaleiro da casa d'el-rei. Segundo Scarlatti, posteriormente a esta data, até Janeiro de 1505, nunca mais a outro Nuno Gonçalves foi dado aquele título.

Scarlatti ordena cronologicamente a documentação relativa ao pintor e ao moço da câmara e por eles vai seguindo o curso da sua vida. Assim, em 20 de Julho de 1450, D. Afonso V nomeia Nuno Gonçalves seu pintor, com a tença anual de 12 000 reais brancos. Cinco dias depois, em 25 de Julho o rei declarou: «... querendo fazer graça e mercê a Nuno Gonçalves, filho de João Gonçalves que foi tesoureiro-mor d'el-rei e padre cuja alma Deus haja, Nosso Moço da Câmara, temos por bem outorgarmos-lhe que tenha em cada ano para estudo, enquanto nossa mercê for, 2 880 reais brancos e seis côvadas de bristol por tosar, e quatro varas de artamua e quatro côvadas de fustão, e quatro varas de lenço da terra, os quais dinheiros e panos haverá por cartas que lhe serão dadas em a nossa Fazenda...».

Conclui Scarlatti que o estudo não era o da pintura, até porque cinco dias antes já ele fora nomeado pintor da Câmara, mas sim o que hoje chamamos Direito. E por estas e outras cartas se depreende ter D. Afonso V contratado para com o pai de Nuno uma dívida de gratidão que procurava saldar beneficiando os filhos e principalmente, dando a este, que era órfão, curso igual ao que o pai dera a seu irmão Lopo.

Através da abundante documentação consultada e reproduzida na separata, continua Scarlatti seguindo os passos do ilustre português. Em carta de Évora, a 14 de Abril de 1462, D. Afonso V determinou que Nuno Gonçalves, bacha-

rel em leis, receba para seu mantimento 4 800 reais brancos, contando em isto 2 800 reais que de nós havia de seu mantimento e calçado e seis côvadas de bristol por tosar e quatro varas de artamua, etc... Sendo nosso moço da câmara, dos quais 4 800 reais haverá pagamento em cada ano, por cartas que sobre isso haverá em nossa Fazenda...».

Mais tarde, a 4 de Janeiro e a 22 de Fevereiro de 1458 em cartas de legitimação lê-se: «...El-Rei o mandou por o Doutor Nuno Gonçalves do seu desembargo».

Num documento de Maio de 1459 figura também Nuno Gonçalves como tabelião de Aljubarrota e escudeiro vasalão do rei. Numa sentença lavrada em Lisboa a 10 do referido mês e ano, também consta o doutor Nuno Gonçalves «...outrossim cavaleiro de sua casa e do seu Desembargo».

Ora, como refere Scarlatti, o título de cavaleiro não o ganhou Nuno Gonçalves no desempenho das suas funções de bacharel em leis, nem por ser filho de João Gonçalves, mas sim por obra que tenha produzido merecedora de grande apreço. Admite então a autora do ensaio, que tenha sido a razão da mercê recebida, a conclusão do primeiro tríptico dos painéis de São Vicente. O deslumbramento e o entusiasmo de D. Afonso V em presença dos painéis levaram-no a conferir-lhe aquela distinção.

Em Janeiro de 1458, já Nuno Gonçalves era do Desembargo. Em 1464, D. Afonso V fez mercê ao pintor de umas casas em Lisboa, que se presume estarem localizadas junto à Sé, «casa esta onde também Johane Afes, quando pelo rei fosse requerido, havia de o ir servir do seu ofício de pintor!». A 16 de Fevereiro de 1468, por carta dada em Santarém, o dr. Nuno Gonçalves, cavaleiro da Casa d'el-Rei, obteve para si e para o dr. Lopo Gonçalves, seu irmão, também cavaleiro, licença para possuírem esteiros e terras no Reguengo de Valada. Em 3 de Novembro de 1468 era Nuno Gonçalves, desembargador da Casa da Suplicação e juiz dos Feitos d'el-Rei. Em 25 de Agosto de 1470, D. Afonso V passou a João Afonso a carta de quitação, onde declara terem sido «pagos a Nuno Gonçalves, cavaleiro da casa d'el-rei e seu pintor, 18 130 reais, em cumprimento dos 23 000 reais de feitiço e custos do retábulo que pintou para a sua capela de Sintra».

Em 12 de Abril de 1471, em apontamento do livro vermelho, D. Afonso V mandou suspender o pagamento a Johane Afes «salvo Nuno Gonçalves haverá o que lhe é ordenado e pinte por ele as obras da cidade». Por aqui se compreende, diz-nos Scarlatti, a razão por qua só em Lisboa o mandavam pintar. Em 1480, ainda D. Afonso V fez reverter para o dr. Nuno Gonçalves, uma casa e um olival. A 20 de Julho de 1483, no reinado de D. João II, o rei «considerando a literatura, discrição e boa consciência» de Nuno Gonçalves Maracote, deu-o por ouvidor dos feitos crimes na Casa Cível de Lisboa, em substituição de Pedro Alvares e com 24 000 reais de mantimento. A 6 de Dezembro de 1486, D. João II declarando fazê-lo a requerimento dos reitores, len-

tes e conselheiros, confirmou a Nuno Gonçalves (sem mais apelido algum) o cargo de conservador do Estudo (2).

Em 26 de Maio de 1490, D. João II aposentou o dr. Álvaro Pires, do seu conselho, de chanceler da Casa Cível e Lisboa, nomeando o dr. Nuno Gonçalves para este cargo, com o vencimento anual de 48 000 reais pagos aos quartos. Em 20 de Abril de 1496, por sua carta, D. Manuel confirmou a Nuno Gonçalves Maracote o cargo de ouvidor do crime da Casa do Cível. E por outra carta, da mesma data, confirmou a Nuno Gonçalves Maracote o cargo de conservador do Estudo.

Aqui, interroga a autora do ensaio: Mas porquê, Maracote, para mais, um apelido que ora se usava, ora não?

Deduz então Scarlatti que Maracote chamam os espanhóis aos beduínos, gente de pele tostada. (Rui Gonçalves Maracote, filho de Nuno Gonçalves, esteve em Castela como embaixador de D. Afonso V). Porém, segundo afirma Scarlatti, o assunto requer estudo aprofundado mas, a advir da cor da pele, estaríamos em presença da repetição, sob novo vocábulo, da velha alcunha de Gonçalves Anes Trigueiro, avô de Nuno Gonçalves.

Em 27 de Janeiro de 1505, D. Manuel atendendo aos muitos serviços recebidos de Rui Gonçalves Maracote, do Desembargo e promotor de Justiça na Casa do Cível de Lisboa, nomeia-o conservador do Estudo.

D. Manuel não chegou a confirmar a Nuno Gonçalves, o cargo de chanceler da Casa do Cível, admitindo-se haver sido atingido pelo limite de idade (70 anos, segundo as Ordenações Afonsinas), conservando apenas os cargos para cujo exercício não havia limite de idade.

As investigações empreendidas por Scarlatti, permitiram-nos seguir 55 anos da carreira de Nuno Gonçalves, concluindo-se que o pintor e o homem de leis foram uma e única pessoa, que ocupou, no seu tempo, lugares destacados no seio da sociedade portuguesa.

A investigação histórica, em certos aspectos, apresenta alguma identidade com a construção de um «puzzle». Cada elemento novo que se descobre é uma pedra da paciência. O ajustar dessas pedras, formando um conjunto, permite a dedução de enigmas. A edificação do conjunto, por vezes e quase sempre, é morosa e delicada, requerendo poder de análise, espírito dedutivo e sistematização.

Essas qualidades reúne-as Lita Scarlatti, evidenciando-as neste valioso estudo sobre Nuno Gonçalves em que dá a conhecer aos cultores da arte portuguesa, elementos novos que concorrem para desvendar a verdadeira personalidade do notável pintor do século XVI.

Guilherme d'Oliveira Martins

(1) A mãe do pintor faleceu em Bruges, a 27 de Abril de 1450, tendo sido sepultada na Capela dos Portugueses, do Convento dos Dominicanos. Admite-se assim, dado que Nuno Gonçalves só aparece nesta data, que só depois da morte de sua mãe tenha vindo para Portugal.

(2) Era o magistrado incumbido de defender os privilégios da Universidade e de administrar justiça. Tratava-se de um cargo honorífico.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

boas festas e feliz 1971

PARA TODOS OS EMIGRANTES PORTUGUESES E FAMILIAS

NATAL E ANO NOVO

Passe as suas férias e os fins de semana na

COSTA DO SOL

a 20 Kms. de Lisboa

Carcavelos-Estoril-Cascais-Guincho

Hotéis de luxo, de 1.ª e de 2.ª

Estalagens e Pensões

Casino Monumental com variedades internacionais, jogos de roleta, bacará, banca francesa, craps, slot machines, etc.

Teatro e Cinemas
Exposições permanentes
«Boites»Restaurantes típicos
Todos os desportos

e um sem fim de atracções que lhe proporcionarão uma estadia agradável

Informações:

Junta de Turismo da Costa do Sol

Estoril

tel. 260113

Se uma estrela brilhasse...

(Conclusão da 1.ª página)

para que a fraternidade não fosse apenas o sonho de um dia mais realidade de todo o ano, continuamos a relacionar a festa de ontem com a que vai seguir-se. Do nascimento de Jesus até ao dia dos Reis Magos o tempo é de euforia e de encantamento. Porém o Menino de Belém pugnou pelo amor entre os homens e até ser crucificado, não abandonou jamais o seu programa. Volvidos séculos, a amizade é cada vez mais rara e a fraternidade parece um sonho irrealizável. Recentemente afirmava o Papa, na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz — no próximo 1 de Janeiro — que «onde a fraternidade entre os homens é desconhecida de raiz, a paz também é destruída nas suas raízes». Numa época de egoísmos e ambições como esta, não há lugar para a fraternidade porque ela implica amor, aceitação, solidariedade, colaboração. E este alheamento do nosso semelhante torna-se, por vezes, insensibilidade quando não ódio e cruzeza, tal como verificamos ao observar os focos de luta e ferocidade, ao longo deste pobre mundo em que vivemos. Lobos doutros homens espalham a tragédia, a insegurança, a angústia, em todos os continentes.

O Dia da Paz está próximo de nós mas uma vez mais nimbado de melancólicas apreensões, quicá de alguma incredulidade. Muitos se interrogam, apavorados e confusos, quando surgirá o milagre, sim, milagre há-de ser a aceitação dos nossos semelhantes, com seus valores e suas falhas — como nós — com suas frustrações e anseios, com a sua solidão e a sua ingente sede de amor. Sem isto, jamais haverá fraternidade e o mesmo é dizer, sem esta aceitação não vencerá a justiça, nem o respeito pela dignidade humana. Os antigos já nos haviam ensinado, mas parece esquecido, que «amor com amor se paga».

«Amá-vos uns aos outros» con-

tinua a ser o grande mandamento cristão e o mais lancinante apelo para o novo ano prestes a desponhar. Tanto ser de alma em ferida, tanta família sem união, tanta pátria sem rumo, neste expirar de 70, duro, frígido e desesperante. Os meios de comunicação trazem-nos a cruzeza das guerras, dos cataclismos, dos dramas de uma civilização abalada. Tanto se avolumaram os problemas desta humanidade subjugada pela tecnocracia e de costas para os valores morais, que, desavinda e desnorçada só por milagre ou muito tardiamente encontrará a paz depois de trilhar os caminhos da justiça, do respeito, da fraternidade.

Que no 1.º de Janeiro possamos descortinar o tímido brilho da estrela anunciadora da esperança no tal mundo melhor que todos precisamos de construir, a partir de nós próprios, irradiando amor pelo semelhante, interesse pelos problemas do próximo e assim, só assim, ganhará expressão a efeméride anunciada — o Dia Mundial da Paz!

Maria de Olhão

Morte súbita

Quando se dirigia, como habitualmente, de bicicleta, para o mercado municipal de Faro, o sr. José de Sousa, de 40 anos, casado, comerciante, residente na Estrada da Penha, perdeu os sentidos e caiu no solo. Transportado ao hospital da Misericórdia, ali chegou já morto.

Encontrado morto

Num olival próximo de S. Brás de Alportel, apareceu morto o sr. Vitorino Rodrigues Cavaco, de 49 anos, residente no lugar de Farrobo, que, de há tempos dava indícios de desequilíbrio mental.

Emídio Sancho

Médico especialista

Doenças das Crianças

Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada

Cons.-R. Reitor Teixeira Quevedo, 8-1.º

Telefone 22 987

Resid.-Tels. 22958-4 2293 F A R O

SE VISITA QUARTEIRA

Almoço ou Jante no

RESTAURANTE ISIDORO

DEBRUÇADO SOBRE O MAR

A sua cozinha é especial desta região

Grandioso Revellion

no Restaurante ISIDORO em Quarteira

Oferece a V. Ex.ª uma noite de deslumbrante alegria e música em ambiente familiar.

Consulte o Menu especial e reserve a sua mesa (6 lugares) pelo telefone 65219.

Reservado o Direito de Admissão.

RENEEL

IMPERMEABILIZAÇÕES DE TERRAÇOS

40 ANOS DE EXPERIÊNCIA

LISBOA - PORTO - FARO

FARO

R. DO SOL, 20

TELEF. 24166

FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO J. PIMENTA, S. A. R. L.

UMA ORGANIZAÇÃO QUE INDUSTRIALIZOU A CONSTRUÇÃO CIVIL, QUE REVOLUCIONOU A VENDA DOS ANDARES EM PROPRIEDADE HORIZONTAL, QUE POSSUI PROPRIEDADES A BAIXO PREÇO E DESDE 150 CONTOS, QUE COMERCIALIZA EM LARGA ESCALA MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, QUE SE IMPÕE À CONSIDERAÇÃO DE TODOS AQUELES QUE COM ELA CONTACTAM, CUMPRIMENTA OS SEUS CLIENTES E AMIGOS, E O PÚBLICO EM GERAL, DESEJANDO-LHES MUITO BOAS-FESTAS.

LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 15-1.º — TELEFONES 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — RUA D. MARIA I, 30 — TELEFONES 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA: AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — TELEFONE 93 36 70

Notícias de LOULÉ

DISSE-ME um amigo que as minhas crónicas deixaram de ter assim maior graça focalizando assuntos mais de carácter regional que louletanos, pois que quando se tratava do «Loulé... em retrato» ou quando se chamavam «Panorâmicas de Loulé», as pessoas, como ele, que vivem longe, iam logo à procura destes títulos e ficavam mais interessados das notícias da terra e a coisa tinha mais sabor e entusiasmo.

Eu sei o que ele queria dizer mas não disse: tinham mais sabor a bisbilhotice, a pequeninas intrigas, cheiravam mais a pessoalismos. Eu sei, mas entendo que as crónicas locais têm de ceder, muitas vezes, o lugar a assuntos regionais de maior interesse colectivo e até considero que o Algarve, pela promoção que está tendo, merece, não só dos louletanos mas de todos os algarvios, uma maior agitação dos seus problemas vitais, uma maior atenção aos seus opositores, quando não inimigos ou detractores e uma constante e persistente vigilância em relação ao que se está processando em redor.

Lá se conseguiu agora autorização para que os voos de «charters» isto é, aviões fretados especialmente para trazerem turistas, possam demandar o aeroporto de Faro, o que era uma aspiração velhíssima e não havia forma de se removerem as dificuldades que se lhe opunham.

Vamos lá que o assunto se resolveu embora estivesse na agenda do deputado pelo Algarve que, a esse respeito, falou na Assembleia Nacional.

Mas, em satisfação do pedido que o meu amigo me faz, vou ocupar-me hoje mais de Loulé, com o desejo bem sincero para todos os meus leitores de que passassem um Natal muito alegre e tenham um Ano Novo muito próspero e feliz.

Já se trabalha activamente para o próximo Carnaval que promete ter o mesmo ou mais brilhantismo dos anos anteriores. A Santa Casa da Misericórdia já adquiriu o terreno necessário para o «changar» ou estaleiro e parecem-nos que o projecto de construção está em franca elaboração.

Com o produto deste ano, devem conseguir-se os fundos precisos para a sua construção e então a Comissão disporá de um amplo e conveniente recinto para a confecção dos carros e arrecadação de material.

Está assente, também, que se ponha em praça, em Fevereiro, a obra de construção do majestoso templo ou santuário de Nossa Senhora da Piedade, que ficará a ser, além do pólo de devoção de todo o Algarve e Alentejo, uma obra da maior projecção arquitectónica na Província. Desnecessário será encarecer

o valor turístico que a obra representa para Loulé na atracção de visitantes de todas as latitudes, que consignarão nos seus roteiros turísticos uma visita ao maior e mais moderno templo religioso do País.

A obra está orçada em 8 000 contos e será, pela sua imponente e arrojada concepção artística e pela beleza dos seus vitrais e brilho dos materiais empregados, das obras religiosas de maior projecção do País.

O que continua mal são as velhas igrejas, ainda por se concluírem as reparações provocadas pelo último sismo, pelo que, no corrente ano a Missa do Galo terá de ser ainda recada na igreja da Misericórdia e na de S. Sebastião.

Já se nota importante afluência de emigrantes que vêm passar a festa da família junto dos seus e é sempre agradável registar a presença de caras que há muito não víamos, mas é muito aborrecido quando nos perguntam se nos lembramos de quem se trata e nós não reconhecemos já as pessoas, enfiadas em bons fatos e casacos de pele, quando daqui saíram com trajes mais modestos e porventura com um tipo mais gordo ou mais magro.

R. P.

Traineira Vende-se

Características:

Comprimento: 23,72m. Boca de sinal: 5,16m. Motor Bau-douin 300 H. P. 1 250 r. p. m. Assunto urgente. Tratar pelo telefone 22618 — Figueira da Foz.

Pequeno Apartamento

Aluga-se em Faro, no Edifício Moira, Avenida 5 de Outubro. Renda: 1000\$00. Informa na Rua da Trindade, 2—Faro, telefone 24628.

Justificação

Cartório Notarial de Lagoa (Algarve)

A cargo da Notária Catarina Maria de Sousa Valente

Certifico narrativamente, para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-21, de folhas 97 verso a folhas 99 verso, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada em 10 do corrente, na qual Maria José Rocha Antão, que também usa somente Maria Rocha Antão, solteira, maior, natural da freguesia e concelho de Silves, com residência habitual nesta vila de Lagoa, se declara, com exclusão de outrem, dona e legítima possuidora dos seguintes direitos imobiliários: — O direito a um terço indiviso num prédio rústico, sito em Santo Estêvão, freguesia e concelho de Silves, composto de terra de regadio com um pequeno pomar e uma pequena faixa de serra, a norte do canal da barragem, atravessado por um caminho, a confrontar do norte e nascente, com Carlos Bo-

to; do sul, com a ribeira; e do poente com António Francisco Gomes e outro. Inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo 136, com o valor matricial correspondente à fracção de 46 986\$60. Não descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves. Número dois: — O direito a um terço indiviso num prédio rústico, sito em Santo Estêvão, freguesia e concelho de Silves, composto de terra de semear com pastagem, diversas árvores, terra de serra, sobreiros, azinheiros, eucaliptos, alfarrobeiras, laranjeiras, oliveiras, atravessado por um caminho e pelo canal da barragem, a confrontar do norte, com João Maria Alves, Esteves Sequeira e outros; do sul com a ribeira, Esteves Sequeira e José Cabrita; do nascente com Joaquim da Silva Sequeira; e do poente com José Rodrigues Caçapo, Esteves Sequeira e outros. Inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo 142, com o valor matricial correspondente à fracção de 70 253\$33. Descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves sob o número 17 728, a folhas 93 do livro B-43, apenas com uma inscrição de transmissão do direito a um terço do referido prédio, a favor de João Bernardino Militão, por compra efectuada a Manuel Correia da Silveira. A justificante alega, na referida escritura, que é dona do direito a um terço indiviso em cada um dos referidos e identificados prédios, por doação que, por contrato meramente verbal, lhe foi feita, no ano de 1926, por José Ventura da Silveira e mulher Maria da Luz Rocha, casados no regime de comunhão geral de bens e com residência habitual nesta vila de Lagoa. Que por falta do título de doação não tem ela, justificante, possibilidade de comprovar pelos meios normais, a aquisição dos referidos direitos.

Está conforme o original. Cartório Notarial de Lagoa, 15 de Dezembro de 1970.

A Notária,
Catarina Maria de Sousa Valente

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzido pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora **F&L**

DEPOSITOS—FARO tel. 23 880—TAVIRA tel. 294—LAGOS tel. 267
PORTO tel. 148—ALMADRA tel. 34—MIRALHA tel. 6 0 0

Cantinho de S. Brás...

FESTAS POPULARES

TRABALHA-SE activamente nos preparativos das festas de Natal e Ano Novo. Os electricistas estão mobilizados noite e dia, instalando lâmpadas, abrindo furos e erguendo altos troieiros que ladeiam o busto de Bernardo de Passos.

No ano transacto, foi uma pena. Noites incrivelmente invernosas, de frio e chuva, exactamente no período crucial, negando beleza e esplendor à iluminação espectacular que os algarvios esperavam com ansiedade. Mas neste ano, anunciaram-se novidades a que não estamos acostumados pela sua originalidade. Seria de lamentar, depois de tantos esforços do presidente da entidade e de todo o séquito camarário, que o tempo fusesse alguma partidinha de mau gosto.

Já que se programou pela primeira vez no concelho uma recepção aos turistas nacionais e estrangeiros, desejamos ardentemente noites suaves e amenas, de estrelas brilhando no firmamento sem nuvens, como almas que namam ser os filhos de Deus, onde desponta já um luar próprio de Janeiro, que segundo a voz do povo «não tem parceiros».

O presidente da Comissão Regional de Turismo, sr. dr. Pearce de Azevedo, concedeu um valioso subsídio para o efeito. Creio que todos os algarvios estamos vivamente interessados em que os festejos que patrocinam ocorram num ambiente de solene vibração. De tantos esquecimentos que a nossa terra tem sido protagonista, até que enfim nos podemos felicitar, detendo foguetes, pois suponho que se tal concessão, nem todos se podem gabar.

E para falar com franqueza causamos isso certa admiração. Naturalmente as autoridades administrativas, não deixaram de acenar em devido tempo, a sua mágoa e o ambiente de mal-estar gerado pelo ajustamento infeliz da nossa terra das benesses e favores concedidos pelo Estado e pelo fundo de Turismo. Ficamos postergados, observando pelo buraco da fechadura oficial, como se o nosso concelho não seja parte integrante da Província. Não haverá por aí um homem que tenha prestado suficiente e se integre na caravana da Comissão Regional de Turismo? Não há, ou não se fazem diligências para o descobrir? Mal de nós, se não aparece um representante qualificado para o efeito.

Enfim, do mal, o menos. Vamos gozar estes dias que se aproximam, como se estivéssemos num luxuoso carrocel turístico. S. Brás de Alportel, emergindo das faldas da serra do Caldeirão tem sido enaltecida em letras de Imprensa com justo destaque. Aqui nasceu Bernardo de Passos, lírico superior, profusamente adaptado ao livro do ensino liceal; aqui nasceu e sofreu seu irmão, Boaventura, Estanco Louro, José Dias Sancho e um selecto lote de poetas populares.

Será preciso recordar que João de Deus, o príncipe dos príncipes da poesia nacional, ficou encantado quando viu S. Brás de Alportel pela primeira vez?

Que a programação oficial do calendário elaborado se cumpra com todo o brilhantismo, são naturalmente os votos ardentes do «Cantinho». E preciso que os nossos visitantes levem na sua retina imperceptível recordação da nossa fidalga hospitalidade e do carinho fraternal que todos somos capazes de patentear. E imperativo que recordem nos seus países a bela «noite de S. Brás» com o nosso afecto, e o acolhimento das autoridades administrativas. Uma ideia nos tem vindo a dominar. Aídis, consideramo-la de alto valor, como recordação que atestaria à posteridade um acontecimento de tanta magnitude. Porque não se emitem postais ilustrados com vistas pitorescas da nossa terra, tiradas com arte e gosto, e autografadas e chanceladas pelas entidades hospitalares? Nos álbuns dos visitantes de muitos países, figuraria este bonito cantinho algarvio, efectuando-se no momento da recepção a sua entrega. Estamos certos de que os visitantes, pressurosamente, escreveriam nele a sua primeira impressão, com estas significativas palavras: «Recordação de S. Brás de Alportel, Algarve, Portugal, pelo excelente acolhimento do povo e das autoridades administrativas nas festas em nossa honra nos dias 23 e 31 de Dezembro de 1970».

Desculpem a intromissão, mas não lhes parece algo de aproveitável?

F. Clara Neves

Conversas das sextas-feiras no Círculo Cultural do Algarve

Na «conversa» de 18 deste mês no Círculo Cultural do Algarve, em Faro, tratou-se de duas publicações recentes relacionadas com o Algarve: «Os Anais do Município de Faro» e «O Algarve económico durante o século XVI». Os «Anais» contém alguns artigos importantes sobre os quais se falou demoradamente e «O Algarve económico», que é a tese de licenciatura do dr. Joaquim Antero Romero Magalhães, foi considerada pelo dr. Neves Júnior como uma obra de grande importância para os estudiosos. Nesta «conversa» salientou-se a necessidade da frequência das bibliotecas a fim de elas serem instituições vivas e darem os amplos préstimos a que se destinam, tendo-se dito que a municipal de Faro está muito enriquecida e é muito bem dirigida. O Círculo continuará discutindo todos os livros que se publicam no Algarve e sobre o Algarve.

O Agente para o Algarve



Apresenta a sua Representada:
Marblarte S. A. R. L.

Casal do Salgado — ALENQUER

Uma Grande, Moderna e Activa Indústria Nacional

Artigos Decorativos e Utilitários em

MÁRMORE

Faro: António Luís dos Santos

Exposição Agência SOPAL—P. Alexandre Herculano, 37

TAP-Transportes Aéreos Portugueses

Representação de Faro

PROCURA:

Contínuos
Serviçais

REQUER:

— Exame de instrução primária
— Menos de 36 anos
— Boas referências pessoais

OFERECE:

Salários diferidos
Benefícios de alcance social
Estabilidade

Aceitam-se inscrições até 6 de Janeiro de 1971,
Rua D. Francisco Gomes, 8 — FARO

TAP-Transportes Aéreos Portugueses

Representação de Faro

PROCURA:

Teletipistas

REQUER:

- Primeiro ciclo liceal ou equivalente
- Menos de 36 anos
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Experiência profissional
- (Dá-se preferência a quem tenha conhecimentos de Inglês)

OFERECE:

Salários diferidos
Benefícios de alcance social
Estabilidade

Aceitam-se inscrições até 6 de Janeiro de 1971,
Rua D. Francisco Gomes, 8 — FARO

Radiorastreio no Algarve

As unidades móveis do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, prosseguem a sua actuação no Algarve, para efeitos de obtenção da microradiografia do tórax, documento indispensável aos indivíduos que trabalham com géneros alimentícios.

O calendário do próximo mês é o seguinte:

Albufeira — em 26, 27, 28, 29 e 30, às 10 horas, boletins de sanidade e A. T. F. F.

Aljezur — em 4, às 10 horas, em Odeceixe, e às 15, em Aljezur; em 5, às 10, em Bordeira

Faro — em 18, às 10, em Santa Bárbara do Nevo, e às 15, em Estoi; 19, 20, 21, 22 e 23, às 10, boletins de sanidade; em 25, 26 e 27, às 10, no Liceu Nacional; em 28, 29 e 30, às 10, na Escola Técnica e na do Magistério Primário.

Lagoa — em 18, 19, 20, 21, 22 e 23, às 10, fábricas de conservas e em 25, às 10, restantes boletins e A. T. F. F.

Lagos — em 7, às 10, em Odáxere e às 15, A. T. F. F.; em 8, 9 e 11, às 10, fábricas de conserva; em 12 e 13, às 10, boletins de sanidade; em 14, às 10, na Escola Técnica; em 15, às 10, em Espiche e às 15, em Bensufim.

Monchique — em 4, às 10, em Alferce e às 15, em Monchique; em 5, às 10, em Monchique e às 15, em Marmeleira.

Olhão — em 2, 4, 5 e 6, às 10, nas fábricas de conserva; em 7, 8 e 9, às 10, restantes boletins; em 11, às 10, em Moncarapacho; às 15, na Fuseta; em 13 e 14, às 10, na Escola Técnica.

Portimão — em 16, às 10, em Mexilhoeira Grande; em 18, às 10, em Portimão (A. T. F. F.); em 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27 e 28, às 10, nas fábricas de conserva; em 29 e 30, às 10, restantes boletins e A. T. F. F.

S. Brás de Alportel — em 15, às 10, boletins de sanidade; em 16, às 10, A. T. F. F.

Silves — em 6, às 10, em S. Bartolomeu de Messines; em 7, às 10, em S. Marcos da Serra e às 15, boletins de sanidade; em 8, às 10, boletins de sanidade; em 9, às 10, A. T. F. F.; em 11, 12, 13 e 14, às 10, na Escola Técnica;



PORTO LISBOA FARO

DECORAÇÃO
REVESTIMENTOS
EQUIPAMENTO

Praça Alexandre Herculano, 37 — FARO



AUMENTO DE CAPITAL

No dia quatro de Dezembro de mil novecentos e setenta, neste Cartório Notarial do Concelho de Lagoa - Algarve, perante mim, licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, notária do referido cartório, compareceram como outor-

em 15, às 10, em Algez e às 15, em Alcantarilha; em 16, às 10, em Armação de Pêra.
Tavira em 12, às 10, na Escola Técnica.
Vila do Bispo — em 5, às 15, em Vila do Bispo; em 6, às 10, em Sagres e às 15, em Budens.

gantes: Ramiro da Graça Cabrita, casado, natural da freguesia de São Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, povo onde tem residência habitual; José da Silva Pontes, casado, natural da freguesia de Boliqueime, com residência habitual no sítio de Patã, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé; Manuel da Graça, casado, natural da freguesia de Alte com residência habitual em Monte da Charneca, freguesia de Alte, concelho de Loulé; e Dionísio António, casado, natural da freguesia de Outeiro da Cabeça, com residência habitual em Outeiro da Cabeça, freguesia de Maxial, concelho de Torres Vedras.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por conhecimento pessoal. E por eles foi dito: Que são os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Cerâmica Central do Algez, Limitada», com sede na estrada da Guia, povo-sede da freguesia do Algez, concelho de Silves, constituída por escritura lavrada em dez de Março de mil novecentos e sessenta e seis, exarada a folhas vinte e cinco do livro de notas A-onze, do Cartório Notarial de Silves, com o capital, integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social, de um milhão e quinhentos mil escudos, dividido em três quotas de quatrocentos e cinquenta mil escudos cada, para cada um dos sócios Ramiro da Graça Cabrita, José da Silva Pontes e Manuel da Graça; e uma quota no valor nominal de cento e cinquenta mil escudos, para o sócio Dionísio António. Que, pela presente escritura, elevam o capital social para dois milhões e setecentos mil escudos, sendo a importância do aumento de um milhão e duzentos mil escudos subscrita, em dinheiro, por todos os sócios, na seguinte proporção: os sócios Ramiro da Graça Cabrita, José da Silva Pontes e Manuel da Graça, cada um, com uma

entrada, em dinheiro, de trezentos e sessenta mil escudos; e o sócio Dionísio António com uma entrada, em dinheiro, de cento e vinte mil escudos. Que, em consequência deste aumento de capital, todos os sócios substituem a redacção do corpo do artigo quarto, ficando o mesmo redigido como segue: Artigo quarto — O capital social é de dois milhões e setecentos mil escudos, correspondente à soma das quotas dos sócios, no valor de oitocentos e dez mil escudos para cada um dos sócios, Ramiro da Graça Cabrita, José da Silva Pontes e Manuel da Graça, e de duzentos e setenta mil escudos para o sócio Dionísio António.

Assim o disseram e outorgaram.

Esta escritura foi lida aos outorgantes em voz alta e aos mesmos explicado o seu conteúdo, na presença simultânea de todos os intervenientes, com a advertência da obrigatoriedade de sujeição deste acto a registo comercial, no prazo de três meses a contar da presente data.

Ramiro da Graça Cabrita
José da Silva Pontes
Manuel da Graça
Dionísio António

A Notária,

Catarina Maria de Sousa
Valente

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH — CAV — SIMMS
PESSOAL ESPECIALIZADO
MAQUINAS ELECTRONICAS
EXECUCAO RAPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMAO

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Dezembro e seguintes em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Agrupamento de Padarias no concelho de Silves

Com sede no Algez, a Sociedade Panificadora do Araalgarve, Lda., vende ou arrenda edifício e instalações. Dirigir à sede.

ENSINO NO ALGARVE PARTICIPAÇÕES

PRIMARIO

Para regente do curso de educação de adultos no Centro de Instrução de Condução Auto N.º 5, de Lagos, foi nomeado o sr. 2.º sargento Amadeu António do Nascimento.

PREPARATORIO

Para servente do quadro da Escola Preparatória de João de Deus, em Silves, foi contratado o sr. José Gregório Martins.

TÉCNICO

Foram nomeados, por conveniência urgente de serviço, mestres provisórios: de Serralharia, na Escola Industrial e Comercial de Lagos, o sr. Fernando da Silva Correia e de Electricidade, o sr. José Manuel de Jesus Reis; de Serralharia, na Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, o sr. Jaime António Trindade Constantino; na Escola Industrial e Comercial de Loulé, de Grafias, o sr. António José da Silva Lopes; de Formação Feminina, as sr.ªs D. Aidé Cabrita Nugas Lo-

Foram concedidas as seguintes participações: 100 contos à Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, para conservação do canal e acesso terrestre do porto da Baleira (Vila do Bispo); 40 contos à Diocese do Algarve, para reparação da igreja paroquial de Martimlongo; 2 300\$ à Câmara Municipal de Loulé, para reparação da Rua de Gago Coutinho, em Quarteira; 30 contos à Câmara Municipal de Olhão, para pavimentação da Rua da Feira, naquela vila; 40 contos e 14 500\$ (reforço) à Câmara Municipal de Silves, para reparação das ruas do Castelo e do Cemitério, naquela cidade; 61 274\$ à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para construção da Rua 3, naquela vila; 100 contos à Câmara Municipal de Monchique, para a estrada municipal n.º 501 (construção do lanço entre a estrada nacional n.º 256, em Monchique e Selão), 17.ª fase.

pes e D. Fernanda Maria Galtarossa dos Santos; e de Serralharia, os srs. João Eulálio Dias Pedro e Vitorino Coelho Dias.

1530000
GRANDES CALORIAS
em 13kg de Gazcidla inteiramente grátis.
Descontos e facilidades de pagamento na compra de material de queima.
Campanha de Natal
GAZCIDLA

GAZCIDLA é:
• O calor do seu fogão
• O ambiente dado pelo seu calorifero
• A temperatura do seu banho
• A economia e o conforto em sua casa
• A eficiência na assistência técnica.

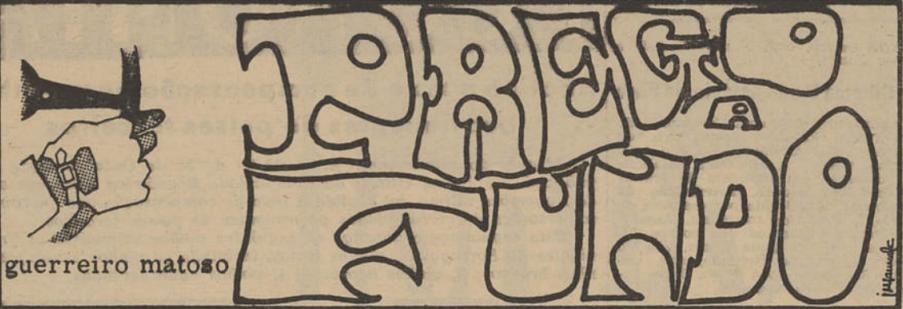
Aproveite a campanha de Natal GAZCIDLA - Até 15 de Janeiro
GAZCIDLA uma chama viva onde quer que viva

Vende-se Horta no Odelouca - SILVES

Com 600 laranjeiras e pereiras, qualidades seleccionadas em plena produção.
Vendo e facilito grande parte do pagamento. Tratar com Luís Maló Rocha, Praceta Coronel Pires Viegas, n.º 14, Faro, Telef. 22913.

Churrasqueira do Guadiana de Edmundo Almeida
Telef. 418 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Deseja a todos os seus clientes e amigos Boas Festas e as maiores prosperidades no Ano Novo.



RUBRICA QUINZENAL DE AUTOMOBILISMO
ESTILISMO-70

ÊXITO DO 1.º CONCURSO NACIONAL DE ESTILISMO

Organizado pela Delegação de Lisboa do Rascal Clube, sob o patrocínio da Fiat e do jornal «Motor», tem despertado excepcional interesse o concurso «Estilismo-70» que corresponde à 1.ª realização no género, ao âmbito nacional.

As centenas de pedidos de regulamentos que continuam a afluir à delegação do Rascal, na Rua Capelo n.º 5-2.º, em Lisboa, demonstram bem a oportunidade da iniciativa. Para os nossos leitores menos informados, o concurso consiste no desenho de carrocerias automóveis sobre um chassis-base para uniformização dos trabalhos (a base é o Fiat 128); do Regulamento consta um modelo com as dimensões exactas, à escala, e os órgãos obrigatórios, podendo desta forma os trabalhos ser feitos directamente sobre vegetal às dimensões patentes.

A lista dos prémios inclui, entre outros: uma viagem a Turim, com visita aos diversos departamentos da marca italiana.

Um prémio de estímulo para o trabalho melhor classificado dos concorrentes mais jovens (16 anos);

Um prémio para o sócio do Rascal Clube melhor classificado.

— Diploma a todos os participantes.

Os trabalhos poderão ser enviados até ao fim do mês para o local de recepção constante do Regulamento, que será enviado a todos os que o solicitarem para qualquer das dependências do Rascal Clube, e ainda para o jornal «Motor» ou a Fiat. A inscrição é gratuita... e V. ainda está a tempo de concorrer!

FINAL DA 1.ª FASE DO CAMPEONATO DE INICIADOS

Com a disputa nos passados dias 12 e 13 do «Rallye do Benfica» na zona sul e do «Rallye do Vigorosa» na zona norte, terminou a fase de apuramento dos concorrentes do Nacional de Iniciados.

Conforme noticiámos, dos concorrentes classificados, um grupo proporcional ao seu número irá disputar o «Rallye de Fim do Ano», organizado pelo Arte e Sport.

Do grupo inicial de 4 concorrentes algarvios, 3 participaram na última prova, já que Carlos Fontainhas não concorreu ao Rallye do Benfica. De todos, embora na altura em que escrevemos o texto não tenham saído as classificações do Campeonato, certo na final está A. M. Sequeira, sem

dúvida um dos condutores com mais possibilidades no momento actual do automobilismo algarvio; com uma penalização, pelo que sabemos, de apenas 4 segundos na descida de S. Pedro de Sintra, certamente caber-lhe-á um lugar de destaque na prova do clube da Luz, e consequentemente na geral das 3 provas.

No fim do ano, na companhia de Albino Pinto (desta vez como «pendura», a substituir a redacção de «Prego a Fundos») certamente que o Algarve não ficará mal representado.

Os outros 2 concorrentes algarvios continuaram perseguidos pela falta de sorte: o dr. Rui Cachola (124-S) que no «Rallye de Inverno» penalizara por avanço alguns minutos, no do Benfica «atravessou-se» e penalizou por atraso... Salazar d'Éca, um caso de inadaptação ao carro (Escort GT), «ajudado» por erros de navegação, foi um piloto de quem esperávamos mais. Aliás, Carlos Fontainhas, ajudado pela sorte teria sido um concorrente com boas possibilidades.

No total, a pontuação de «meia-tabela» de «Ruy Alochac» talvez lhe permita uma tangencial ida à final, prémio que, sem «bairrismo» e pelo que vimos estaria nas possibilidades de condução de qualquer dos algarvios do Campeonato.

CRÓNICA DE PORTIMÃO

Boas Festas!

por Candelas Nunes

O NOSSO cartão de Boas Festas é, este ano, tecnicolorido. Isto, porque temos na «baixa» um convite: Visita o centro comercial, porque na Rua do Comércio (valgo rua das Lojas) temos feéricas iluminações, como usa dizer-se — e qualquer pessoa medianamente inteligente descobre logo que é ali, e só ali, o tal centro comercial que a convidaram a visitar — e porque temos, a cavalo na pencha do coreto, uma coisa muito cativa, que é pena não se ter ainda descoberto o que é. Trata-se duma armação gigante em tubo metálico (a princípio pensou-se numa réplica portimonense da Torre Eiffel, mas houve que pôr de parte a ideia) da qual pendem muitas lâmpadas coloridas, tecnicoloridas. Que é que não é? — Fonte luminosa, árvore de Natal? — Bem, cada qual que se avenha com a sua própria interpretação que a arte moderna é assim mesmo. E que aquilo é arte, olárita, não restam dúvidas... Da mais supra!

Dizem os mal intencionados que contabilizam tudo — como se a arte fosse contabilizável — que a coisa custa à cidade à volta de cento e cinquenta contos. Upa!... Claro que se for a cidade a pagar, achamos espanto a mais. Vocês aí, que acham? Mas se, pelo contrário, tudo isto for de conta do tal centro comercial, pois então que metam a viola no saco: os comerciantes daquele troço de rua lá sabem as linhas com que se cosem!

Pois, como lhes dizia, o nosso cartão de Boas Festas é, este ano, tecnicolorido. A cidade cumprimenta V. Ex.ª, desejando-lhe Festas Felizes. A gente agradece e retribui, porque não somos, não senhor, quaisquer cavalgadas.

É certo que a gente, sem sermos cavalgadas, agradeceríamos mais, por exemplo, uma descida no preço da electricidade. Ou que os padeiros cumprissem sem sofismas o que a lei regulamenta em matéria de pão. Ou que desparecessem as estremeiras privadas em cada canto da cidade e que a estremeira-mor, a montureira municipal, levasse sumido de frente do novo hospital enquanto é tempo, quer dizer, enquanto lá não existirem doentes, o que, aliás, não tarda nada. Ou, enfim, que a automatização dos telefones servisse para fazer baixar as dores de cabeça de quem os utiliza, e não, como tem acontecendo, para as fazer subir ainda mais, safa! A gente agradecerá tanta coisa!...

A falta de melhor, contudo, que nos resta se não visitar o «centro comercial», embasbacarmo-nos perante a euforia de velas e sinos e estrelas de Natal, ou, na Casa Inglesa, cativamente, perder uma ou duas horas a tentar descobrir que coisa estranha é esta que nos vie-

O «Auto de Mofina Mendes» foi representado em Faro

O Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve promoveu no Teatro-Estúdio um espectáculo comemorativo da quadra natalícia. Os «Jograis Emilianos da Costa» disseram com expressividade versos de José Régio e Miguel Torga. Seguiu-se a representação do «Auto dos Mistérios da Virgem ou Auto da Mofina Mendes», de Gil Vicente.

Com encenação do dr. Emílio Campos Coroa, director artístico do valioso agrupamento, assistiu-se a um espectáculo de elevado interesse.

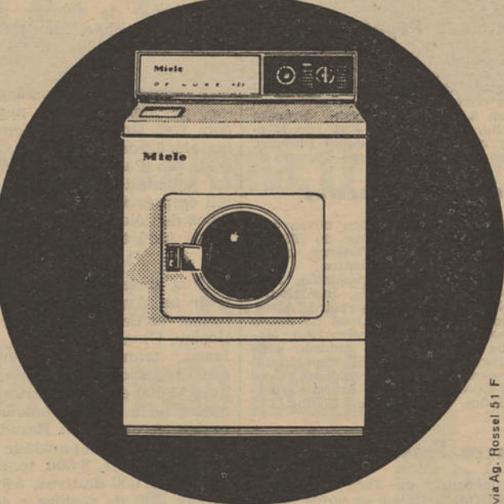
Conferência em Loulé sobre liberdade religiosa

O dr. Jacinto Duarte, advogado em Loulé, pronunciará na segunda-feira, às 21.30, nas instalações do Sporting Clube Atlético, daquela vila, uma conferência subordinada ao tema «Liberdade religiosa», seguida de um colóquio.

IMPrensa

«JORNAL DE MOURA» — Este nosso prezado colega completou 50 anos de publicação, pelo que felicitamos o seu director sr. Godinho Cunha e colaboradores.

nunca lavar foi tão fácil!



Miele
MÁQUINA DE LAVAR ROUPA 421 AUTOMÁTICA

Um só movimento basta para seleccionar o programa de lavagem desejado. O resto será feito pelo cérebro electrónico da MIELE 421. V. Exa. não tem que se preocupar com coisa alguma.

Agente Oficial:

MOTOLUX, Lda.

Praça da República, 6 Rua de Santo António, 115
Tel. 62117 — LOULÉ Tel. 25727 — FARO

Luís Félix da Silva

Proprietário do Café Restaurante JANELAS
VERDES deseja à sua vasta clientela Festas Felizes e um Ano Novo mais próspero.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

diu no caminho da paz. Pelo contrário, a intervenção no Camboja veio complicar a guerra e envolver muito mais os americanos num conflito de que eles se querem libertar.

Na Europa, caminha-se para novos acordos entre a Alemanha Ocidental e os países de Leste, para encerrar definitivamente as feridas da guerra. Estamos longe, ainda, da pretendida Conferência sobre a Segurança Europeia, mas alguns países fazem esforços para a tornar realidade. As negociações andam vagarosamente e não será também neste novo ano que elas atingirão o seu termo.

Quanto à unidade económica europeia, está longe de processar-se. Dividido em dois grandes blocos, o velho continente mantém um forte desenvolvimento industrial e económico que os tratados não podem suprir. Os países pouco desenvolvidos da Europa meridional estão longe de acompanhar o surto verificado no centro e no norte e a desigualdade mantém-se.

Noutro plano — a ciência espacial — continua a acentuar-se o progresso soviético-americano. Uma nova tripulação de astronautas prepara-se, nos Estados Unidos, para seguir para a Lua, enquanto os russos prosseguem as suas experiências no mesmo nível, utilizando mais aparelhagem autónoma, como no caso do «Lunokhod».

Sob este aspecto, o ano de 1971 não nos deve trazer surpresas. Em termos do cosmos, pouco importa já mais uma viagem à Lua ou a outro satélite. A persistência dos homens e o avanço da ciência acabam por resolver todas as dificuldades. Esta é talvez a melhor lição que temos recebido nos últimos tempos.

Mateus Boaventura

Agenda de contribuinte

MES DE JANEIRO

Durante todos os dias úteis do próximo mês de Janeiro encontram-se à obra à boca do cofre, as seguintes contribuições:

Contribuição Industrial — Grupo B; Contribuição Predial; Imposto sobre as sucessões e doações — Anuidades.

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **PROLAR**
DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 1154-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8e 89



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.º, S.A.R.L.
Telex 01633-Teleg. Teof. Telef. 45308/09-4 Linhas-Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES-Algarve-Portugal

1971 Um ano de esperança e de apelos urgentes

(Conclusão da 1.ª página)

dade de abastecimentos de várias ordens que acompanhem o desenvolvimento da Província, assim como de uma estrada, se não marginal, pelo menos nacional suficientemente larga para o movimento provocado pelo surto turístico. Depois, virão os hotéis modestos ou pensões familiares, ou maior número de parques de campismo indispensáveis à população flutuante dos meses de Verão.

El pensando, agora, exclusivamente na população local, desejáramos que esta usufruísse de melhores condições de subsistência com novas possibilidades de emprego; de mais fácil acesso à cultura, com melhores escolas e liceus, bibliotecas, teatros, cinemas, etc.

Será pedir muito? Não nos parece. Julgamos que estes são os desejos normais de todo o cidadão na época em que vivemos, neste dealbar de 1971, em que a Igreja apregoa o tema: «Todos os homens são meus irmãos». Isto significa que se devem dar oportunidades a todos em circunstâncias sociais idênticas.

Reunião sobre tratamento de lixos urbanos

No salão da Câmara Municipal de Faro decorreu uma reunião durante a qual um técnico italiano dissertou sobre o tratamento de lixos urbanos. Falou da obra que a sua firma fizera em Roma e ilustrou a conferência com fotografias do projecto que vai ser executado em Budapeste.

Assistiram presidentes dos Municípios e técnicos dos Serviços de Salubridade das edilidades algarvias.

Mecânico

De frigoríficos e congeladores, com carro próprio, encarrega-se de serviços de especialidade, garantindo completa assistência. Dirigir à Rua Domingos Guieiro, 15, Telef. 22694 — FARO.



Como evitar o estrangulamento?

NÃO é título de filme de suspense, marca Hitchcock, mas tão somente aquilo que nos sucede a nós, fusetenses. Como e porque? Toda a população está delimitada pela linha férrea que a cerca e a empurra para o mar. Uma única estrada lhe permite o acesso a todos os tipos de veículos rodoviários: a que liga Alfindanga, na E. N. 125, à Fuseta. Mas, e a passagem de nível? Ali reside o nosso grande problema, porquanto as múltiplas composições ferroviárias que circulam, determinam que ela se encontre bastas vezes fechada. Depois, são as esperas, as longas esperas, ou então há que retroceder e ir pela chamada «Estrada da Vala». Um par de quilómetros e a impossibilidade de os camiões por lá transitarem, pois que se trata de uma passagem baixa.

Mas e a solução a apresentar? Muitas e muitas vezes nos temos batido para que se proceda ao alargamento e betumização do caminho que segue pela Ponte Grande e vai até ao cimo da ladeira da Alfindanga. Uma nova zona se abria à expansão urbanística da Fuseta, ao mesmo tempo que o problema do trânsito se resolvia. Seria, sem dúvida, uma obra de próximo inestável para esta terra, a viver nos últimos tempos apenas de «pequenas obras», de «sobrinhos» com que a edilidade a tem favorecido.

Queremos é algo que se veja, soluções que sirvam para o futuro, pois é para ele e por ele que temos de trabalhar.

Afinal, a tal estrada resolvia dois grandes e importantes problemas desta terra estrangulada e que mais o está a ser.

João Leal

Cumprimentos de Boas Festas

Por motivo da quadra natalícia e da entrada do novo ano, tiveram a amabilidade, que agradecemos, de nos endereçar os seus melhores votos as seguintes individualidades e entidades: Sociedade Campo Pequeno, Lda.; Sociedade HARMÓNICA Artistas de Música, de Loulé; Laurentino Fernandes; Companhia de Seguros Tagus; Direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Faro; Jorge Amorim (Promoções e Relações Públicas Lusotur, S. A. R. L.); Viriato Rodrigues Miguel (da Robilac Portuguesa); Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António; José Manuel Madeira Rolão, empresário do Cinema Topázio, da Fuseta; Bento Gomes Pombal; Sebastião Baptista Leiria; comandante e pessoal da P. S. P., de Faro; gerência do Cinema Mirandês de Almansil; Rancho Folclórico do Sport Lisboa e Fuseta; chefe e funcionários do Posto da Direcção-Geral de Segurança, em Vila Real de Santo António; 5.º Rallye Internacional TAP; João Alberto Leiria; Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.; Vila Real de Santo António; Robilac Portuguesa; Humberto José Viegas Gomes; António Firmínio Leiria, encarregado geral da SIAC; José Viegas Libório, chefe de Serviço de Exploração Postal do Algarve; António Manuel F. Rusóbio; Clara Neves; Carlos Vitor Afonso Rosa; João A. Andrade; Jesus Nunes Raimundo; alunos da Escola Preparatória de Francisco Arruda; D. Maria P. Bubbe, da Bélgica; Gastão Seruca Inácio; João Francisco Manjua Leal; Fernando Costa Cavaco; Maglório Leiria; Conselho de Administração da Sociedade Jardim Zoológico e de Aclimação em Portugal; Joaquim Manuel Bentes Aboim, director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve; direcção da Opal; eng. António Rodrigues Pinelo, director de Estradas do Distrito de Faro; Fernando Augusto Estrela; dr.ª Maria Odete L. da Fonseca; J. Santos Stockler; C. A. T. Teófilo Fontainhas Neto; Joaquim Daniel Evangelista; Hermenegildo Neves Franco; Casa do Algarve; Lorilleux-Lefranc; Arménio Aleluia Martins; Candelas Nunes; José Leal Branco; Ginásio Clube de Tavira; M. Santos Traquino, de Londres.

Aos Ex.ªs Senhores Arquitectos, Decoradores e Público em Geral

A Luz ó Móvel

Orgulha-se de apresentar uma variada gama de:

- Móveis e Decorações para Equipamentos Hoteleiros
- Iluminação Decorativa — TV — Som — Abajours
- Cozinhas Pré Fabricadas — Alcatifas — Cortinados
- Colchoarias — Utensílios Domésticos — Novidades

Rua Luís Bivar, 6 S. Brás de Alportel

Rita da Palma do Carmo Silva e Carmina Mortágua Estrela

Proprietárias do CAFÉ IMPÉRIO desejam um Natal muito Feliz e um Ano Novo muito próspero

Noite de S. Silvestre Réveillon Hotel Faro

Ceia com requintada ementa, iguarias e lembranças. Baile abrilhantado pelo animado e conhecido conjunto de Lisboa, «The blue boys». Noite inesquecível. 250\$00 por pessoa, com taxas incluídas. «Vinhos extra». O serviço começa a partir das 21,30.

Façam urgentemente as vossas reservas. Lotação limitada.

Telef. 22076 — Teleg. Farotel.

Despacho sobre sementes certificadas ou seleccionadas

Por ser de interesse para a lavoura algarvia a divulgação das disposições do recente despacho do secretário de Estado da Agricultura, sobre sementes certificadas ou seleccionadas que poderão beneficiar do crédito sem juros previsto no Regime Cerealífero, lembramos as principais indicações constantes do referido despacho.

Consideram-se como sementes certificadas ou seleccionadas beneficiando do crédito sem juros, na modalidade de entrega em espécie aos agricultores, as seguintes, certificadas pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, através do Serviço de Ensaio de Sementes:

Trigo — As produzidas ao abrigo das disposições do Decreto-Lei 29 959, de 24 de Outubro de 1959. Centeio — Enquanto não for possível proceder à certificação varietal de lotes provenientes de semente-base, as adquiridas à lavoura e certificadas quanto à pureza e germinação. Milho (a) As de cultivares nacionais produzidas ao abrigo das Portarias 16 769, 18 618 e 19 073, respectivamente de 11 de Julho de 1958, 25 de Julho de 1961 e 13 de Março de 1962. b) As importadas, com confirmação de garantia de pureza varietal. c) As de cultivares estrangeiras, de produção nacional e com garantia de pureza e germinação. Esta certificação terá carácter transitório, cessando quando for possível certificar varietalmente as cultivares.

Quando as sementes para as quais não exista ainda regulamentação apropriada, a certificação efectuar-se-á a pedido das entidades interessadas.

No caso do milho híbrido, na orientação relativa à autorização das cultivares a comercializar e definição do seu valor cultural, mantêm-se em vigor as normas regulamentares estabelecidas por despacho de 22 de Novembro de 1968.

O fornecimento pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo de semente certificada será efectuado por intermédio dos organismos da lavoura e concedido todos os empresários agrícolas que comprovem perante a Federação esta qualidade e cujas explorações agrícolas se encontrem integradas no espírito do Decreto-Lei 49 170.

Este despacho aplica-se já à presente campanha.

LIVROS

«Um infinito silêncio» de António Rebordão Navarro

Foi posto à venda o romance de António Rebordão Navarro «Um infinito silêncio», editado por Publicações Europa-América, que ganhou o Prémio Alves Redol-1970, entre 14 obras apreciadas por um júri constituído pelos drs. Jacinto do Prado Coelho, Oscar Lopes, José Palla e Carmo. Eduardo Lourenço e David Mourão-Ferreira.

O prof. Jacinto do Prado Coelho, no discurso que antecedeu a entrega do prémio, considerou «Um infinito silêncio» como uma realização notável, «suí generis», e que terá primordial importância na vida novelística portuguesa contemporânea, salientando, nomeadamente, que três pontos despertaram a sua atenção: a aparente autenticidade de uma experiência, a muito hábil composição e a modernidade de linguagem.

«Um infinito silêncio» é baseado na experiência do autor quando delegado do procurador da República numa terra perdida no Nordeste transmontano, terra em que as pessoas emigram, física e mentalmente, onde os problemas do mundo não existem, onde impera o desânimo, a apatia, por vezes agitada por um espírito rebelde, terra que, em suma, vai ficando sem pessoas e onde, finalmente, só subsiste um infinito silêncio.

Até à data, António Rebordão Navarro era mais conhecido como poeta, embora já tivesse escrito o romance «Cremada em Espanha» (Romagem a Preta). Nasceu em 1933, na freguesia de Aldoar, concelho do Porto, e frequentou a Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Direito. É autor dos livros «As três meninas» e «Outros poemas» (1952); «Outro caminho do mar» (1953); «O mundo completo» (1955); «Os animais humildes» (1956); «Poema para Anne Franck» (1959); «O dia da noite» (1960); «Aqui e agora» (1961). Tem alguns livros de poemas traduzidos para espanhol e foi director das revistas «Bandarra» e «Notícias do Bloqueio».

Trespassa-se

Restaurante Cervejaria Empurre, em Vila Real de Santo António. Dirigir à Praça Marquês de Pombal, n.º 23, na mesma vila.

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO, LDA.

Minha senhora, se deseja adquirir FIOS PARA TRICOTAR EM Lã, FIBRAS ACRILICAS, FANTASIAS E ALGODÕES, temos preços e qualidades especiais para si.

ROBILON a fibra que se impõe, pelas suas cores e qualidades. PEÇA AMOSTRAS, se as não tiver ainda, à Casa!

A. NETO RAPOSO, LDA. (FABRICANTES)

Praça dos Restauradores, 13-1.º Dto. (junto ao Metro) — Telefone 326501 — LISBOA

TRACTOR COMPRA-SE

Pequeno, estado novo, com ou sem alfaias. Dirigir ao telef. 95139 — FUSETA.

À Glasse Médica e aos Doentes Diabéticos

As preparações de INSULINA «SANO» cuja qualidade é assegurada pela comprovação oficial a que sistematicamente são submetidas, encontram-se à venda nas principais Farmácias do País pelos seguintes preços:

INSULINA (SIMPLES)-Frascos de 10cc. com 400 Unidades=20\$00

INSULINA PROTAMINA-ZINCO-Frascos de 10cc. com 400 Unidades=23\$00

O LABORATÓRIO «SANO»

É O ÚNICO FABRICANTE NACIONAL DE INSULINA

Festas de Natal

No Hotel Vasco da Gama, de Monte Gordo

A Sociedade Turística do Sul, proprietária dos Hotéis Vasco da Gama e Caravelas, de Monte Gordo promoveu na segunda-feira, no Vasco da Gama, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos seus 300 empregados, que decorreu com extraordinária alegria e animação.

Junto a uma árvore de Natal de apreciáveis dimensões e belamente decorada, cerca de 150 crianças, filhas dos empregados, receberam magníficos presentes de um «Pai Natal» em carne e osso, que foi ajudado na distribuição pelo sr. António José Alves Rodrigues, e senhorinhas Ana Isabel Tomás de Almeida e Teresa Tomás de Almeida, filhos dos directores do hotel, sr. António S. Rodrigues e Reinaldo Pimenta de Almeida.

Seguiu-se um lanche oferecido às crianças e seus familiares, que teve acompanhamento musical por elementos do conjunto privativo do hotel.

Quer a distribuição de brinquedos, quer o lanche, foram seguidos com muito interesse e curiosidade pelos numerosos hóspedes daquele estabelecimento hoteleiro, alguns dos quais se associaram com gosto à interessante iniciativa.

No Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António

Nas instalações do Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, decorreu no domingo uma animada festa de Natal, dedicada aos filhos dos atletas da popular colectividade, a quem foram distribuídos brinquedos.

Da Santa Casa da Misericórdia, de Olhão

Seguindo a tradição, contando com o auxílio de alguns sócios e amigos, a Misericórdia de Olhão deu no dia 19 deste mês uma festa na Casa da Misericórdia, com merenda e distribuição de brinquedos às crianças ali assistidas.

Houve também melhoria das refeições a todos os assistidos da Misericórdia, ontem, e haverá no próximo dia 1.º de Janeiro uma interessante festa com árvore de Natal realizada na quinta-feira, no Asilo de Velhos e Inválidos.

Na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve

Com a presença de destacadas individualidades, entre as quais o presidente da Comissão Regional de Turismo, comandante distrital da P. S. P., delegados do I. N. T. P. e dos T. A. P. distritais, a festa natalícia da escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, decorreu em Faro a festa natalícia da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve. Os convidados foram recebidos pelos srs. Bentes Aboim e Cavaco Guerreiro, director e subdirector da Escola e assistiram a um acto de variedade musical, que decorreu no Clube Popular de Faro, nele participando apenas alunos da Escola Hotelaria, que apresentaram fados, baladas, números folclóricos, canções, solos de harmonica, declamação, etc. Efectuou-se a seguir um almoço de confraternização e no final foram visitadas as modernas instalações da Escola, que se apresentam decoradas com motivos alusivos à quadra. Chamaram particularmente a atenção dos convivas o artístico presépio e a árvore de Natal, trabalhos dos alunos.

Na Delegação dos T.A.P. em Faro

Tal como em anos anteriores efectuou-se na tarde do dia 23 na delegação em Faro dos Transportes Aéreos Portugueses uma distribuição de lembranças aos filhos dos empregados. Presidiu ao acto o representante dos T. A. P. em Faro, sr. Celestino Domingues, acompanhado da sua esposa, sr.ª D. Maria Isabel Paula Domingues.

Na Cialbe

Mantendo a tradição, a Cialbe, Lda., associada da Refrigor, Lda., distribuiu pelos seus empregados cabazes do Natal, além de outras lembranças, procurando criar um ambiente mais festivo a quantos ali trabalham.

Da Premolde

Nas amplas instalações fabris, situadas na zona industrial de Faro, decorreu em ambiente de animado convívio a festa natalícia do pessoal que trabalha no Algarve para a Premolde (Estruturas Especiais de Betão, Lda.). Houve distribuição de brinquedos e guloseimas à petizada, assim como de úteis lembranças aos operários. Encontravam-se presentes os sócios-gerentes srs. eng. Manuel Beatriz e Francisco Beatriz, que se deslocaram do Montijo, acompanhados dos seus familiares, agente-técnico sr. João Matos Junça, delegado da Premolde no Algarve; engs. Joel Faria e Bento Dias e agentes técnicos Durval Chaveca e Rogério Neves. Aproveitaram o convívio decorrendo num dos restaurantes da capital algarvia um almoço. Aos brindes usaram da

Bailes na Casa do Algarve em Lisboa

Hoje, na nossa Casa Regional em Lisboa, haverá baile abrilhantado pelo conjunto Monte Carlo.

No próximo dia 31, há «reveillon», com a participação do conjunto musical algarvio X 15-Group. Para este, conta-se desde já com esmerado serviço de bar-restaurante onde se poderão servir ceias. As marcações de mesas e ceias são feitas pelo telefone 323240.

ANDARES

Vendo belíssimos andares, em local de futuro. Tratar com: José de Sousa Pereira — Estrada da Penha, 180-1.º — Tel. 24499 — FARO.

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares. Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro. VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA. Estrada da Penha FARO

palavra os srs. eng. Manuel Beatriz e Matos Junça.

No Cinema Santo António, de Faro

Quantos trabalham na Companhia do Cine-Teatro Farense, proprietária do Cinema Santo António e do São Luís Parque, tiveram a sua festa natalícia, que decorreu em ambiente de fraternal convívio. Houve distribuição da «consoada», constituída por «cabazes do Natal» e subsídios materiais. Assistiram vários elementos dos corpos directivos, entre os quais os srs. Virgílio Calado, Herculano Herdade, eng. Osvaldo Bagarrão, João Pinto Dias Pires e dr. Carlos Nogueira.

No Hotel da Balaia de Albufeira,

Com a presença de individualidades ligadas ao turismo algarvio e dos directores do Hotel da Balaia, realizou-se a festa natalícia dos empregados e seus filhos naquela unidade hoteleira, que decorreu em ambiente de grande alegria, sendo distribuídos brinquedos e outras lembranças. Pelos srs. Bentes Aboim, director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve e René Mous-sault, director do Hotel da Balaia foram entregues prémios ao empregado sr. José Maria das Neves, pelo seu aproveitamento naquele estabelecimento de formação profissional.

No C. A. T. da Câmara Municipal de Faro

No quartel dos Bombeiros Municipais decorreu, com a presença de muitos associados e famílias, a festa de Natal do C. A. T. dos funcionários da Câmara Municipal de Faro. Presidiu o sr. Manuel Vieira Branco, presidente da edilidade. A abrir usou da palavra o agente técnico sr. Marciano Nobre, presidente do C. A. T. Durante a festa exibiu-se o Rancho Folclórico Infantil da Fusetta, em canções do Natal e números do folclore algarvio; houve declamação de poemas e números de guitarra clássica pelo agente técnico sr. Diamantino Piloto, que no referido C. A. T. rege um curso deste instrumento, e por seus alunos José Artur Cabanita dos Santos e Luís Tomás Ramos Castro Philo Gago.

A petizada, que conferiu à festa uma animação extraordinária, foram distribuídos brinquedos e outras lembranças.

De J. Pimenta, SARL

Empregados e dirigentes reuniram-se, em alegre convívio, no decorrer da tradicional festa que a administração de J. Pimenta, SARL, dedicou aos seus funcionários e familiares e que constituiu um êxito através das espontâneas manifestações de carinho de que foram alvo, particularmente, as crianças a quem foram distribuídas peças de vestuário, calçado e guloseimas.

A reunião efectuou-se nas dependências, já concluídas, da nova sede da conceituada organização, na Rua Antónia Enes, em Queluz, com a presença de 2 000 pessoas e de diversas individualidades.

Em breves palavras, o sr. João Pimenta, que encontrou acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Julieta Pimenta, e filhos, Graciete e José Luís, e de todos os membros dos corpos gerentes da sociedade, formulou votos de prosperidade e de fé no futuro. Referindo-se à família, falou o importante papel que cabe à mulher na manutenção da harmonia do lar, competindo-lhe criar um ambiente susceptível de melhor fixar o marido, que regressa depois de árdua jornada de trabalho, junto dos seus quando busca merecida tranquilidade.

Na nova sede, que foi engalanada de acordo com a tradição natalícia, está patente um monumental presépio de feliz concepção.

NOVOS CORPOS GERENTES

Mutualidade Popular de Faro

Em assembleia geral ordinária foram eleitos os novos corpos gerentes da Mutualidade Popular de Faro, associação que conta sócios por todo o País. Presidiu à assembleia geral, direcção e conselho fiscal os srs. Eduardo Martins Seromenho, dr. Fernando Pinheiro da Cruz e António Pascoal Gaspar.

Casa do Povo de Paderne

Realizou-se a eleição dos novos corpos gerentes para o triénio de 1971-73, da Casa do Povo de Paderne, sendo eleitos os seguintes elementos:

Assembleia geral — presidente, José Gonçalves da Cruz; vogais, José Rodrigues Neto e Elísio Guerreiro Alves. Direcção — presidente, José de Sousa Dias; vogais, João Guerreiro Elói, Manuel dos Santos Silva e António Vieira Rodrigues, Comissão de Representação Profissional: vice-presidente, José Martins Cordeiro; vogais, António Guerreiro Saúde e Ricardo Coelho Canastra.

Aliança Francesa de Faro

Na delegação de Faro da Aliança Francesa foram eleitos os novos corpos gerentes, presidindo à direcção o dr. Joaquim Magalhães, reitor do Liceu, e dela fazendo parte os engs. Silva Júdice e Morgado André, agente técnico Rolando Santos e Jorge O'Brien de Oliveira.

Vende-se ou Trespassa-se

O Café Avenida, em Loulé.

ECONOMIA

Abolida a taxa de compensação para vinhos provenientes de países terceiros

Até ao regulamento n.º 2223/70 de 28 de Outubro deste ano, publicado no Jornal Oficial da Comunidade Económica Europeia em 4 de Novembro último, foi abolida a taxa de compensação que onerava as importações de certos vinhos provenientes de países terceiros.

Este regulamento abrange os seguintes vinhos originários e provenientes de Portugal: 1, vinhos tintos, incluindo os vinhos «rosé»; 2, vinhos brancos; 3, vinhos licorosos; 4, vinhos aguardentados.

O MERCADO AMERICANO DE FIGO

Segundo o Departamento Americano do Comércio, a importação de figo, na época de 1969/70, foi sensivelmente inferior à da época anterior.

Os principais fornecedores do mercado americano, em 1969/70, foram os seguintes (em toneladas):

Figo seco: Grécia, 1 066; Turquia, 147; Itália, 24; Portugal, 16. Pasta de figo: Portugal, 2 154; Turquia, 2 108; Espanha, 810.

Segundo os últimos relatórios do «Dried Fig Advisory Board», a produção americana de figo, em 1970, é inferior à do ano anterior: 14 300 toneladas, enquanto a deste ano não deve passar das 13 000.

As perspectivas do mercado são, no entanto, bastante agradáveis, pois apesar da colheita ter diminuído, a qualidade é excelente. A procura tem sido normal e o mercado deve estar muito activo durante a época de 1970/1971.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE AMÊNDOAS

Prevê-se que, no corrente ano, a produção mundial de amêndoas atinja 162 000 toneladas longas (em 1969: 115 000 toneladas), sendo a participação dos principais produtores, nesse total, a seguinte:

E. U. A., 64 000; Itália, 34 000; Espanha, 33 000; Irão, 12 000; Marrocos, 6 000; Portugal, 5 000.

DIVERSOS

A exportação dinamarquesa de produtos agrícolas atingiu, no período de Janeiro a Setembro do corrente ano, o valor de 5 700 milhões de coroas, o que traduz um aumento de cerca de 300 milhões em comparação com igual período do ano passado.

As importações americanas de vinhos de mesa franceses aumentaram, no primeiro trimestre de 1970, 118 por cento em relação ao do período correspondente do ano passado, tendo totalizado 4,5 milhões de litros. As vendas francesas de bebidas alcoólicas, de todos os géneros, aos E. U. A., passaram de 18 milhões de dólares, em 1958, para 38,5 milhões, em 1965, e 05,7 milhões, em 1969.

O governo do Panamá encontra-se, de momento, em negociações com três firmas tendo em vista a instalação de um porto de pesca na costa do Pacífico. Por outro lado, foi solicitado, ao Banco Mundial, um empréstimo de cerca de 2,5 milhões de dólares para o alargamento da indústria pesqueira.

Uma sociedade italiana vai construir na Argélia duas fábricas de conservas de frutos e produtos hortícolas. Uma das fábricas, em Ighil Izane, transformará anualmente 4 400 toneladas de laranja, 6 000 de uvas, 1 000 de alcaçofras, 1 880 de azeitonas e 2 500 toneladas de tomates. A outra em Ramdane Djamel, terá uma capacidade anual de preparação de 3 500 toneladas de laranja, 3 000 de uvas, 3 800 de ervilhas, 700 de melões e 40 toneladas de favas e grão-de-bico.

AOS NOSSOS ASSINANTES

A Administração do JORNAL DO ALGARVE vai proceder à cobrança duma nova série de recibos de assinaturas.

Dado que os encargos de cobrança são cada vez mais elevados, pedimos a todos os nossos assinantes dispensem o melhor acolhimento aos recibos que lhes forem apresentados.

TINTAS «EXCELSIOR»

AGORA TAMBÉM EM FARO (R. Ferreira Neto, 19)

ADEBOM

Boutique moderna

Modelos exclusivos de

DELFIU

ALVOR — PORTIMÃO — FARO

Mereceu aprovação o plano de actividade de 1971 da Junta Distrital

(Conclusão da 1.ª página)

uma grande sala. A este Museu fica para sempre ligado o nome do pintor Carlos Porfírio, falecido dias após ter completado o último quadro ali presente, «Procissão da Senhora da Piedade em Loulé».

No que respeita à Biblioteca Distrital, aumentou-se o número de volumes e obras de interesse público. Pouco conhecida, porém, esperam os responsáveis da Junta Distrital que venha a conhecer uma maior frequência. Os Serviços Técnicos de Fomento, que têm encontrado no vice-presidente da Junta, eng. João Ollas Maldonado, grande entusiasmo, depararam grandes dificuldades para completar o quadro do pessoal necessário ao seu bom funcionamento. Estes serviços cifram-se do maior interesse para o distrito, mormente no apoio às Câmaras Municipais desprovidas de gabinetes técnicos, mas não têm aparecido candidatos (engenheiro civil, arquitecto, topógrafo, agente-técnico e desenhadores) para o preenchimento dos lugares.

Conforme refere o relatório, o aumento das remunerações suscitará por certo maior interesse com vista à nomeação do pessoal necessário.

Oferta de 500 escudos às crianças nascidas em 31 de Outubro de 1970

Termina no próximo dia 31 o prazo para os familiares das crianças nascidas em 31 de Outubro último comunicarem, em qualquer dependência da Caixa Geral de Depósitos, o nascimento das mesmas crianças, apresentando a cédula pessoal ou qualquer outro documento comprovativo do facto.

Como foi publicado oportunamente, a Caixa Geral de Depósitos abre, em nome de cada uma das crianças que se prove tenham nascido naquela data, um depósito com a oferta inicial de 500 escudos.

António dos Santos Domingos

Técnico de contas

Escritório na Rua Cruz das Mestras, 20 — Telefone 22357 — FARO.

Foi homenageado o ex-comandante da L. P. no Algarve

A seu pedido, deixou de exercer as funções de comandante distrital da Legião Portuguesa o sr. coronel Joaquim dos Santos Gomes Querendo manifestar-lhe o seu apreço pela obra desenvolvida, um grupo de oficiais milicianos daquela instituição promoveu-lhe um jantar de homenagem, que reuniu elevado número de convivas. Vários oradores usaram da palavra, enaltecendo a personalidade do coronel Santos Gomes, que agradeceu.

O JORNAL DO ALGARVE vende-se, em Vila Real de Santo António, na Havaneza — Rua Teófilo Braga.

30\$00

Por esta importância e neste espaço. Dê a conhecer as suas transacções a milhares de leitores.

longo...
 longo...
 longo...
 longo...
 longo...
 longo...
 Deliciosamente
 longo...

O gosto. O aroma. O prazer.
 Novo Ritz KING SIZE.
 A Dimensão Real.



...Irresistivelmente RITZ!

PENINA GOLF HOTEL
MONTES DE ALVOR

Jantar de Gala da
Noite de S. Silvestre

Baile (Cotillon) — 2 Orquestras

300 Escudos por pessoa
taxas e serviço incluídos.

Faça a reserva da sua mesa
pelo telef. 1251 — Portimão

CORREIO de LAGOS

**SINAL DE VIDA DE UM LACOBRI-
 GENSE SOBRE ASSUNTOS DA
 LAVOURA**

Porque desde há muito lutamos por algo que tenda a melhorar a situação da lavoura do Algarve, sem que um lacobrigense sequer se tenha pronunciado pró ou contra sobre o que na melhor das intenções trazemos à Imprensa, deu-nos muita satisfação conhecer a carta que José de Brito Cabral dirigiu a A. de Sousa Pontes e o *Jornal do Algarve* publicou no seu número do dia 13. Um dos maiores produtores de figos do concelho de Lagos e presidente do conselho geral dos procuradores do Grémio da Lavoura, poderia, liberto que fosse de interferências de pessoas que não nos toleram pelas verdades apontadas especialmente sobre o Grémio, ter-nos dado colaboração efectiva para que, pelo menos o concelho de Lagos marcasse em produção e transacção não diremos de todos os produtos, mas dos que produz em maior quantidade, como figos e amêndoas.

Constatámos que não foi em vão o que nos pediu para inserir no *Jornal do Algarve* de 17 de Outubro, sob o título «A lavoura do Algarve poderá subsistir?», pois daí nasceu talvez o artigo de A. de Sousa Pontes «A lavoura pode subsistir» inserto no *Jornal do Algarve* de 14 de Novembro, que originou a carta de José de Brito Cabral que se pode considerar uma ajuda para entrarmos em melhor caminho no respeitante a comércio de figos. A nossa opinião sobre o assunto fizemo-la inserir no *Jornal do Algarve* de 19 deste mês com umas linhas intituladas «A lavoura do Algarve poderá subsistir?». Não podemos garantir que seja a melhor, mas foi ditada no sentido de contributo para mais produção e melhores transacções.

**A ASSISTENCIA NOS SERVIÇOS
 MÉDICO-SOCIAIS**

Lagos parece condenada a não mais ter serviço de assistência médica que a prestige e até nos Serviços Médico-Sociais as coisas raro se processam como seria para desejar.

Destá vez veio até nós o marido de uma beneficiária que tendo recorrido aos Serviços Médico-Sociais por estado de gravidez, foi atendida, sim, mas sem resultados práticos no tratamento aconselhado, e como voltasse sem algo que tendesse a melhoras, viu-se forçada a consultar o sr. dr. Silveira, de Portimão, por sua conta e risco, do que resultou o dispêndio de 3000.

O caso não era simples como pareceu a quem assistiu à doente em Lagos, pois tratava-se de feto morto e se não fora a intervenção do dr. Silveira a beneficiária poderia ter sucumbido. O internamento no hospital foi assegurado pelos Serviços Médico-Sociais, afirmando-se-nos justo que as despesas originadas pela louvável ideia de a beneficiária recorrer ao sr. dr. Silveira, o sejam também, e que tudo se encaminhe para evitar repetição de casos desta natureza, que dando azo a comentários desfavoráveis aos serviços das Casas de Previdência, contribuem para o desprestígio de Lagos.

ACTIVIDADES ESCOLARES

Continuam felizmente as actividades escolares, pois integrada na Campanha do Natal tivemos a satisfação de assistir à exposição de trabalhos escolares

dos alunos da Escola Preparatória Júlio Dantas, cuja inauguração no dia 18, nos prendeu de verdade, pois além dos trabalhos de parede e presépios, alguns concebidos com muita arte, viam-se peças de roupa e géneros destinados às protegidas do Centro de Assistência.

A quantos colaboraram para obra que honra Lagos fica o nosso «bem hajam» com desejos de continuação.

**O CLUBE ARTÍSTICO LACOBRI-
 GENSE VAI CRIAR UMA SECÇÃO
 CULTURAL**

Como povo sem cultura pode considerar-se como dia sem sol, foi-nos grato registar que a actual direcção do Clube Artístico Lacobrigense, que em breve contará 100 anos de existência, se prepara para criar uma secção cultural.

O presidente da direcção, Rogério Duarte, homem que sente satisfação em algo fazer por onde passa, desde que rodeado de colaboradores competentes, tem melhorado as instalações do clube de forma a despertarem atenção, e aproveitando espaços que não eram utilizados, conseguiu libertar uma sala que destina a biblioteca, tendo já solicitado à benemérita Fundação Gulbenkian, auxílio monetário para a necessária adaptação, esperando que uma vez conseguido, também lhe serão facilitados livros.

A realizarem-se os projectos de Rogério Duarte, o Clube Artístico Lacobrigense, que já ocupa lugar cimeiro entre os clubes recreativos de Lagos, poderá festejar condignamente os seus 100 anos de existência, em 1972, com uma biblioteca onde novos e velhos possam colher elementos para a sua formação.

JURAMENTO DE BANDEIRA

No dia 18 efectuou-se no quartel de S. Gonçalo de Lagos, o juramento de bandeira dos recrutas do 1.º subturno da 4.ª E. B. 70 do C. I. C. A. 5.

Destacamos da cerimónia a alocação do capelão das unidades militares do Algarve que sabemos ter especial simpatia pelo C. I. C. A. 5, e aproveitando a quadra do Natal, ligando Deus, Pátria e Família, fez vibrar militares e civis que desta vez se comportaram perante o símbolo da Pátria como está aconselhado que se comportem, conservando-se de pé durante a apresentação e passagem.

**O ESTACIONAMENTO DE VIATURAS
 PRÓXIMO DAS PASSAGENS DE
 PEÕES**

Lagos dispõe, todos sabemos, da Avenida dos Descobrimentos que pela sua apreciável extensão tem muitas passagens para peões. Na área destinada a faixa de rodagem, o estacionamento de viaturas não oferece perigo de monta, porque além de passeios juntos a esta e mesmo opostos, dispõe de espaço calçado junto ao canal que proporciona comodidade bastante para evitar desastres.

Terminada a faixa de rodagem, tudo se modifica, e as passagens para peões oferecem perigo, especialmente quando se atinge a zona da Ribeira.

Talvez por isso se desse o desastre recente em que um humilde lacobrigense sofreu fracturas que lhe causaram a morte. Este, deu-se a pouca distância

MINISTÉRIO da ECONOMIA
 SECRETARIA DE ESTADO
 DA INDÚSTRIA
 Direcção-Geral dos
 COMBUSTÍVEIS

Edital

Eu, *Mário da Silva*, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP), SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasóleo, com a capacidade aproximada de 17 000 litros, sita na Maritenda, E. N. n.º 125, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 5 de Novembro de 1970.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,
Mário da Silva

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Diagnóstico-Roentgenoterápico
R. Castilho, 37—Tel. 22644
FARO
Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais têm preços de Policlínica nos exames particulares

da passagem para peões. Havia viaturas estacionadas que, estando convencidos, prejudicaram a visão do motorista que atingiu a vítima, e mesmo desta.

Não podemos nem devemos julgar para justa a quem de direito, mas convencidos estamos que os estacionamentos de viaturas próximo das passagens para peões em casos idênticos ao da zona da Ribeira, serão considerados para estudo consciencioso, que nos poupe a desastres semelhantes ao que nos inspirou as presentes linhas.

Joaquim de Sousa Piscarreta

IMAAL Oferecemos a beleza da Natureza...
MÁRMORES

- Mármore em medidas standardizadas para entrega imediata
- Todos os trabalhos para a construção civil
- Objectos decorativos em mármore

IMAAL — Indústria de Mármore do Algarve, S.A.R.L.
Fábrica e Escritórios em Sargaçal — Lagos
Telefones 284 - 299 - 480
Telex 1744

Certifico, narrativamente, para fins de publicação, que por escritura de 19 de Novembro, corrente, lavrada de folhas 90 a folhas 96, do livro de notas para escrituras diversas n.º A-9, deste Cartório, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, mencionada em epígrafe, nos termos dos estatutos seguintes:

CAPÍTULO I

DENOMINAÇÃO, DURAÇÃO, SEDE E OBJECTO SOCIAL

Art.º 1.º

A sociedade adopta a denominação de «POVOLAR — TÉCNICA AGRO-INDUSTRIAL E TURISMO, S. A. R. L.», durará por tempo indeterminado, com início nesta data.

Art.º 2.º

A sede é na Rua D. Vasco da Gama, n.º 16, 2.º, Frente, em Lagos, onde tem o seu estabelecimento, podendo, por deliberação do Conselho de Administração, ser transferida para outro local.

§ único: — Por simples deliberação do mesmo Conselho, poderá a sociedade estabelecer sucursais, agências ou qualquer outra forma de representação, no continente, ilhas adjacentes ou ultramar.

Art.º 3.º

O objecto social é a compra e venda de propriedades, construção civil, urbanizações e respectiva exploração, exploração agrícola, exploração da indústria turística, indústria hoteleira, restaurantes, boites e similares, desportos, compra e venda e aluguer de máquinas, bem como reparações e qualquer outro ramo de actividade comercial ou industrial deliberado em assembleia geral e que não seja proibido por lei.

CAPÍTULO II

CAPITAL E ACÇÕES

Art.º 4.º

O capital social é de 1 000 000\$00 que os outorgantes afirmam estar integralmente subscrito e realizado na proporção de dez por cento.

§ 1.º — O capital social poderá ser elevado, por uma só vez ou parceladamente, até ao montante de 10 000 000\$00, por simples deliberação do Conselho de Administração, ficando, desde já, o referido Conselho autorizado a outorgar a escritura ou escrituras necessárias e preencher todas as formalidades por lei exigidas para a execução desta faculdade.

§ 2.º — O capital social será repartido em 5000 acções de 200\$00 cada uma.

§ 3.º — As acções serão ao portador logo que sejam libertadas.

Art.º 5.º

O capital social é subscrito pelos fundadores da forma seguinte:

Enrique Fernandez Hierro — 230 000\$00; José Paulo Velho Geraldo Albuquerque Veloso — 200 000\$00; João da Conceição Silva — 200 000\$00; Emídio Pedro Águedo Serrano — 120 000\$00; António da Costa Matos — 100 000\$00; José Soares Marques de Paula Borba — 50 000\$00; José Jú-

Cartório Notarial de Vila do Bispo

A cargo do Notário Licenciada Manuel Bernardo Amarelo

POVOLAR-Técnica Agro-Industrial e Turismo, S. A. R. L.

lio Velinho Fogaça dos Santos — 20 000\$00; José Gonzalez Fernandez — 20 000\$00; Ivone Ferreira Gonçalves Branco — 20 000\$00; Maria Teresa Reis da Ponte — 20 000\$00; Armando Domingues — 20 000\$00.

§ único: — Haverá títulos representativos de UMA, CINCO, DEZ e VINTE acções.

Art.º 6.º

Quando haja aumento de capital social, os accionistas terão preferência na subscrição, na proporção das acções que então lhes pertencerem; não querendo algum accionista usar desse direito este deferir-se-á aos restantes, na proporção referida.

Art.º 7.º

A sociedade poderá adquirir acções próprias e fazer operações sobre elas quando o Conselho de Administração o decidir, com prévio parecer do Conselho Fiscal.

CAPÍTULO III

ADMINISTRAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

Art.º 8.º

A sociedade será gerida por um Conselho de Administração constituído por três administradores, eleitos de entre os accionistas, em assembleia geral.

Art.º 9.º

Se for deliberado proceder à eleição de número ímpar de administradores, todos os accionistas intervirão conjuntamente na eleição, considerando-se eleita a lista que obtenha pelo menos 75% dos votos.

Art.º 10.º

Os administradores serão eleitos por três anos, podendo ser reeleitos.

Art.º 11.º

Compete aos presidentes do Conselho Fiscal e da mesa da Assembleia Geral, suprir a falta ou impedimento de algum dos administradores, nomeando, de entre os accionistas, quem haja de substituí-lo até à realização da Assembleia Geral imediata.

Art.º 12.º

Compete ao Conselho de Administração gerir os interesses sociais, representando

a sociedade em juízo e fora dele, e praticar todos os actos tendentes à realização do objecto social, e em especial: A) — concorrer a quaisquer concursos de empreitadas de obras públicas ou particulares, assinar os respectivos contratos e dar poderes especiais para estes efeitos; B) — adquirir ou abonar, ou obrigar, por qualquer forma, as acções próprias; C) — adquirir ou alienar quaisquer outros bens móveis ou imóveis, nomeadamente prédios, automóveis ou equipamentos; D) — Desempenhar as demais funções previstas nestes estatutos ou na lei.

§ 1.º — A sociedade fica obrigada pela assinatura conjunta de dois administradores, sendo suficiente a assinatura de um só para actos de mero expediente.

§ 2.º — Sem prejuízo da possibilidade de nomear procuradores nos termos e para os efeitos do artigo 256 do Código Comercial, pode o Conselho de Administração delegar num dos seus membros, pelo tempo que na respectiva deliberação constar, o exercício da administração social e o uso dos correspondentes poderes.

Art.º 13.º

A fiscalização da sociedade é confiada a um Conselho Fiscal constituído por um presidente e dois vogais, e um suplente, eleitos por três anos, e cuja reeleição é permitida.

Art.º 14.º

Na falta ou impedimento de algum dos membros do Conselho Fiscal, os restantes membros deste Conselho e o

Presidente da Assembleia Geral suprirão a falta ou impedimento, designando a pessoa que deve preenchê-la, até à realização da Assembleia Geral seguinte.

CAPÍTULO IV

ASSEMBLEIA GERAL

Art.º 15.º

A mesa da assembleia é constituída por um presidente e dois secretários, eleitos trienalmente de entre os accionistas, podendo ser reeleitos.

Art.º 16.º

A assembleia geral é constituída por todos os accionistas mas nela só poderão votar os possuidores de, pelo menos, cinco acções, que deverão estar depositadas na sede social, com a antecedência de pelo menos 8 dias sobre a realização da reunião.

Art.º 17.º

Cada grupo de cinco acções dá direito a um voto.

Art.º 18.º

Os accionistas sem direito a voto não poderão assistir às reuniões da assembleia geral; aqueles, porém, é permitido agruparem-se em ordem a completar esse número e fazerem-se representar por um dos agrupados.

Art.º 19.º

A assembleia geral só poderá funcionar em primeira convocatória desde que nela compareçam pessoalmente ou devidamente representados accionistas que representem pelo menos 75% do capital social.

§ único: — Os accionistas só poderão fazer-se representar por outros accionistas nos termos gerais de Direito, por meio de simples carta dirigida ao Presidente da Assembleia Geral, que deverá assegurar-se da validade ou genuinidade dos documentos que lhe forem apresentados.

CAPÍTULO V

APLICAÇÃO DE RESULTADOS

Art.º 20.º

Os lucros da sociedade que se apurarem no ano social, coincidente com o ano civil, depois de deduzidas as despesas e encargos, amortizações e provisões estabelecidas pelo Conselho de Administração, com parecer favorável do Conselho Fiscal, constituem o saldo líquido da conta de ganhos e perdas, do qual se retiraram as participações para os administradores e para os accionistas que exerçam cargos sociais.

Art.º 21.º

Os lucros líquidos apurados em cada exercício, depois de ter sido observado o disposto no artigo anterior, terão a seguinte aplicação: por ano, 5% serão colocados para o fundo de reserva legal; o restante será distribuído de acordo com o que for decidido em assembleia geral.

Art.º 22.º

O direito dos accionistas a examinar a escrituração e do-

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art.º 23.º

Os órgãos sociais ficam assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral: Presidente — Dr. Emídio Pedro Águedo Serrano; Secretários: — José Soares Marques de Paula Borba e Maria Teresa Reis da Ponte;

Conselho de Administração: Presidente — Enrique Fernandez Hierro; Administradores — Arq. José Paulo Velho Geraldo Albuquerque Veloso e João da Conceição Silva;

Conselho Fiscal: Presidente — Dr. Manuel Bernardo Amarelo;

Vogais — José Gonzalez Fernandez e José Júlio Velinho Fogaça dos Santos

Está conforme o original e declara-se que na parte omitida nada há em contrário ou além do que na certidão se narra ou transcreve, o que certifico.

Cartório Notarial de Vila do Bispo, 27 de Novembro de 1970.

O Ajudante do Cartório,
José Vitor Leal Mateus

Vende-se

Camioneta Hanomag. Carga útil 3 300 quilos. Em boas condições. Tratar: telefone 72861 — OLHAO.

TAP - Transportes Aéreos Portugueses

Representação de Faro

PROCURA:

Despachantes de Tráfego
Assistentes de Terra
Pessoal de Vendas (Reservas)

REQUER:

— Segundo ciclo liceal ou equivalente
— Menos de 36 anos
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Boa apresentação, aparência e razoável cultura
— Bons conhecimentos de Inglês, Francês e Alemão (de preferência)

As candidatas para Assistente de Terra deverão ser solteiras e com menos de 26 anos.

OFERECE:

Salários diferidos
Benefícios de alcance social
Estabilidade

Aceitam-se inscrições até 6 de Janeiro de 1971,
Rua D. Francisco Gomes, 8 — FARO

centeco

AFIXAÇÃO DE CARTAZES

CAMPANHAS

EXPOSIÇÕES

IMPRESA



CENTRO DE PUBLICIDADE E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
RUA ALMEIDA GARRETT, 57-A - TEL. 24217 - FARO - RUA Dr. JUSTINO CUMANO, 13

Vendedor

Precisa-se para a província do Algarve, distribuidor de uma conceituada marca de refrigerantes, pessoa encartada, boas referências e de preferência com experiência do ramo. Boas condições de trabalho. Resposta ao apartado 3 — Porto de Mós.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

ANÚNCIO

Torna-se público que no dia 8 de Fevereiro de 1971, pelas 17 horas e 30 minutos, na Sala de Sessões da Câmara Municipal, perante a Câmara reunida proceder-se-á à abertura de propostas respeitantes ao concurso público da seguinte empreitada:

«CONSTRUÇÃO DE UM ARMAZÉM MUNICIPAL EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO»

A base de licitação é de 960 000\$00

O depósito provisório é de 24 000\$00

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto, encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, durante as horas de expediente.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, aos 21 de Dezembro de 1970.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

O seu caminho certo
A NOIVA

ENXOVAIS COMPLETOS PARA NOIVAS E BÉBÉS
NOVIDADES-CONFECÇÕES
MALHAS-CAMISARIA
LANIFÍCIOS
COMPLETO RETROSEIRO

NOIVAS, SENHORA, HOMEM E CRIANÇA

A NOIVA espera e agradece a sua visita
A NOIVA, de João Luís & Rafael, Lda.
Rua José Pires Padinha, 46 (frente ao Mercado)-TAVIRA-Tel. 309



Em prol dos mais pequenos

NUNCA lá fomos (e é um dos nossos grandes sonhos), mas devem existir profundas semelhanças. Quando por aqui passamos e nos quedamos a olhar a paisagem, ocorrem-nos à mente as imagens dos portos orientais.

Muitos barcos, milhares de barcos, uns dos outros encostados, orientalmente siameses, como se procurando uma defesa comum. Falamos agora de Olhão, daquele bocado que, quando o sol desaparece lá ao fundo, é um quadro de inesquecível beleza. Falamos daquele trecho da ria, para lá do mercado no sentido do porto, onde centenas de pequenas embarcações (saveiros, botes, dóris, etc.) fazem a sua aguada. Mas este é o lado poético, agradável, especulativo.

Há, por vezes, temporais (e dos grandes), também por estas paragens. Ainda há dias assim aconteceu, registando-se alguns estragos, a par das benesses de uma copiosa chuva, que de há muito se vinha mendigando. As frágeis embarcações são então mais frágeis ainda e raro é o Inverno em que não se lhes verificam prejuízos. Pequenos, dão certos leitores ímpantes dos números fortes das contas bancárias. Mas em casa de pobre até às vezes, bem... a vida!

Ora, parece-nos ser conveniente e urgente, construir-se uma doca para protecção destas embarcações que são o ganha-pão de muitos olhanenses. Existe a doca de pesca, cada vez mais apertada, a despeito de todos os arranjos e pedindo que seja alargada. Fala-se, e com razão, em construir um abrigo para os barcos de recreio. E desta gente humilde, que ali tem os seus barquinhos, ninguém se lembrará! Acreditamos que o assunto haja merecido a boa atenção dos responsáveis. Pela nossa parte, apenas um desejo: que as atenções e as intenções se transformem em realidades.

Maria Armada

H. PIMENTA DE CASTRO
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA
Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —
CONSIDERA-SE A URGÊNCIA
CONSULTÓRIO:
Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º—OLHÃO

TELEF. OLHÃO 72619 — FARO 349—MONTE GORDO

C. M. 1 202 da E. N. 2 (Alportel) à E. M. 513 (Javali), 11.ª fase, macadame, de Javali para Alportel na extensão de 770 m, 65 000\$; idem do C. M. 1 202 da E. N. 2 (Alportel) à E. M. 513 (Javali), 12.ª fase, revestimento betuminoso, 144 000\$; idem do C. M. 1 202 da E. N. 2 à E. M. 513 (Javali a Paris), 1.ª fase, 59 400\$; idem do C. M. 1 202 da E. N. 2 à E. M. 513 (Javali a Paris), 2.ª fase, 555 000\$; E. M. 513, reparação do lance de Vale de Carvalho ao limite do concelho de Loulé, 8.ª fase, reconstrução de um muro de suporte no troço entre os sítios da Fonte da Murta e do Corotelo, 2 200\$; construção do ramal de alta tensão do posto de transformação do Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, 7 785\$.

A falta de um laboratório em condições para análise de leite preocupa o Município de S. Brás de Alportel

(Conclusão da 1.ª página)

cola ao lugarejo até aí desprotegido. Por um lado a impotência cada vez mais evidente das receitas municipais perante o muito que há a fazer e de que o concelho carece em absoluto. Não convém ignorar que o concelho de S. Brás de Alportel tem por território uma região fundamentalmente agrícola e todos sabemos a época difícil que a lavoura atravessa. Também as unidades industriais transformadoras da produção agrícola corticeira sofrem de enfermidade gravíssima perante a fuga maciça do trabalhador que, lá fora, e por qualquer meio, persiste na procura de melhores condições de vida.

Refere o plano, no sector da electricidade, que com a publicação das novas condições de venda de energia eléctrica, em Junho de 1967, tudo fazia prever um substancial aumento de energia, sobretudo por parte das unidades industriais existentes e de outras que, eventualmente, se criassem. Infelizmente nada disso ocorreu. Para as fábricas existentes agravou-se a crise que as minava, obrigando umas a fechar e outras a diminuir a capacidade de laboração. Quanto a novas indústrias, diluíram-se-nos as esperanças. Desta feita, notou-se uma estagnação na produtividade dos serviços registando-se, em contrapartida, um aumento extraordinário na despesa que, em relação a 1968, foi de mais 128 contos. Não obstante os impedimentos de ordem financeira, os serviços têm sentido alguma melhoria. O P. T. da vila, cujo transformador foi substituído por outro em estado de novo, é disso exemplo. Quanto à electrificação de novas zonas rurais, apenas repetimos o que em anteriores planos foi dito acerca dos projectos do Farrobo e do prolongamento da linha dos Vilarinhos, sobre os quais ainda não recaiu, superiormente, qualquer decisão. Apesar de todas estas contingências, evidamos, neste momento, todos os esforços para, num curto período de tempo, remodelar o actual P. T. da vila e construir uma subestação, com a finalidade de aliviar aquele dos encargos que suporta incompatíveis com a sua capacidade.

Nos serviços de higienização, a limpeza da vila tem melhorado sensivelmente, embora esteja ainda distante do estado de perfeição. Não só o transporte do lixo é feito em melhores condições, por se utilizar veículo motorizado, adquirido recentemente, como também se distribuíram pela vila alguns depósitos de lixo que muito têm contribuído para um maior asseio dos arruamentos.

Por motivos financeiros transferiu-se para 1971 a previsão do ano anterior, relativa à construção de um lavadouro público no sítio dos Vilarinhos.

Segundo o documento, «o laboratório de análises de leite mantém-se na mesma situação de carência de material apropriado a um verdadeiro controle de higienização do leite destinado ao consumo público. Esta situação delicada, tem-se mantido insolúvel, não por abandono da nossa parte, mas tão só por a Cooperativa dos Produtores de Leite do Algarve ainda não ter dado cumprimento à sua promessa de, no ano de 1969, alargar a área de venda do leite a este concelho. Manter-se-á esta situação de expectativa? Não queremos, pelo que, em tal assunto, iremos tomar as medidas adequadas.»

OBRAS DE INTERESSE PÚBLICO A REALIZAR

O Município prevê a realização das seguintes obras, que irão sendo executadas à medida que forem concedidas as respectivas participações:

A iniciar em 1971: Construção de um edifício escolar (Plano dos Centenários) na vila de S. Brás de Alportel, projecto a elaborar, 200 000\$; ampliação e remodelação da rede de distribuição eléctrica de S. Brás, incluindo a remodelação e ampliação do posto de transformação, a construção de uma subestação e a iluminação pública, projecto a elaborar, 300 000\$; ampliação e remodelação do edifício dos Paços do Concelho, projecto a elaborar, 150 000\$; construção do parque municipal, projecto a elaborar, 100 000\$; adaptação do antigo campo de futebol a parque de jogos, projecto a elaborar, 300 000\$; regularização e pavimentação das principais ruas da vila, projecto a elaborar, 300 000\$; construção da rua de ligação do Hospital Sub-Regional à Avenida Dr. Oliveira Salazar (os terrenos que hão-de constituir o leito da rua foram cedidos à Câmara), projecto a elaborar, 180 000\$; construção da rua de ligação da Rua João de Deus à Avenida Dr. Oliveira Salazar (os terrenos que hão-de constituir o leito da rua são também cedidos à Câmara), projecto a elaborar, 150 000\$; construção do C. M. de ligação da E. M. 513 à E. N. 2 (zona da Pousada), projecto a elaborar, 70 000\$; E. M. 513, de S. Brás de Alportel à E. N. 2 (próximo do Barranco do Velho), reparação e correcção com variante, 4.ª fase, projecto a elaborar, 100 000\$; construção do C. M. 1 202 da E. N. 2 à E. M. 513 (Javali a Paris), 3.ª fase, 450 000\$; construção do C. M. 1 202 da E. N. 2 (Alportel) à E. M. 513 (Javali), 13.ª fase, revestimento betuminoso, projecto a elaborar, 150 000\$; E. M. 523, da E. N. 2 (Sambada) à E. N. 396, reparação do lance dentro do concelho, projecto a elaborar, 100 000\$; reparação do C. M. 1 306, da Fonte da Murta a Funchais, projecto a elaborar, 100 000\$; C. M. 1 209, da E. M. 514 a Desbarate, projecto a elaborar, 100 000\$; reparação do C. M. 1 208, da E. N. 270 a Mesquita, Baixa, projecto a elaborar, 100 000\$; C. M. 1 205, da E. N. 2 (S. Brás de Alportel) à E. N. 270 (Fonte do Touro), projecto a elaborar, 100 000\$; C. M. 1 203, da E. N. 2 (passando pela Campina dos Galegos) à E. N. 523, projecto a elaborar, 200 000\$.

Obras a concluir em 1971: abastecimento de água e saneamento da vila (inclui a estação depuradora de esgotos, bem como os ramais domiciliários de águas e esgotos), 1 165 225\$; construção do mercado municipal de S. Brás, vedação exterior da galeria e ampliação da respectiva placa de cobertura, 75 000\$; regularização e pavimentação das principais ruas da vila, 153 091\$; construção e reparação do C. M. 1 202 da E. N. 2 (Alportel) à E. N. 513 (Javali), 10.ª fase, 93 850\$; construção do

TAP-Transportes Aéreos Portugueses
Representação de Faro

PRETENDE:

Auxiliares de Contabilidade
Empregados de Secretaria

que possuam os seguintes requisitos:

- Do sexo masculino
- Nacionalidade Portuguesa
- Serviço Militar cumprido ou dele isento
- Curso Comercial completo ou equivalente
- Experiência profissional
- Menos de 36 anos

OFERECE:

Salários diferidos
Benefícios de alcance social
Estabilidade

Acceptam-se inscrições até 6 de Janeiro de 1971,
Rua D. Francisco Gomes, 8 — FARO

Joaquim Gomes
RESTAURANTE
Vila Real de Santo António

Cumprimenta e deseja aos seus clientes e amigos Festas Felizes e um Ano Novo repleto de prosperidades.

Brinde com PORTO, mas!



Distribuidores Exclusivos no Algarve

Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Secção «GARRAFEIRA»

PORTIMÃO

Telefone 123

LOULÉ

Telefone 62002

QUARTEIRA confia no futuro

(Conclusão da 1.ª página)

sivo, envolta num ritmo de crescimento por parte do sector privado, suficiente para lhe podermos augurar um futuro promissor. Esse é o ponto principal que hoje pretendemos focar e terá que ser, sem dúvida, a urgente e necessária preocupação de quem tem os ombros do pesado fardo de ajudar uma terra no seu voluntário e progressivo desenvolvimento.

Felizmente, neste nosso relatório de pretensões ou necessidades quarteirenses, não incluímos a defesa do casario marginal, dado que essa alfitiva necessidade, val tomando aspectos de realidade. Aqui reside, talvez, uma das principais razões de maior confiança no futuro, na medida em que começam por desaparecer os receios de construir à beira-mar. Mas Quarteira tem, pela ordem natural do momento, outras justas aspirações: justificar a sua promoção a praia de primeira categoria. O cada vez maior número de forasteiros na época balnear, que hoje de um modo geral se transportam em veículos motorizados, exige parques de estacionamento; esse mesmo aumento de ano para ano, não se pode conformar com os acessos atrofiados de há dez ou mais anos.

Vem de longa data o projecto de uma estrada das proximidades do cemitério, à zona da Toca do Coelho, a qual, a concretizar-se, evita os amargos engarrafamentos e valorizava toda essa zona, deixando ao mesmo tempo desimpedida a faixa da beira-mar. Poucas terras no Algarve terão condições, como esta para bons acessos e parques de estacionamento, mas, claro, em teoria, porque entre o «podia ter» e o «ter mesmo», existe aquele fosso bem conhecido por todos nós. Por outro lado, a falta de parques ajardinados, e árvores de jardim, flores etc., dá-lhe um ambiente totalmente negativo e pouco próprio de uma terra que pretende fazer turismo. É de assinalar e louvar a atitude de um grupo de amigos de Quarteira que, no «Dia da Árvore», tomaram a iniciativa da plantação de algumas palmeiras no largo do mercado; pequeno número, é certo, demasiado tarde, é verdade, mas que poderá servir de pedra de toque para o futuro, tornando mais visível o desmazelo do passado. Bem haja quem assim procede, pois Quarteira não merece que a considerem alérgica às flores.

Outra antiga aspiração quarteirenses, é o casino, talvez o mais ve-

lho anseio desta terra, no sentido turístico, eterna promessa de muitas épocas balneares, mas que a pouco lembrada Junta de Turismo, não fez passar de projecto. Actualmente, e segundo a nossa modesta opinião, o projectado casino já não se justifica e bastará um confronto com os casinos de Monte Gordo e Armação de Pêra, para logo nos certificarmos de que os casinos estão desactualizados. Foram substituídos pelas «boites» e muito dificilmente voltarão a estar em moda. A actual Comissão Regional de Turismo, pertence a resolução e para este organismo apelamos, pois os seus conhecimentos saberão dotar Quarteira com um parque de diversões mais de harmonia com o presente, sem deixar de acautelar o futuro. Impõe-se quanto antes a escolha de outro local, porque a actual esplanada não tem espaço suficiente para projectos e muito menos para realidades.

O turismo de hoje exige um parque com outras dimensões, onde sobressaíam as árvores, onde existam parques de estacionamento, ajardinados, uma piscina com medidas olímpicas, tão necessária no Algarve, piscinas para crianças, parque infantil, recinto para dança, onde possam existir-se ranchos folclóricos e promover festivais de avulvida assistência, bares e salas de jogos recreativos.

A esta nossa sugestão, vão anteceder-se, sem dúvida, as mais variadas interrogações. Poderá perguntar-se o que fazer do actual parque e das suas instalações, onde construir o novo, quanto vai custar o terreno e tudo o mais. Se os lucros justificarão o empate de capital, se merecerá Quarteira tudo isto, enfim, um não acabar de perguntas, que serão, só por si, suficientes para envelhecer um projecto, por mais necessário e justo que seja. Contudo, e porque a sugestão é irmã gémea da solução, pelo menos em teoria, permita-se-nos a opinião, certos de que apenas temos em mente servir os interesses do País em geral e do Algarve em particular.

O actual parque serve perfeitamente para a construção de um imóvel de três ou quatro pisos, cujo valor se pode computar em largas centenas de contos. A obtenção de terreno para novas instalações não se nos afigura muito difícil, nem tão pouco a sua deslocação para leste poderá servir de obstáculo, dado que o futuro crescimento, terá que ser nessa zona.

Actividades da Galeria de Lagos

Continuando a sua acção educativa, a Galeria da Rua da Zorra, de Lagos, apresenta uma exposição dos trabalhos executados pelas crianças que, semanalmente e sem qualquer dispêndio material, vêm sendo orientadas por professores e artistas residentes naquela cidade.

Tem procurado a Galeria criar um círculo de interesse pelas artes quer através dos colóquios dos sábados à noite, quer divulgando, nas suas exposições, trabalhos de artistas que vivem em Lagos. Houve assim, desde a sua abertura, em Agosto, o ensino de apreciar trabalhos do mestre Falcão Trigo (com que foi inaugurada), seguindo-se Peter Walker, Cinini Algarve, Vieira Cabrita, Joaquim Bravo e Cristiano Cerol.

Para os nossos pobres

Do sr. José Hercúlo Leiria, nosso assinante em Lisboa, recebemos 50\$00 para o bodo do Natal dos nossos pobres. Agradecemos, em nome dos contemplados.

Cafeteiro ou Ajudante

(com ou sem prática)

Precisa Hotel Balum.

Resposta ao apartado 22—Albufeira.

Quanto ao custo, os nossos conhecimentos não nos permitem formar uma opinião. Nem se pode pôr em causa os rendimentos, na justa medida em que o fim em vista é enriquecer o património turístico nacional, dotar o Algarve com instalações modernas e onde as mesmas se justifiquem, na louvável obrigação de amparar a iniciativa privada. Quarteira, que tem sabido esperar, tem confiança no futuro porque sabe o que merece.

Manuel Faria

CINEVOZ 13-GZ-70

JORNAL DO ALGARVE
N.º 718 — 26-12-970

EDITAL

1.ª PUBLICAÇÃO

Manuel Joaquim Dias Duarte, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos do concelho de Vila do Bispo.

Faço saber que, no dia 20 do mês de Janeiro de mil novecentos setenta e um, pelas 15 horas, na Repartição de Finanças deste concelho, se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados, penhorados a Rui Manuel da Costa Pina, residente na Rua Júlio Araújo, n.º 8 — 1.º em Santarém, para pagamento de dívidas à Fazenda Nacional.

DESIGNAÇÃO DOS BENS:
— Prédio urbano de rés de chão, destinado a habitação, com seis compartimentos e quintal, com a superfície coberta de 86 m2 e descoberta de 44 m2 (actualmente em ruínas), situado na Estrada Nacional, em Vila do Bispo, freguesia e concelho de Vila do Bispo, que confronta: Norte e Nascente, Rua; Sul, Estrada Nacional e do Poente, Mário Lopes de Arez, inscrito na matriz da referida freguesia sob o artigo número 593 e na Conservatória do Registo Predial da Comarca de Lagos sob o número 15 909, a folhas 42, do Livro B-42, com o valor matricial de 79 920\$00, valor pelo que vai à praça. Pelo presente edital são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos para deduzirem os seus direitos na execução.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu, José Ramos de Almeida, escrivão de dactilógrafo de 1.ª classe, servindo de escrivão, o dactilografei.

O Juiz Auxiliar,

Manuel Joaquim Dias Duarte

PILULAS DE
ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO
DE ALHO FORTE



CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

PREPARADO POR:
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)

A VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal:
CREFAR — R. DA MADEIRA, 171-2.º — LISBOA



RESULTADOS DOS SORTEIOS efectuados no Porto, Coimbra e Lisboa.

(c/n = Contrato número)

SORTEIO NO PORTO

1 AUTOMÓVEL AUSTIN 1000

PORTO — c/n 40 338
Sr. António Zeferino
R. Monte Tadeu, 135 r/c

1 FOGÃO DE 2 BOCAS C/ FORNO

AVEIRO — c/n 152 613
Sr. Arménio Ribeiro
R. das Cardadeiras — Esgueira
BARCELOS — c/n 211 312
Sr. Anibal Carvalho Araújo
Largo da Madalena
BARROSAS — c/n 182 736
Sr. Abílio Soares Nunes
Carquejal
CANDAL — c/n 34 152
Sr. José Teixeira Mota Fraga
R. Grémio Prosperidade, 48
EIROL — c/n 154 684
Sr. Adérito dos Reis Carvalho Santos
ERMESINDE — c/n 116 309
Sr. José Monteiro
R. da Palmilha
FAFE — c/n 178 842
Sr. António da Costa
Areães
FAFE — c/n 66 186
Sr. Maximino Cunha
Revelhe
FERMIL DE BASTO — c/n 197 309
Sr. Manuel Pereira
GAIA — c/n 138 887
Sr. Alexandre de Sousa Oliveira
Trav. José Fontana, 61
GAIA — c/n 74 022
Sr. Quintino Rodrigues Lourenço
Lugar da Póvoa de Baixo — Grijó
LEÇA DO BALIO — c/n 116 395
Sr. D. Elvira Ferreira Valente
R. Sousa Prata, 673
LIXA — c/n 20 865
Sr. Adelino Teixeira Guilherme
LOUSADO — c/n 163 006
Sr. Joaquim Marques Sá Reis
Souto
MAIA — c/n 154 034
Sr. D. Rosa Anunciação Pinheiro
R. António Simões c/1
Águas Santas
MATOSINHOS — c/n 172 091
Sr. Carlos Pereira
Areal Castelo do Queijo, 3
MATOSINHOS — c/n 81 279
Sr. D. Elisa Bento Pereira
R. Conde Alto Mearim, 464
MURTOSA — c/n 92 305
Sr. Artur Vieira
PENAFIEL — c/n 80 886
Sr. Agostinho Teixeira Ferreira
Guilhoue
PORTO — c/n 32 357
Sr. Álvaro Pires Moreira
R. Guadalupes, 49
PORTO — c/n 31 755
Sr. Américo Fernandes Correia
R. Vigorosa, 516 c/3
PORTO — c/n 158 487
Sr. Luís Fernando Pimentá Macêdo
R. Cedofeita, 503-1.º
PORTO — c/n 177 901
Sr. D. Raquel Duarte Soares
Praça da Alegria, 9-A
PORTO — c/n 216 412
Sr. Dr. Virgílio Marques Guedes
R. Armando Cardoso, 20
RIO TINTO — c/n 104 212
Sr. José Rodrigues Nogueira
R. Independência, 38
S. M. DE INFESTA — c/n 120 219
Sr. António Oliveira da Silva
R. Godinho Faria, 784
S. TIAGO — c/n 154 471
Sr. Joaquim da Silva Vieira
Noveche
VIANA DO CASTELO — c/n 206 255
Sr. Jorge Gonçalves Nogueira
VILA FLOR — c/n 147 874
Sr. D. Maria Adelaide
VILA VERDE — c/n 37 386
Sr. António Augusto de Sá Machado
Lugar da Juventa — Vila do Prado

GAIA — c/n 201 617
Sr. Alberto Gomes Cassote
R. da Bélgica, 1327-1.º
GAIA — c/n 118 858
Sr. António Francisco M. Santiago
Lugar do Paniceiro — Canidelo
GAIA — c/n 183 817
Sr. José Manuel Ribeiro Ferreira
R. 31 de Janeiro
GAIA — c/n 42 092
Sr. Marinho Pinto Moreira
R. Vistosa — Ilha Moisés, 4
GAIA — c/n 128 146
Sr. Sebastião Domingos Cruz
Lugar da Aldeia Nova — Grijó
GAIA — c/n 71 868
Sr. Serafim Moreira Fernandes Otero
Loureiro — Perosinho
GUIFÃES — c/n 134 388
Sr. D. Júlia Francisca Sampaio
Monte de Xisto
MAIA — c/n 53 226
Sr. Albertino Ferreira da Silva
Barroso — Nogueira
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — c/n 91 344
Sr. José António Marques Pinheiro
Ossela
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — c/n 188 520
Sr. D. Maria de Fátima Sousa
Bairro do Caima — Palmaz
OLIVEIRA DO DOURO — c/n 183 921
Sr. D. Ermelinda Geraldês Soares
Raimundo
R. Caetano de Melo, 17
OVAR — c/n 88 918
Sr. Domingos Alves de Pinho
Arroçada — S. Vicente de Pereira
PANÓIAS — c/n 134 862
Sr. D. Alzira da Costa
Lugar de Penelas
PIEDADE — c/n 213 782
Sr. Rui Manuel Cruz dos Reis
PORTO — c/n 89 66
Sr. Eng.º Jorge Souto Mayor Rego
R. Leonardo Coimbra, 254-1.º
PORTO — c/n 124 755
Sr. Domingos Gomes de Sousa
R. do Pinheiro, 59
PORTO — c/n 13 684
Sr. Armindo Martins Fernandes
Trav. Campos, 218-1.º
RÉGUA — c/n 171 870
Sr. D. Alcina de Jesus Pereira
Caldas de Moledo — Fontelas
RENDUFE — c/n 222 169
Sr. D. Amélia dos Santos
SABROSA — c/n 31 837
Sr. D. Aldora Teixeira Gomes
SABROSA — c/n 44 382
Sr. David dos Santos Pereira
VALENÇA — c/n 79 85
Sr. Virgílio Fernandes Maia
R. Conselheiro Lopes da Silva
VALPAÇOS — c/n 33 239
Rev. Padre José Carvalho Azevedo
Vilarandelo
VIEIRA DO MINHO — c/n 141 197
Sr. José Maria de Campos
Ruivais
VILA DAS AVES — c/n 133 030
Sr. António Ferreira
Sobrado
VILA VERDE — c/n 32 037
Sr. António Dantas
Vila do Prado

GUARDA — c/n 34 320
Sr. António Prouença Nogueira
Trinta
MANGUALDE — c/n 52 226
Sr. Francisco Lopes
Mesquitela
MANGUALDE — c/n 34 076
Sr. José Ferreira Peixoto
Fagilde
S. JOÃO DA PESQUEIRA — c/n 66 843
Sr. António do Espírito Santo
Vale de Vila
SOUZELAS — c/n 45 314
Sr. Amadeu Cardoso Correia
Zouparria do Monte
TONDELA — c/n 52 972
Sr. D. Maria da Natividade Coimbra
Botulho

DAMAIA — c/n 252 590
Sr. Jaime Pedroso
Estrada Militar, 15 r/c-Dto.
ESTREMOZ — c/n 524 288
Sr. Manuel Diogo Lopes
Largo do Outeiro, 12
ÉVORA — c/n 204 748
Sr. Dâmaso Azevedo Horta
Rossio S. Brás — L. Oriental 4
FAIAL — c/n 573 959
Sr. Manuel da Rosa Ventura
Lomba da Cruz — Flamengos
FIGUEIRO DOS VINHOS — c/n 281 992
Sr. Albino Luis
Mó Pequena — Graça
LAGOA — c/n 272 832
Sr. Bernardino Lamy da Assunção
Benagil
LARANJEIRO — c/n 535 481
Sr. António Vaz Velho Marques
Rr. Dr. Pires de Castro, 37-1.º Esq.º
LISBOA — c/n 41 341
Sr. Amândio de Oliveira Duarte
Rr. Leandro Braga, 36-1.º Dto.
LISBOA — c/n 270 848
Sr. Antonino Cartaxo Pinheiro
R. Rio Caia, 13 — Bairro Padre Cruz
LAGOA — c/n 485 042
Sr. António José da Costa Castilho
Macedo, Moreira
Av. Estados U. América, 92-10.º Dto.
LISBOA — c/n 517 359
Sr. António Martins
R. Marquês de Olhão, 2-r/c Dto.
LISBOA — c/n 138 579
Sr. Armando Rosa de Carvalho
R. Prior Coutinho, 4-2.º Esq.º
LISBOA — c/n 377 698
Sr. Ernesto Cerqueira dos Santos
Impasse BQ Prédio 6-1.º Dto.
Bloco 2 — Olivais Sul
LISBOA — c/n 377 675
Sr. D. Ester da Silva
Av. Duque de Loulé, 70
LISBOA — c/n 56 802
Sr. José Almeida Marques
R. Conde, 39-5.º Esq.º
LISBOA — c/n 203 328
Sr. D. Maria de Lurdes Rochete Branco
R. Malpique, 8-3.º Dto.
MERCES — c/n 45 465
Sr. D. Ester Cardoso Simplicio Almocim
Viv. Almocim — Casais — Mem Martins
MOINHOS DA BAROSA — c/n 397 808
Sr. Américo Paulo Sá
Quinta do Banco
PENICHE — c/n 242 986
Sr. José Elísio Antunes
PORTALEGRE — c/n 581 420
Sr. D. Beatriz Gouveia
PORTALEGRE — c/n 440 101
Sr. Francisco Pacheco Narciso
Az.ª S. Bartolomeu Casas S. Vicente
de Paulo, 8
PONTA DELGADA — c/n 344 896
Sr. Manuel Pereira Alemão
R. Nova Misericórdia, 240
QUARTEIRA — c/n 332 846
Sr.ª D. Maria Noémia Correia Pires
QUELUZ — c/n 509 572
Sr. Carlos Manuel Ferreira Portugal
da Silveira
Av. Miguel Bombarda, 53
QUELUZ — c/n 434 336
Sr. Francisco Leal
R. G. Lote 7-r/c Esq.º
RIO DE MOURO — c/n 371 664
Sr. Manuel Valentim de Nascimento
R. Irmãos Wright, 8-2.º Dto.
SETÚBAL — c/n 176 159
Sr.ª D. Maria Eugénia Ajuda
Trav. do Peixe, 3 r/c
SILVES — c/n 320 915
Sr. José António do Nascimento
R. do Mirante
TORRÃO — c/n 440 882
Sr.ª D. Gertrudes Maria Calalau
TORRES VEDRAS — c/n 448 718
Sr. Henrique dos Santos
Catefica
TAVIRA — c/n 151 003
Sr.ª D. Marcelina Bernardo
R. D. Marcelino Franco, 25-1.º

ALVERCA DO RIBATEJO — c/n 140 468
Sr. António de Oliveira
Bom Sucesso
AZEITÃO — c/n 435 981
Sr. João Pinto
AZENHAS DO MAR — c/n 315 158
Sr. António José Joaquim
BARREIRO — c/n 150 021
Sr. Mário Sobral
Palácio Coimbra, 11-A
BISSAU — c/n 605 795
Sr. João José Serigado
BRANDOA — c/n 581 804
Sr. Francisco Arnaldo Fernandes
R. G., Lote 380, r/c
CACILHAS — c/n 214 943
Sr. Fernando Fonseca Ribeiro
R. Comandante António Feio, 45
CANEÇAS — c/n 84 673
Sr. Francisco Rodrigues
Lugar d'Além
ERICEIRA — c/n 132 106
Sr. Gervásio Maria de Campos
R. das Eiras, 7
FAIAL — c/n 555 297
Sr.ª D. Teresa Goulart do Souto
Areeiro — Capelo
FEIJÓ — c/n 144 727
Sr. Joaquim Moreira Neves
R. B. letras A. C. r/c
LINHACERA — c/n 268 657
Sr. Rafael Nunes
LISBOA — c/n 27 055
Sr. Artur dos Santos
R. dos Soeiros, 3
LISBOA — c/n 532 407
Sr. Augusto Guerra
L. Alferes Francisco Duarte, 12-1.º Dto.
LISBOA — c/n 367 283
Sr. José Francisco Castro Godinho
R. Cruzeiro, 8 r/c — Ajuda
LISBOA — c/n 24 183
Sr. Justino Rodrigues Lourenço
R. Feliciano de Sousa, 110, Porta 4
LISBOA — c/n 188 388
Sr. Luís da Mata
R. Penha de França, 97-4.º Esq.º
LISBOA — c/n 560 368
Sr. Manuel Júlio Gomes
R. Augusto Rosa à 56, 28-2.º
LISBOA — c/n 478 718
Sr.ª D. Maria Amália Romão
Qt.ª Narição à Az.ª Cavaco, junto ao
Vazadouro
LISBOA — c/n 308 818
Sr. Severino Ventin
Trav. do Alcaide, 9-A-3.º Esc. Dta.
MONTIJO — c/n 511 767
Sr. Arnaldo Henriques Mota
Trav. Comandante Francisco da Silva
Jr., 50-2.º Esq.º
MONTIJO — c/n 384 451
Sr. Ernesto Augusto Oliveira Maria
Rio Frio
MOURISCAS — c/n 382 731
Sr. Manuel Mendes Calhau
Ferrarias
ODELETE — c/n 563 545
Sr. Alberto Pereira
Ferreira
OLHÃO — c/n 112 557
Sr. Joaquim Viegas de Brito
R. 4, n.º 10, Av. Dr. Bernardino da Silva
PAÇO DE ARCOS — c/n 179 485
Sr. Avelino José Monteiro Abrantes
R. Costa Pinto, 210 r/c Dto.
PEREIRA GRAÇA — c/n 443 321
Sr. António da Conceição Pires
RIO MAIOR — c/n 97 771
Sr. Abílio Carreira Santana
R. Mousinho de Albuquerque
S. MIGUEL — AÇORES — c/n 463 923
Sr. Armando Rebelo Moniz
R. Alferes Faial da Terra
S. MIGUEL — c/n 530 379
Sr. Manuel da Costa Meireles
R. S. Pedro Gonçalves, 23 r/c
Rabo de Peixe
SACAVÉM — c/n 251 273
Sr. António Manuel da Silva
Bairro Cruz — S. João da Talha
STA. CRUZ DA GRACIOSA — c/n 556 531
Sr. Manuel Correia Mendonça
Vitória
SANTIAGO DO CACÉM — c/n 432 181
Sr. Francisco José Pereira
Monte da Muda
SETÚBAL — c/n 412 478
Sr. Álvaro Monteiro Escumalha
Pontes
SETÚBAL — c/n 17 024
Sr.ª António Francisco Costa
R. do Feijó, A. F. S. Laranjeiro
TORRES NOVAS — c/n 501 526
Sr. João dos Santos Bernardo
Moreiras Grandes
TORRES VEDRAS — c/n 206 405
Sr. Miguel dos Santos Casaleiro
Gibraltar
VILA FRANCA DO CAMPO — c/n 171 470
Sr. António Guilherme da Silva
R. Gonçalo Velho, 73

1 FOGAREIRO MINIGÁS
ALQUERUBIM — c/n 72 932
Sr. José Correia de Melo
BARCELOS — c/n 92 886
Sr.ª D. Maria do Rosário M. Gonçalves
Guimarães
R. D. Diogo Pinheiro
CARRAZEDA DE ANCIÃES
— c/n 14 855
Sr. José de Morais
CHAVES — c/n 93 342
Sr.ª D. Maria Adelaide Pereira Rato
S. Lourenço

1 FOGAREIRO MINIGÁS
ALVARENGA — c/n 18 844
Sr.ª D. Lurdes Pereira Tavares
Cortegada
CELORICO DA BEIRA — c/n 38 275
Sr. Manuel Antunes Vinhas
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 18 995
Sr.ª D. Belmira Carreira Urbano
R. Fresca, 5
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 6223
Sr.ª D. Glória Ferreira da Costa
R. da Senhora da Encarnação
Buarcos
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 39 058
Sr. João Pereira Lourenço
R. da Lomba, 31 r/c
GOIS — c/n 40 518
Sr.ª D. Felismina de Jesus
Vila Nova de Ceira
LAMEGO — c/n 42 254
Rev. Padre António Abel Gomes
Britiande
MANGUALDE — c/n 50 356
Sr. José da Costa Queirigo
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — c/n 10 046
Sr. José Alves de Miranda
SABUGAL — c/n 14 009
Sr. Francisco da Fonseca
TOURAIS — c/n 38 716
Sr.ª D. Teresa de Jesus Mota
Sameice
VAGOS — c/n 6245
Sr. Júlio da Rocha Pereira
VILA FRANCA DAS NAVES — c/n 48 430
Sr. Ezequiel Augusto
VILA NOVA DE POIARES — c/n 6991
Sr. João de Matos Silva
São Miguel
VOUZELA — c/n 9114
Sr. António da Fonseca Amaral

SORTEIO EM LISBOA
1 AUTOMÓVEL AUSTIN 1000
QUATRIM DO NORTE — c/n 459 109
Sr. Francisco Matias Laurindo

1 FOGÃO DE 2 BOCAS C/ FORNO
A-DOS-CUNHADOS — c/n 534 376
Sr.ª D. Laura Ramos Onofre
Bombarda
ALMADA — c/n 123 210
Srs. Godinho & Maia, Lda.
Café Aquário
AGUALVA-CACÉM — c/n 522 839
Sr. Eduardo Augusto Ferreira
R. Proj. à R. B. Fonte das Eiras, Lote 47
AMADORA — c/n 215 128
Sr.ª D. Maria Teresa Névoa Lopes Tadeu
Av. de Ceuta, lote 115-2.º Dto.
AMADORA — c/n 26 958
Sr. Wlademiro Ferraz dos Santos
Marques
R. 5 Outubro, 1-2.º Esq.º
AZÓIA — c/n 312 255
Sr.ª D. Mariana Gomes da Cunha
(Do Cabo da Roca) Freguesia Cofres
BARREIRO — c/n 169 296
Sr. Afonso Ferreira Falcão
R. 1.º Maio
Pátio José Milheiro, 77-r/c
BEJA — c/n 367 932
Sr. Joaquim dos Santos Dionísio
Trigaches — Beringel
BISSAU — c/n 605 790
Sr.ª D. Maria da Assunção Pinto
Tavares
BOMBARRAL — c/n 458 371
Sr.ª D. Deolinda da Costa Reis
Barrocalvo
CÁBRELA — c/n 128 414
Sr.ª D. Felizarda Duarte Ramos
CANIÇO — c/n 290 394
Sr. António Rodrigues
Pedra Mole
CASAL DA AREIA — c/n 481 839
Sr. Joaquim João Reinaldo Ferreira
CASTELO BRANCO — c/n 376 145
Sr. Filipe de Jesus Martins Salvado

SORTEIO EM COIMBRA
1 AUTOMÓVEL AUSTIN 1000
LÓUSÃ — c/n 6390
Sr. D. Fernando Pais de Almeida e Silva

1 FOGÃO DE 2 BOCAS C/ FORNO
ARGANIL — c/n 25 504
Sr. José Lopes
CANTANHEDE — c/n 82 197
Sr. Manuel Alcides Padeiro
Labregos
CARRÉGAL DO SAL — c/n 50 951
Sr. António dos Santos
COIMBRA — c/n 7649
Sr. Manuel de Jesus
Bairro de S. João, 14
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 48 242
Sr. António Maria Carvalho
Vila Verde
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 38 475
Sr. Casimiro de Jesus Duarte
Bairro da Fontela
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 58 423
Sr. José Loureiro
Ferreira-A-Nova
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 48 084
Sr. José Maria Ferreira
R. Dr. Santos Rocha, 39
FIGUEIRA DA FOZ — c/n 33 955
Sr.ª D. Maria Eduarda Santos Bernardes
Brenha

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Apontamento de JOAO LEAL

Campeonatos Nacionais

I DIVISAO

Desforra do Porto em relação à I volta

O Futebol Clube do Porto desforrou-se e bem da derrota que o Sporting Farense lhe infligira na jornada inaugural da Divisão Maior. Fê-lo no seu magnífico Estádio das Antas, brindando os seus proslitos com uma acção dos portistas, que têm vindo a registar assinalados progressos, nada pôde fazer a turma algarvia, a despeito do estocismo e querer com que se houve. Jogou no seu estilo, defendendo-se e procurando no contra-ataque a hipótese do gol. Mas ao ataque faltou, quando não empurrado cá detrás, o poder e talento para fazer perigar o derradeiro reduto dos portistas. Partida disputada com correcção, terminou afinal (aqui não houve surpresa), com o desfecho que se lhe vaticinava. Dirigiu o encontro João Nogueira, de Setúbal e as equipas alinharam: F. C. Porto — Rui; Gualter, Arman-

do, Rolando e Valdemar; Pavão e Bené; Pinto, Lemos, Abel e Nóbrega. Farense—Barroca; Sítio, Assis, Atraca e Bastos; Ferreira Pinto e Dani (Testas), Nunes, Valdir, Ernesto (António Maria) e Correia.

Os golos da turma nortenha foram marcados por Abel (30 minutos), Pavão (62 minutos) e Armando (83 minutos). Amanhã, joga no Municipal de Faro, o Varzim. Neste ambiente festivo da quadra, espera-se que a turma local coloque no «sapatinho» do clube os dois pontos da vitória, convenientes à continuação da tranquilidade com que se tem havido.

II DIVISAO

Destechos diferentes

Tudo fazia crer que iríamos ter nova jornada 100 por cento favorável aos clubes algarvios. Afinal, a perspectiva não se realizou em 50 por cento, pois o Portimonense perdeu no seu reduto. O União de Tomar, orientado por Cabrita, veio alcançar magnífica vitória à cidade da Rocha, conservando assim o 4.º posto. Para o Portimonense, a derrota (perder em casa é sempre um problema) veio travar aquilo que apelidamos de «momento recuperativo». O onze barlaventino, que contra o Oriental no domingo anterior, se mostrara igual ao que pensamos efectivamente seja, claudicou ante os tomarense. E num breve relance pela tabela classificativa, constata-se que do 8.º ao 14.º existe apenas uma diferença de 3 pontos, exactamente aquela que separa o Portimonense do Torriense.

No jogo de domingo, foram os algarvios os primeiros a marcar por intermédio de Afonso, aos 12 minutos. O Tomar logrou o empate, com um golo de Tito à meia-hora. No segundo tempo agigantaram-se, e cedo Cravo, aos 8 minutos e Manuel José, aos 15 minutos, consolidaram a vitória. Arbitrou José Luis Tavares (Setúbal), verificando-se as seguintes formações: Portimonense — Sebastião; Lino, Carlos, Hélio e António Luis; Aquilino e Ramos; Mâninho, Afonso, Mateus e Pacheco. Tomar — Nascimento; Fernandes, Cardoso, Barnabé e Totó; Cravo e Raul; Pavão, Tito, Manuel José e João Carlos.

Em Olhão, o onze local pôde dar um «volte-face» à injustiça da arbitragem. Com efeito, aos 23 minutos os marvilenses apontaram um golo por Madeira, em posição de fora de jogo. Mas o árbitro considerou-o como válido e se atendeu o Olhanense, jogou em Tomar. Partidas bem difíceis as que esta jornada proporciona aos algarvios.

III DIVISAO

Lusitano, será facto? Oxalá...

Em vésperas de Natal, a turma vilarense proporcionou aos seus adeptos uma magnífica partida. Alcançou uma robusta vitória sobre um cotado candidato, o Almada, e lançou-se para o 2.º posto, apenas a um ponto do primeiro, o Cova da Piedade. E se na jornada anterior escrevêramos que boas perspectivas se abriam ao Lusitano, o nosso comentário mais se fortaleceu com o resultado obtido sobre os almadenses. Claro que o campeonato ainda está muito longe do final, mas a turma vem realizando uma meritória carreira e deve acreditar-se que pode ir mais além. Oxalá esse «mais além» acontecesse, a bem do futebol algarvio.

O Esperança, com a derrota sofrida em Vendas Novas, deve ter-se definitivamente afastado da corrida para o título, mas crê-se que se classifique no lote dos sete primeiros. Precioso o ponto obtido pelo Silves em Sines, que se não afastou a equipa da zona perigosa, fê-la enriquecer o palmarés pontuativo. A jornada de amanhã engloba apenas um encontro no Algarve: Silves-Paio Pires, com favoritismo para os visitados. Para o Lusitano e Esperança, nas suas idas a Amora e Grândola, os jogos apresentam-se com evidentes dificuldades.

O Hannover 96 joga em Faro

O público algarvio vai ter o ensejo de assistir à exibição, em Faro, de um dos mais cotados conjuntos futebolísticos europeus. Trata-se do Hannover 96, clube alemão que ocupa o 3.º lugar no Campeonato de Futebol da Alemanha e de que fazem parte conhecidos internacionais. O Hannover 96 derrotará o Farense no dia 17 do próximo mês, às 16 horas.

Pesca desportiva

Concurso «Encerramento» do C. A. P. de Olhão

No molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão, decorreu o concurso «Encerramento», nas modalidades de «boias» e «fundo», organizado pelo Clube dos Amadores de Pesca de Olhão. A classificação foi a seguinte: «Boias» — 1.º, Celestino Cândido Martins, 1 725 pontos; 2.º, Eduardo Conceição Pires, 1 065; 3.º, João Martins Gaiivota, 840; 4.º, João Jacinto Andrade, 365; 5.º, Laurino Soares, 290; 6.º, Mariano Campina, 165 pontos. «Fundo» — 1.º, António Luis Larguito, 780 pontos; 2.º, Joaquim André da Cruz, 645 pontos.

João Gaiivota venceu a prova «António da Silva Guerreiro» do C. A. P. de Olhão

No molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão, disputou-se a 2.ª edição da prova «António da Silva Guerreiro», organizada pelo Clube de Amadores de Pesca de Olhão. A posse definitiva do troféu é outorgada ao concorrente que vencer duas edições seguidas ou três alternadas. No ano transacto, a vitória coube a Amabelo Pereira. Este ano a classificação ficou assim ordenada: 1.º, João Martins Gaiivota, 1 850 pontos; 2.º, Eduardo Conceição Pires, 1 410; 3.º, António Luis Larguito, 820 pontos.

Os melhores pescadores do C. A. P. de Olhão em 1970

Após o 2.º Concurso «António da Silva Guerreiro», realizado em 6 deste mês, ficou assim estabelecido o quadro de honra dos 10 melhores pescadores do ano de 1970:

1.º, João Martins Gaiivota, 1 250 pontos; 2.º, Celestino Cândido Martins, 1 050; 3.º, Luis Jorge Martins, 990; 4.º, Laurino Soares, 940; 5.º, Eduardo Conceição Pires, 930; 6.º, João Jacinto Andrade, 690; 7.º, dr. Salvador Ilari, 660; 8.º, José Viegas Cruz, 660; 9.º, José Ramos Pires, 650; 10.º, António das Neves, 630 pontos.

Chegou o «passageiro» 5 milhões da T. A. P.

Apenas 337 dias passados após ter transportado o passageiro 4 milhões, a TAP anuncia o seu «passageiro cinco milhões», que viajou de Salisbury para Lisboa no dia 13 deste mês, a bordo do voo TP 284. Trata-se do sr. C. W. Howard, rodesiano e director de importante companhia de tabaco, viajando acompanhado por sua mulher e filha. Era aguardado no Aeroporto de Lisboa pelo chefe do Serviço de Relações Públicas, sr. dr. Maia Malta, que apresentou cumprimentos em nome da Administração e o convida para uma estadia em Portugal em época à sua escolha.

É de notar ter o 1.º milhão sido atingido ao fim de 11 anos e 19 dias, o 2.º milhão, 2 anos, 8 meses e 3 dias após, o 3.º milhão, 1 ano e 6 meses depois, e o 4.º milhão em mais 1 ano, 3 meses e 10 dias. Assim no decurso do ano 1970 a TAP teve o ensejo de festejar os seus 4.º e 5.º milhão de passageiros transportados.

Teresa estremeceu ouvindo pronunciar o nome da filha. — Sim, de Herminia — prosseguiu o sr. de Beupreau — a quem estimo como se fora minha própria filha, cuja felicidade desejo sobre todas as coisas, embora a senhora pense o contrário.

A senhora de Beupreau pôs os olhos no chão, e o marido continuou: — Há muito tempo que eu conhecia a conduta irregular e os desvarios desse desgraçado rapaz que veio perturbar a tranquilidade do nosso viver doméstico, e se até o último momento recusei a mão de Herminia a Fernando Rocher, foi porque sabia que era indigno dela.

O sr. de Beupreau soltou um profundo suspiro, e Teresa sentiu bater o coração, agitado por uma estranha comocão. — Há mais alguma coisa ainda? — perguntou ela.

— Na vida desse malfadado rapaz há mais uma grande desgraça: a sua honra foi horrivelmente manchada por influências de uma mulher perdida, uma dessas criaturas cujo amor fatal precipita irresistivelmente no crime.

— Senhor!... Senhor!... — murmurou Teresa que conservava ainda um resto de afeição por aquele que durante tanto tempo considerara como filho.

— Ouça e responda-me. Sabe a razão por que ele queria ser o marido de Herminia?

E o chefe de repartição fez um gesto de indignação, e prosseguiu: — Para, com o dote da mulher, satisfazer as prodigalidades ruidosas da amante. Ela enfeitou-o.

— Pelo amor de Deus, senhor — suplicou Teresa — não o julgue tão severamente.

— Ah! já vejo que nada sabe ainda!

— Oh! meu Deus! mas o que aconteceu?

— Fernando Rocher está preso.

— Preso! — exclamou a senhora de Beupreau.

— Acusado e convencido de roubo.

Teresa soltou um grito e apoiou-se desfalecida no braço do marido. Este, porém, não poupou detalhe algum do sucedido; contou-lhe com cruel minuciosidade o pretendido crime do desventurado Fernando, sem omitir as circunstâncias da sua prisão em casa da Bacarrat onde passara a noite, e onde fora encontrada a carteira contendo os trinta mil

Desporto corporativo

Futebol

Em S. Bartolomeu de Messines, no campo de jogos João de Deus, disputou-se um encontro a contar para o Campeonato Distrital de Futebol da F. N. A. T., em que se defrontaram as equipas dos C. A. T. dos Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto e da Facel de Paderne, que terminou com a vitória tangencial dos padernenses por 1-0.

Novo campo de reduzidas dimensões, portanto propiciador a jogadas nas zonas de baliza esperava-se maior número de golos mas, por inoponência dos sectores atacantes ou por mérito das defensas, tal não se verificou. A equipa da Facel foi feliz na concretização da jogada que lhe deu o golo, mas já antes tivera outras oportunidades merecedoras de tal sorte. O empate poderia ser o resultado certo, mas os jogadores visitantes foram sempre mais batalhadores e tiveram no seu guarda-redes uma pedra de grande valia, tudo defendendo com grande segurança e autoridade.

Dirigiu o encontro o sr. João Pereira Martins, auxiliado pelos srs. Godinho César e José Viegas.

Distinguiram-se na equipa da casa, Camilo Mário e Tónica e nos visitantes além do guarda-jogos Manuel, Humbertino, Coelho e Guerreiro.

Ténis de Mesa

Em ambiente de grande entusiasmo e nas mesas do Imortal da Albufeira realizou-se com boa assistência a final regional de ténis de mesa. O nível atingido pelos concorrentes foi extraordinário e na disputa de alguns jogos houve recortes de alta caveira. Apuraram-se as seguintes classificações: Campeonato distrital, António Anselmo (Beira e irmão) vice-campeão, Casimiro Mendonça (Pinto de Magalhães); 3.º, Jorge Vidigal, 4.º, António Jesus (ambos da Casa dos Pescadores de Portimão).

O Torneio Triangular de Ténis de Mesa em que participam jogadores dos C. A. T. da Facel e Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto e do Imortal da Albufeira, teve o seu início na mesa do C. A. T. da Facel em Mem Moniz, Paderne.

Depois desta primeira jornada, a classificação é a seguinte: 1.º, Eugénio Marques, C. A. T. dos E. Teófilo Fontainhas Neto; 2.º, Arménio Alcúcia Martins, C. A. T. da Facel; 3.º, Alfredo Mateus, Imortal de Albufeira; 4.º, Dionísio Camilo, C. A. T. de E. Teófilo Fontainhas Neto; 5.º, Flávio, Imortal de Albufeira; 2.º, 6.º, Joaquim Terêncio, C. A. T. da Facel, 0 vitórias.

VELA

Prosegue o Torneio Fernando Prazeres

Conforme noticiámos, a Secção Náutica do Sport Faro e Benfica inaugurou a época de Vela 1970-71 com a organização uma série de 10 regatas para a classe snipe, à qual foi dado o título em epígrafe, em homenagem a um dos mais valorosos velejadores, várias vezes campeão regional daquela classe.

Foram já disputadas 4 regatas, nos dias 6, 8, 13 e 20 deste mês, com a participação de 10 tripulações, cuja classificação geral até à 4.ª regata é a seguinte:

1.º, José Calvário e Anibal Rosado, da M. P., de Faro, 1 560 2/4 pontos; 2.º, José Amaral e Fernando Campina, de Faro, 1 410 pontos; 3.º, Manuel 1/4 pontos; 3.º, José Simões Delino e Luis Penisa, do Ginásio Clube Naval de Faro, 1 469 2/3 pontos; 4.º, Júlio do Rosário e Carlos Veitias, S. F. e Benfica, 1 444 pontos; 5.º, José Manuel Porto e José Enrudo, da M. P., de Faro, 1 410 pontos; 6.º, José Maurício e Celso Maurício, S. F. e Benfica, 1 249 1/3 pontos; 7.º, Emilio Marmota e Carlos Veitias, S. F. e Benfica, 1 248 2/3 pontos; 8.º, José Matias Sancho e João Sancho, Grupo Naval de Olhão, 1 245 3/4 pontos; 9.º, Rogério Ferro e Délio Ferro, S. F. e Benfica, 1 227 2/3 pontos; 10.º, Manuel Porto e José Osvaldo Bagarrão, M. P., de Tavira, 1 089 2/4 pontos.

Para poder classificar-se para a final, cada tripulação deverá correr pelo menos em 5 regatas, sendo aplicado o sistema de pontos compensados da classe snipe, usado internacionalmente. As regatas têm sido corridas no triângulo Ramalhete-Quatro Águas-Volta Vagorosa, na ria de Faro, em percursos olímpicos de cerca de 5 milhas cada.

Após o interregno das festas do Natal e Ano Bom, e descanso das tripulações, a série prosseguirá em 3 do próximo mês, com o 1.º sinal às 10 horas.

Fazem parte do júri efectivo os srs. dr. Martinho Pereira dos Santos, delegado da Federação Portuguesa de Vela no Algarve; Fernando Augusto Ferreira e José João da Ponte e Castro, pelo clube organizador.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

BASQUETEBO

1.ª CATEGORIAS

JUNIORES

PROSSEGUIU O CAMPEONATO COM A REALIZAÇÃO DOS JOGOS REFERENTES À 1.ª JORNADA DA 2.ª VOLTA OS OLHANENSES, 35 — GINÁSIO, 25

Normal a vitória de Os Olhanenses frente a um Ginásio animoso e que ofereceu boa réplica. Houve superioridade global dos vencedores num jogo de fraco nível técnico.

OLHANENSE, 50 — FARENSE, 49

Jogo emotivo e correcto. Na 1.ª parte a superioridade, que pertenceu ao cinco de Olhão, residiu fundamentalmente no acerto exibicional do seu mais influente jogador — Alvaro — um jovem que não é devidamente aproveitado no capítulo técnico e que, em boas condições físicas, o que não acontece actualmente, é um jogador influente em qualquer cinco do nosso País.

Na 2.ª parte o Farense rectificou o seu sistema defensivo passando a uma zona mais agressiva. No ataque passou a actuar com mais discernimento, apresentando melhores soluções, e equilibrou o jogo.

O Olhanense quebrou fisicamente e isso ia-lhe sendo fatal. A vitória do cinco de Olhão foi justa, como justo seria o triunfo do Farense, tal o equilíbrio de valores de ambos os cinco ao longo do encontro.

JUNIORES

JOGOS PARA HOJE:

VITÓRIAS NORMAIS DOS FAVORITOS

F. E BENFICA, 32 — OLHANENSE, 45 OS OLHANENSES, 72 — FARENSE, 44

Certa a vitória do Olhanense em Faro. Boa a pontuação conseguida por Os Olhanenses, cinco que se tem vindo a revelar de jogo para jogo.

JUVENIS

JOGOS PARA AMANHÃ:

POULE DE DESEMPATE A VISTA

São três as equipas empatadas no 1.º lugar: Faro e Benfica, Olhanense e Os Olhanenses.

Resultados: Faro e Benfica, 39 — Olhanense, 31; Os Olhanenses, 53 — Farense, 26.

No último fim-de-semana, nos Campeonatos Distritais, à excepção do encontro de 1.ª categoria Casa dos Pescadores-Olhanense, os outros pouco interessados ofereciam, e daí a pouca emoção e fraca assistência.

1.ª CATEGORIAS

O Farense foi vencedor fácil e indiscutível sobre o Ginásio Olhanense. O resultado de 75-38 diz bem do que foi a supremacia do cinco de Faro. Regista-se nos vencedores o regresso do habilidoso Fontainhas, que, bem preparado, pôde conferir à sua equipa uma maior acutilância no contra-ataque e no ataque planeado.

Lamentá-se o facto de a este encontro não ter comparecido nenhum árbitro oficial, sendo o jogo arbitrado por dois elementos afeitos ao Faro e Benfica.

No outro encontro da jornada, em Portimão, houve certa emoção, praticou-se basquetebol de nível muito aceitável e aconteceu vitória justa do cinco local sobre um Olhanense que nunca se deu por vencido e que, por isso mesmo, ofereceu sempre excelente réplica, o que mais valorizou o triunfo do cinco orientado pela dupla Cabrita-Feu, 54-43 foi o resultado final.

ATLETISMO

Foi alterada a data de realização do IV Grande Prémio de Reis

Com vista à preparação dos atletas algarvios para o «IV Grande Prémio de Reis» a Associação de Atletismo de Faro organizou provas pedestres nos terrenos anexos ao Estádio de S. Luis, em Faro.

O «IV Grande Prémio de Reis» foi transferido para a noite de 9 do próximo mês, nele participando cotados valores do atletismo ibérico.

Curso de agentes sanitários

Está aberta nas secretarias da sede e da delegação do Porto do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge até ao dia 15 do próximo mês a inscrição para a frequência do Curso de Agentes Sanitários que terá o seu início no dia 1 de Fevereiro.

Os candidatos devem ser do sexo masculino, com idade não superior a 35 anos e deveres militares cumpridos e ter como habilitações mínimas o primeiro ciclo liceal ou equivalente.

Os alunos que só possuírem a 4.ª classe poderão ser admitidos depois de submetidos a exame de aptidão. Este exame far-se-á no Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (Lisboa e Porto) em data a fixar.

Os alunos admitidos no curso terão um subsídio mensal de 1500\$00.

Num encontro equilibrado, mas de baixo nível técnico, Os Olhanenses venceram com muita dificuldade o aguerriado e animoso Ginásio por 43-42, vitória alcançada nos segundos finais do jogo. Injustos os protestos ouvidos pelo árbitro sr. João Correia, porquanto apitar só, é muito difícil, e não cremos que alguns desizes que teve, os houvesse cometido voluntariamente. Logo sem razão os protestos dirigidos a um trabalho que, sem ser isento de erros, foi, contudo, criterioso e imparcial.

Faro e Benfica e Farense disputaram o outro encontro, Triunfo absolutamente certo e por números concludentes, 71-75, dos encarnados de Faro.

JUVENIS

Como se esperava, registaram-se vitórias faceis dos favoritos. Resultados: Faro e Benfica, 56 — Farense, 16; Imortal, 11 — Os Olhanenses, 55.

Neste último encontro, uma nota triste e desagradável: uma vez mais no decorrer desta época, verificou-se a ausência total de árbitros e oficiais de mesa nomeados. Comentários para quê? Porque não queremos de forma alguma criticar «destrutivamente» deixamos mais este caso, e consideração de quem de direito, na esperança de que uma lufada de ar fresco possa surgir no nosso tão maltratado basquetebol algarvio.

Juveniores — às 21,30: Os Olhanenses-Farense, no Campo do C. D. Os Olhanenses; às 22,30: Ginásio-Casa dos Pescadores, no Campo do C. D. Os Olhanenses.

Juveniores — às 10: Faro e Benfica-Ginásio no Pavilhão Gimno-desportivo; às 11: Olhanense-Farense, no Parque C. Viegas.

Juveniores — às 10: Olhanense-Farense, no Parque C. Viegas; às 11: Faro e Benfica-Imortal, no Pavilhão Gimno-desportivo.

DO SR. FELICIANO JOSE ALVES, RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA:

Olhão, 15 de Dezembro de 1970

Ex.º Sr. Senhor,

Para conhecimento de V. e a fim de que os prezados leitores do jornal, mais dignamente dirigido por V., fiquem devidamente elucidados, rogo que seja autorizada, no próximo número, a publicação desta minha carta.

Embora na crónica sobre basquetebol, do vosso jornal n.º 716, datado de 12 do corrente mês e ano, não conste «com certeza por lapso na tipografia» o nome do cronista e, por analogia com as anteriores eu considere a mesma ter sido assinada pelo sr. Humberto Gomes, venho desta forma esclarecer que me parece pouco próprio, que o referido senhor, que foi o principal responsável por o jogo não prosseguir, em virtude de que não se terminou o encontro em virtude de, como treinador do Clube Desportivo Os Olhanenses, ter sido inconveniente, para com o árbitro e os oficiais da mesa, proferindo palavras pouco próprias para um desportista, tendo por este facto por mim árbitro, sido convidado a afastar-se da orientação da sua equipa, não actuando as referidas ordens, apareça na sua referida supracitada crónica a dizer que o jogo Olhanense-Os Olhanenses, na categoria de juveniores não se desempençou, em virtude do árbitro não querer continuar o encontro, a fim de motivo justificado.

Ora, em face do exposto, parece-me mais que suficiente ter o jogo sido dado por terminado, por o referido senhor — Humberto Gomes — não ter acatado uma ordem do árbitro.

Sem outro assunto de momento, apresento a V. os meus respeitosos cumprimentos, subscorvo-me com a mais elevada consideração.

De V. etc.

Feliciano José Alves

COMUNICADO OFICIAL N.º 2-70/71, DA COMISSÃO DISTRITAL DE JUIZES, MARCADORES E CRONOMETRISTAS DO BASQUETEBO DE FARO — SEDE EM OLHÃO

Para os fins convenientes e conhecimento de V. comunicamos:

A Comissão Distrital de Juizes de Basquetebol de Faro, com sede em Olhão, ao tomar conhecimento das críticas destrutivas que insistentemente lhe têm movido através do rádio, dos jornais, e até publicamente, declara o seguinte:

Que se encontra à disposição da rádio, dos órgãos informativos, dos clubes, e do público em geral, para esclarecer quaisquer dúvidas que possam motivar o seu modo de actuar;

Que repudia as críticas feitas e o tempo perdido com tais críticas destrutivas, que em nada prestígio do desporto;

Que em primeiro lugar lhe devem ser solicitados os esclarecimentos necessários, e que uma vez esclarecidos devem os desportistas colaborar, e não criticar, para o desenvolvimento do desporto no Algarve, e para o prestígio da arbitragem.

Olhão, 15 de Dezembro de 1970.

Comissão Distrital dos Juizes de Basquetebol de Faro

ROGAMBOLE

(Continuação)

O MARQUÊS DE LACY

O chefe de repartição chegava alegre e efetuoso. Abraçou a mulher e a filha com extraordinária efusão, dizendo-lhes que sentira por tal forma aquela separação que pedira ao ministro algum tempo de licença. A senhora de Beupreau não estava habituada àquelas demonstrações de ternura da parte de um homem que passara a vida tirando-a; contudo, como era difícil que ela pudesse adivinhar os fins da conduta de seu marido, acreditou que o hábito produzira nele os efeitos da afeição; que pela primeira vez, depois de vinte anos, entrando em casa, não encontrando pessoa alguma, transportado bruscamente à existência árida de rapaz solteiro, chegara a persuadir-se de que amava sua mulher, e a filha de sua mulher.

Porém, o sr. de Beupreau quando a ceia acabou, e enquanto Herminia fazia a leitura à velha baronesa, ofereceu o braço a sua mulher, e levou-a para debaixo das grandes árvores do jardim.

— Venha senhora — disse ele — tenho coisas importantes a comunicar-lhe.

Teresa seguiu o marido, trémula, e prevenido uma nova desgraça.

— Senhora, — continuou o chefe de repartição, — eu bem sei que forma de mim má opinião, e a aspereza do meu carácter tem-me feito a seus olhos um homem mau.

— Senhor...

— Deixemos porém isso, e falemos de Herminia.

francos. A senhora de Beupreau ficara fulminada com aquelas revelações, e fixava um olhar pasmado no marido, como se quisesse duvidar das suas palavras.

— Ora, minha boa amiga — prosseguiu o chefe de repartição em tom mais affectuoso — Fernando Rocher está preso e será julgado nas próximas audiências, isto é, dentro de quinze dias, e a senhora bem sabe que estes negócios são sempre, infelizmente, do domínio público. Todos os jornais publicarão sem dúvida alguma o processo e a condenação.

Teresa tremia dos pés à cabeça.

— Isto pode ser um golpe mortal para Herminia — prosseguiu o senhor de Beupreau — porque pode, por acaso, pegar num jornal e ler toda a verdade.

— Oh! cale-se, em nome do céu! — bradou Teresa, suplicante.

— Foi por isso, minha boa amiga, que eu pedi licença ao ministro e corri aqui a toda a pressa. É preciso evitar este golpe fatal à infeliz menina.

A senhora de Beupreau tinha os olhos cheios de lágrimas. O marido prosseguiu:

— Minha rica, para grandes males, grandes remédios; é preciso distrair Herminia, distra-la a todo o custo.

Teresa abanou tristemente a cabeça.

— Há dores que resistem a tudo — disse ela.

— Um prego tira outro prego — murmurou filosoficamente o chefe de repartição, o amor cura-se com o próprio amor.

— O que quer dizer, senhor?

— Tenha paciência e ouça-me. Lembra-se do último baile do ministério dos negócios estrangeiros?

— Lembra. Mas porque me faz essa pergunta?

— Lembra-se, mais, de um inglês, moço ainda, o baronnet sir Williams, que lhe foi apresentado pelo seu embaixador, e que dançou com Herminia?

— Um rapaz de fisionomia simpática, um pouco trigueiro, não é verdade?

— Exactamente.

— E que falava francês com toda a pureza!

(Continua)

CARTAS à Redacção

Talvez que um dia...

Sr. director,

Uma carta endereçada à Redacção do Jornal do Algarve, assinada por S. N., onde se fazem considerações ao novo regime cerealífero, levou-me também a alinhavar alguns considerandos, não no que toca às moagens de ramas, em cujos meandros me considero leigo, mas à agricultura trigueira nas terras fracas, condenada agora, oficialmente, ao desaparecimento.

Não será talvez de estranhar que a ideia de uma coisa tenha servido de percursor à explosão desta outra, visto que, como todos sabem, é na cultura do trigo, principalmente nas terras pobres, que se encontra a infra-estrutura da indústria das ramas. Diz-se que isto são duas coisas antieconómicas e que terão de ser sacrificadas aos novos condicionamentos da mão-de-obra e da agricultura moderna.

Eu fico, às vezes, nas minhas longas meditações, a pensar se este problema terá sido bem equacionado e visto de todos os ângulos com o cuidado e a atenção que se impunha. E que, quando se diz que semear trigo em terras pobres dá prejuízo ao agricultor e não é útil à Nação, pensa-se talvez somente neste cereal, esquecendo-se os outros que a ele andam ligados e a simbiose do conjunto de todos com os gados, olvidando-se assim o verdadeiro dado do problema. Ora, reparem: No restolho do trigo costuma-se cultivar cevada ou aveia, cereais cujo valor na alimentação dos gados, todos bem conhecem. E ninguém vai fazer alqueire e gastar dinheiro e adubos para semear coisas que só são economicamente viáveis aproveitando o restolho do trigo — terrenos desbravados no ano precedente e queentes ainda dos guanos com que se fez este cereal.

Também a cultura do tremoço se faz nas relvas, porque o agricultor não vai arrotear terrenos incultos para esta sementeira, mais dispendiosa agora com o encarecimento da mão-de-obra.

Deixei propositadamente para o fim a pecuária. E que há muita gente ainda — até técnicos responsáveis! — que pensam que nas terras incultas das serras do Algarve e nas chadas do Baixo Alentejo, nomeadamente no «Campo Branco», se pode continuar a fazer pastorícia e mesmo aumentá-la... Puro engano! Sem trigo, não haverá cevada, nem aveia, nem tremoços, nem ovelhas, nem porcos, nem caça... nem pessoas... E é isto que tem de ser visto no seu conjunto, quando se estudam os problemas da maior parte dos terrenos ao sul do Tejo.

Claro que o futuro já se vai delineando: No aspecto económico, aí estão já os grandes senhores e as grandes empresas a alargar os seus domínios, que se vão transformando em coutadas para recreio de turistas e privilegiados, enquanto o trigo — que para nós é pão — passará a vir de além-fronteiras; e também a carne — o nosso conduto — de lá passará a vir.

No aspecto social, é uma classe média que está desaparecendo e que corre apressada para o centro da Europa, a entregar-se à escravatura nas mãos dos patrões da nossa era. E os nossos trabalhadores rurais? Bem, esses há muito tempo que lá estão. E não digam que é por isto ou por aquilo! Todos sabem que o culpado é o câmbio... E ainda bem para eles. Do mal o menos...

No aspecto moral... Bom, aqui é melhor ficar calado... Um dia se fará a história...

Condenam-se — e muito bem! — os nossos métodos agrícolas antiquados e

anacrónicos, coteja-se o preço do nosso trigo com o do centro da Europa. Mas já alguém comparou quanto custa um tractor ao agricultor português e por quanto o mesmo é adquirido pelo seu colega francês ou alemão? E as peças que se vão estragando? E as alfaias agrícolas? E quanto custará um quilo de vitela em Paris ou em Colónia?

Pois, meu caro S. N., isto são talvez os ventos da história! E quando os ventos sopram, o melhor é fugir das aparadelas... Nada ainda como procurar uma abrigoada onde não haja furacões e seja lugar soalheiro! Se não fizermos assim ainda nos vão chamar Quixotes...

Mas lá virá o dia em que as pessoas omeem a dizer que, afinal, coutadas de terrenos incultos não criam caça; que foi pena deixar acabar a classe média — um grande sustentáculo dos valores válidos (agora usa-se muito!) da nossa civilização.

Lá virá um dia em que os responsáveis comecem a pensar que as grandes possibilidades da técnica poderiam talvez criar máquinas baratas adaptáveis às características dos nossos terrenos pobres, onde se poderia ainda fazer uma agricultura-pecuária válida (desculpem a repetição, mas deixem-me ao menos uma vez, embalar o meu espírito jovem (e quarentão)... nos ventos históricos que sacodem as guedelhas dos nossos filhos adolescentes).

Talvez um dia ainda se pense em cruzar as serras algarvias com uma rede de estradas (carreteiras), a melhor maneira de ajudar os donos a arborizá-las.

Talvez que um dia... Talvez que um dia... Bem, parece-me que já estou a fazer ventaneira a mais, e o melhor é fugir da aparadela.

Entretanto, nem só na agricultura,

O Eurotel Tavira será o primeiro hotel português vendido em propriedade horizontal

NA cidade suíça de Thun, efectuou-se a assembleia geral da União Internacional das Organizações Eurotel, cadeia hoteleira que tem já em funcionamento 18 hotéis nos principais pontos turísticos da Europa.

Durante a assembleia, foi anunciada a associação da Eurotel Francesa ao grupo financeiro Rothschild, através da Compagnie Hotelière et du Tourisme P. L. M. de que é presidente do conselho de administração, o barão Elie Rothschild.

A iniciativa Eurotel parte de um esquema de adaptação do regime de propriedade horizontal à exploração hoteleira. Mediante a compra de uma suite num dos hotéis da cadeia, o adquirente participa nos lucros da exploração, podendo simultaneamente frequentar qualquer dos euroteis espalhados pela Europa, de acordo com fórmulas originais.

Durante a assembleia, foi confirmada a integração na cadeia internacional, do Eurotel Tavira-Algarve, cuja primeira fase já está construída.

como — e principalmente — noutros sectores, já se estão a fazer muitas coisas válidas (só mais esta vez...). Temos pois esperanças, amigo S. N., e oxalá os nossos desabafos alguma coisa ajudem aqueles que carregam o duro fardo da governação.

I. G. N.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA A INDÚSTRIA DA PESCA ARTESANAL E DO ARRASTO COSTEIRO

UM recente despacho exarado pelo ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, aprova as normas que, a partir de 1 de Janeiro do próximo ano, regulam os pedidos de novas construções e modificações das embarcações da pesca artesanal. Nelas se estabelece que é livre a construção de embarcações destinadas a registar em nome de pescadores, sócios efectivos das Casas dos Pescadores e, bem assim, a modificação das embarcações já existentes, nas mesmas condições, observando-se, porém, num e noutro caso, requisitos de ordem geral, dos quais sobressaem o comprimento de sinal não superior a 14 metros e a propulsão mecânica cuja potência não deve exceder 200 cavalos-vapor. Nota saliente é a que fixa em 45 dias o prazo máximo para que as respectivas petições sejam submetidas a decisão superior conferindo-se, deste modo, maior celeridade no andamento normal da máquina burocrática.

Um outro despacho, também com efeitos a contar de 1 de Janeiro, introduz importantes alterações ao regime das novas construções ou

modificações dos navios de pesca do arrasto costeiro. Nele se prevê que o ministro considerando que possa ser vantajoso para a economia nacional um gradual aumento das unidades utilizadas nesta modalidade de pesca fixará, anualmente, o número das novas construções que poderá realizar-se no ano seguinte e estabelece as condições gerais a que devem obedecer os pedidos de construção, destacando-se, entre outras, que as novas unidades a construir deverão dispor de uma autonomia de pelo menos 8 dias, o que equivale a dizer que deverão estar dotadas dos recursos que lhes possibilitem permanecer no mar durante tal período, sem necessidade de demandar terra para reabastecimento, e possuírem, além disso, os requisitos adequados para armazenamento e refrigeração do pescado capturado.

Estabelece ainda o mesmo despacho uma ordem de prioridade a observar quanto aos novos pedidos de construção e divide a costa continental em três zonas (norte, centro e sul) para efeito de descarga e venda do pescado das embarcações, cujos portos de registo se situem dentro de cada uma dessas áreas.

As medidas agora publicadas, atinentes ao desenvolvimento e valorização da frota de pesca artesanal e do arrasto costeiro, libertando estas actividades de alguns condicionamentos insere-se na linha de aperfeiçoamento da política económica da indústria da pesca, definida pelo titular da pasta da Marinha.

Ilídio de Almeida Dias

....E TAMBÉM

HOTEL DO GARBE

Armação de Pera

FOI PINTADO COM TINTAS EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve
‘ESTANTARTE’
REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.
Rua Aboim Acauanão, 54
Tel. 24787 FARO



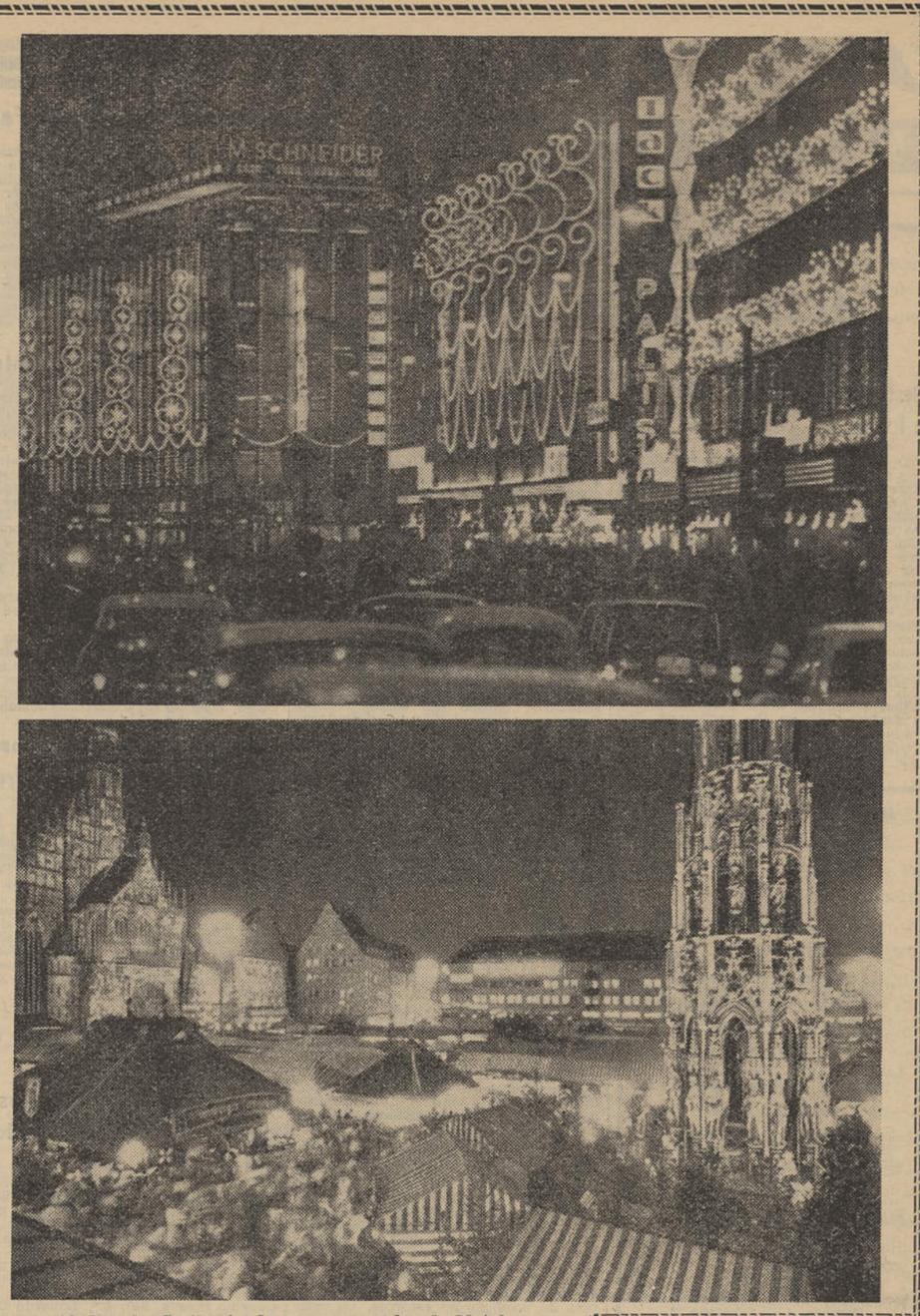
MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

Dois cidades alemãs iluminadas para a quadra do Natal, a moderna técnica e os velhos monumentos aliados em cascatas de luz

BRISAS do GUADIANA

Quadros da quadra festiva

EMBORA em toda a vila como que se respire um ar diferente, sente-se mais o ambiente festivo na Rua-Passeio Teófilo Braga, pelas luminárias que a revestem, pelo melhor arranjo que todos os comerciantes procuraram imprimir às suas montras e ao interior dos estabelecimentos, e no próprio jeito da rua, «sala de visitas» com mesas, cadeiras e flores, diferente das outras de onde a acalmia se arreda devido ao barulho e aos gases do trânsito motorizado.

Em quase todas as montras prevalecem as alusões à quadra que decorre: há brinquedos em profusão para os sapatos ou botas dos mais pequenos; há abundância de luzinhas coloridas, algumas em pesca-pisca; presépios (vimos um, original, armado no interior de um cântaro quebrado); árvores de Natal, melhor ou pior enfeitadas e recheadas, há, em suma, um empenho de integração e valorização que na verdade merece ser acompanhado pelo favor do público.

De dia, como de noite, nota-se fresco, um «fresco» que ao entardecer se acentua, fixando-se entre os 10 e os 12 graus positivos, mas que não afasta os passeantes das principais artérias, principalmente as garotas de maxi-saias, ou maxi-casaco, para quem o frio parece vir a calhar, os habituais frequentadores dos cafés, ou os cantores do «nasceninhos», com seus almofarizes, harmónicas e outro económico e adequado instrumental, bem embuçados nos melhores abrigos de que dispõem e que por vezes não passam de algum casaco herdado dos progenitores. Conhecendo ou investigando o meio, não há casa com melhor aspecto cuja porta lhes escape às tradicionais simfonias.

E assim prosseguem as celebrações do Natal, Ano Novo e Reis por estas sotaventinas bandas.

VOTOS PARA O ANO NOVO

Muita gente deita contas à vida por estas alturas da entrada no novo ano, pensa no que fez durante o que finda, e estabelece alguns planos, que nem sempre cumpre, relativamente ao que há-de vir.

Nestas «Brisas do Guadiana» em que à nossa peculiar maneira referimos o que vai de bom e de mau pela Pombalina Vila, agradando a uns, desagradando a outros e chateando a maior parte (haverá por aí quem conheça a forma eficaz de nos mantermos bem com todos?) não vamos falar, hoje do que gostámos de ver feito, que isso fica para uma das próximas semanas. Falaremos, sim, do que não chegámos a ver feito, embora lhe sobejassem referências, e que tanta falta faz em re-

gião com tantas qualidades para progredir, mas de onde o progresso não há meio de aproximar-se.

Primeiro, falaremos das obras da nova barra do Guadiana, cujo concurso foi anunciado e mais tarde cancelado. E que o Guadiana carece de uma barra nova e de que, entretanto, alguém olhe pela velha, se não queremos estar, dentro em breve, tão mal como estivemos há dois anos. Há que tratar o doente, antes que morra de novo.

Depois, falaremos da ponte sobre o Guadiana. Alguém, com responsabilidades, deu-a, há cerca de ano e meio, como quase pronta nesta data. Bem, esperamos pela anunciada e apregoada ponte sobre o Guadiana, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, e que ela venha, de facto, ajudar a periclitante economia das duas terras vizinhas e nunca resulte, por economia de materiais, ou quejanda, em novo e fragoroso prejuízo para ambas as terras, pelo distância a que se convenha construí-la.

E por último, que a crónica já vai longa e o espaço é curto, referiremos, não uma obra já para estes lados apontada, mas uma obra de que estes lados necessitam e que também confiam lhes não faltará: a zona de jogo na praia de Monte Gordo. Não vamos dizer que Monte Gordo tem cinco hotéis, e mais isto e mais aquilo. Só pedimos que nos indiquem, honestamente, uma praia que para progredir, reina e ofereça melhores condições naturais que Monte Gordo.

Previstas, como estão, duas zonas de jogo, uma para o Barlavento e outra para o Sotavento, votos fazemos, nesta secção em que se procura focar o que de bom e de mau vai pelo concelho de Vila Real de Santo António, que a Monte Gordo caiba uma dessas zonas. E é tudo. — S. P.

Novos dirigentes do Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, dos Escoteiros de Portugal

P ELO sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, delegado no Algarve dos Serviços Centrais da Associação dos Escoteiros de Portugal, foi proposta aos mesmos Serviços a nomeação para os cargos de subchefe do Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, daquela Associação e chefe de tribo do mesmo Grupo, dos srs. Romualdo Pescada e José André Andrade.

FRIEIRAS... QUE FLAGELO!!!

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEI-MAX», desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas.

À venda nas Farmácias

Realiza-se hoje o jantar de confraternização dos Antigos Alunos da Escola Industrial e Comercial de Faro

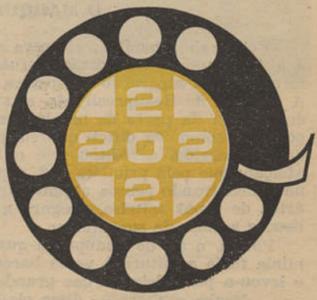
Promovido pela Comissão Organizadora da Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial e Comercial de Faro realiza-se hoje um jantar de camaradagem e convívio, na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve. As inscrições já recebidas fazem prever que se reunirão muitas e muitas dezenas de antigos alunos das Escolas Pedro Nunes, Tomás Cabreira, Serpa Pinto e da actual Escola Industrial e Comercial de Faro.

Televisão

Vende-se Telefunken, bom estado, motivo retirada. Resposta apartado 9 — TAVIRA.

Figo destilado de boa qualidade

Cada 200 litros, 5\$00. Garante-se figo até Junho. Empresa Destiladora do Algoz — Telef. 56114.



SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO